Prólogo

Trecho de *O Alfa e o Ômega: Considerações Historiográficas e Sociológicas*
Escrito por: Autor Desconhecido

Alfas e Ômegas são os blocos de construção da vida na Terra. O início e o fim das cadeias de DNA que codificam a sociedade. Ao conhecer um novo indivíduo, notamos primeiro sua designação, seja por meio de cheiro e feromônios, aparência física ou outros identificadores. (Por exemplo, há evidências de culturas antigas nas quais os Ômegas eram obrigados a usar trajes que denotavam seu status. Veja o tratado de Hollingsworth para uma exploração mais aprofundada do tópico.) Determinar a designação de uma pessoa levará a suposições sobre sua vida, preferências e futuro.

Um equívoco comum é que os Ômegas foram criados para o descanso, o refresco e o prazer dos Alfas. Na minha opinião, isso é altamente reducionista. O temperamento Alfa é agressivo e dominante; portanto, na sociedade altamente militarizada de hoje, os Alfas tendem a ocupar posições de comando. Essas características são complementadas pela natureza Ômega, que é contemplativa e pacificadora, e efetivamente une as pessoas.

Comunidades são unidas por Ômegas, mas protegidas por Alfas. Isso significa que os Ômegas são inferiores? Esta é uma questão de debate constante, improvável de ser resolvida tão cedo. A posição de cada um no debate é frequentemente influenciada por sua visão sobre uma noção controversa e pouco aceita: não costumava ser assim.

As antigas sociedades Terranas eram ricas em tecnologia e bem documentadas, mas a maioria dos registros se perdeu nas Grandes Catástrofes Naturais e, posteriormente, na Ruptura da Inteligência Artificial. Portanto, os historiadores não conseguiram concordar que, há vários milênios, todos os humanos eram Betas, que as variações neuroquímicas que produzem outras designações não ocorreram e que o ritmo da vida não foi ditado pelos fluxos e refluxos dos ciclos de acasalamento, como os cios dos Alfas e os cios dos Ômegas.

Esta é uma noção radical, e mesmo aqueles que defendem a Hipótese Beta Padrão não têm evidências conclusivas para ela. Alguns (veja Hollingsworth, novamente) argumentam que ela foi causada por uma mutação genética aleatória que afeta o desenvolvimento na fase embrionária (embora o trimorfismo Alfa/Beta/Ômega só apareça quando a pessoa atinge o final da

adolescência, após o processo de apresentação). Outros (veja Anand) acreditam que, quando os cientistas se trancaram em laboratórios para encontrar a cura para as doenças que dizimavam a população em declínio, eles criaram um microrganismo que alterou toda a composição orgânica da espécie.

Independentemente de suas origens, as designações tendem a ser constantes: Betas de todos os gêneros são sexualmente neutros; Ômegas de todos os gêneros podem ser identificados por suas glândulas odoríferas e são altamente férteis; Alfas respondem aos Ômegas tanto hormonal quanto anatomicamente. Betas e Alfas representam, cada um, pouco mais de quarenta por cento da população, com os quinze por cento restantes sendo Ômegas. Dada a relativa escassez destes últimos, não é surpreendente que os pares Beta/Ômega sejam bastante raros e que muitos Alfas levantem objeções a eles.

Capítulo 1
O GENERAL

Gabriel

Minha espada desliza para fora do abdômen do Alfa com um som de esmagamento lúgubre. Ao meu redor, a batalha continua, lâminas de plasma colidindo contra armaduras de metal, ossos se estilhaçando, gritos de dor engolindo grunhidos de esforço, mas eu ignoro. Meus lutadores sabem como se defender de um ataque surpresa, mesmo um em que estejam em grande desvantagem numérica — se não soubessem, já teriam ido para Valhalla há muito tempo. Então, deixo-os com sua diversão e me agacho para inspecionar o corpo sem vida caído no chão de pedra da minha sala de operações, onde uma poça de sangue viscoso já está se infiltrando nas linhas de argamassa.

Sou inundado por uma irritação instantânea. Comigo mesmo. "Puta merda", murmuro.

"Está tudo bem, General?", pergunta Martia, minha subcomandante, sem fôlego. Ela termina rapidamente de estrangular o Alfa preso sob sua axila, o derruba e enxuga um cacho loiro e suado da testa. "Eles te pegaram?", ela faz beicinho. "Temos um machucado nas mãos, Gabriel?"

Resmungo em desgosto. "Eu estraguei tudo."

Ela ergue a sobrancelha e olha ao redor da sala. A luta acabou, e o chão agora está coberto de cadáveres de soldados Alfa. "Remorso de assassino? Isso é novidade."

"Eu quis dizer que eu deveria ter quebrado o pescoço deles. Malditos sangrentos." Agora o fedor de ferro vai pairar na suíte por dias, e é para lá que eu faço todas as minhas malditas reuniões. Em retaliação mesquinha, limpo minha espada na cabeça do corpo mais próximo — quando se trata de absorver sangue, não há nada tão confiável quanto cabelo — e, assim que a lâmina de liga de memória retorna à sua forma original mais compacta, eu a embainho na bainha traseira e pergunto: "Quem diabos eram esses idiotas e como eles entraram em uma zona de alta segurança?"

É uma pergunta justa, especialmente considerando que o ataque interrompeu uma reunião privada entre mim e três dos meus assessores mais próximos, convocada para discutir a mais recente série de ataques cada vez mais ousados. E, no entanto, um silêncio incerto se estende pela sala ensanguentada, até que Martia começa a falar com sua voz de repórter. "Eram dez Alfas — um número bem redondo, e o dobro do último grupo, o que é... lisonjeiro, talvez? Seis homens. Eles invadiram e foram direto para o senhor, General, então podemos facilmente deduzir quem eles estavam procurando. Acredito que você e eu matamos quatro cada. Ivar pegou um..."

"Dois", corrige Ivar, parecendo profundamente entediado. Meu irmão, que

também é meu principal conselheiro político, pode ser um lutador habilidoso por necessidade, mas acha que a violência física não é nada boa para ele. Deslealdade, intrigas, tramas maquiavélicas — é assim que ele prefere lidar com seus inimigos. Típico Ômega.

"Peço desculpas. O Ivar pegou *dois* , o que não deixa nenhum para o Bastian. Bastian, você tentou pegar algum ou simplesmente saiu do caminho discretamente para evitar respingos de sangue?"

"Essa é uma camisa nova", diz Bastian, formalmente.

— Eu sei que é, porque *comprei* para você. Então Bastian não recebeu nada, e...

"Obrigada, Martia", interrompo. "Estou muito feliz em descobrir que você sabe contar até dez. *Quem são eles* ?", perguntei.

"Certo. E ignorei essa parte da pergunta porque, como em todas as outras vezes, os atacantes estão usando armaduras baratas e sem identificação, além de armas de baixa qualidade que qualquer um poderia comprar no mercado negro."

“Da próxima vez, *não sei* se será suficiente.”

Martia bufa e resmunga algo nada lisonjeiro sobre minha capacidade de lidar com a incerteza, e penso em esquecer que ela é minha amiga mais antiga e leal e lembrá-la de nossas respectivas posições.

Mas Bastian interrompe: "Isso pode ser uma pista." Com a ponta de sua bota de couro ainda imaculada, ele rola o cadáver de uma mulher Alfa. Na parte interna do braço dela há uma marca disforme, como se alguém quisesse mutilar a carne para esconder a marca por baixo. Uma tatuagem, possivelmente. "Grande o suficiente para cobrir o símbolo de Larsen", ele reflete.

Larsen.

Fiquei me perguntando quando esse nome surgiria.

"E quanto a como eles passaram pelos exames de retina, Gabe, como especialista em estratégia militar", diz Ivar secamente, "acho que isso pode ter algo a ver com isso." Ele se abaixa para pegar algo, então levanta o braço, mostrando algo amorfo e manchado de vermelho.

foda-se " murmurado por Martia ecoa pela sala. É então que percebo que Ivar está agarrando um tufo de cachos castanho-claros, ainda presos a uma cabeça. Uma cabeça decepada, de boca aberta. De olhos arregalados, também, porque as pálpebras foram arrancadas. No entanto, uma rápida olhada ao redor da sala me diz que nenhum dos corpos foi decapitado.

"Quem diabos...?" Aproximo-me da cabeça. A incisão começa na base da garganta — um trabalho limpo, quase cirúrgico, recente o suficiente para que o inchaço e a decomposição ainda não tenham se instalado e as feições permaneçam reconhecíveis.

E eu os *reconheço* . Pertencem a um jovem soldado Beta designado para

guardar a entrada da ala tática. Nos três anos desde que me tornei general da fortaleza mais ao norte, passei por ele centenas de vezes. Se algum dia soube seu nome, não me lembro mais. Lembro-me, no entanto, de que sua cerimônia de insígnia de patente aconteceu há apenas algumas semanas. Seus pais estavam presentes e estavam tão orgulhosos dele por se tornar um membro do exército de engenharia que choraram durante todo o serviço.

Daqui a algumas horas, alguém aparecerá em seus aposentos para informá-los que seu filho está morto.

Fecho os olhos. Inspiro fundo, tentando afastar a raiva. Quando ela me domina de qualquer maneira, dou um passo para mais perto de Ivar e descarrego tudo nele. Com os dentes cerrados, digo: "Duas semanas atrás, depois que sabotaram os escudos e quatro engenheiros foram mortos tentando consertá-los, eu disse que, se não agíssemos logo, algo assim aconteceria."

"E mantenho tudo o que disse naquela época, Gabriel." Os olhos de Ivar fixam-se nos meus. Meu irmão mais velho é meu braço direito. A mente mais brilhante entre as dezenas de milhares de pessoas que buscam refúgio dos elementos nesta fortaleza. É graças somente às suas estratégias que organizações populares como as Forças Armadas — e eu, como seu general — detemos atualmente mais poder político do que nunca na memória recente.

No momento, porém, estou pouco me lixando. "Sete ataques, Ivar. E isso só desde o começo do ano. Pelo menos duas dúzias de vítimas. Há duas semanas, pedi ao conselho que levasse a Casa Larsen à justiça."

“E eu disse para não fazer isso, porque sei como o conselho pensa. Eles jamais apoiarão os militares em detrimento dos nobres, a menos que tenhamos provas irrefutáveis de que a Casa Larsen está por trás desses ataques ilegais. Se exagerarmos e agirmos sem provas concretas, todas as casas nobres verão isso como um exagero e se unirão a Lorde Larsen.”

Antes que meu irmão pudesse terminar o discurso, eu o prendi contra a parede e desembainhei a adaga em meu quadril, pressionando-a contra sua garganta. A explosão imediatamente me animou. Ivar pode odiar violência, mas às vezes é exatamente o que uma situação precisa. *Típico Alfa* , ele diria. E ele estaria certo.

“Gabriel, estou apenas lhe dizendo —”

"Eu sei. Por favor, continue me *dizendo* por que tenho que deixar esses desgraçados entrarem na *minha* casa e matarem *meu* povo —"

"Gabriel", diz Martia, passando a mão em volta do meu ombro. "Ivar tem razão. Nada disso é culpa dele."

Eu a ignoro, porque ainda não terminei. "Durante a última Maré Baixa, eles foram diretamente responsáveis pela morte de sete dos meus melhores mecânicos, alguns dos quais trabalhavam há mais tempo do que eu, e um deles

era nosso tio."

"General Agard." A mudança de Martia para o meu título é um lembrete nada sutil de que meus dias de lidar com os problemas como bem entendesse acabaram. Não sou mais um recruta que se alistou porque o exército era a única maneira de evitar que minha família morresse de fome. Eu comando essa porra agora. "Você pode ser razoável por um segundo?"

"Não é exatamente por isso que sou conhecido", digo, olhando para Ivar. Mas ele está notavelmente despreocupado para alguém que está a um suspiro profundo de uma garganta cortada. Dou um passo para trás e guardo minha adaga na bainha, bem a tempo das portas automáticas se abrirem. Uma dúzia de soldados invade a sala, prontos para nos proteger de um ataque que havia terminado há cerca de cinco minutos.

"Antes tarde do que nunca", eu grito, trocando um revirar de olhos com meu irmão.

Um dos comandantes oferece desculpas e pedidos de desculpas, seguidos de um relato detalhado das vítimas mortas pelos agressores antes de chegarem à sala de operações. Enquanto Martia cuida delas e supervisiona a remoção dos corpos, dou alguns passos para o lado e respiro fundo, tentando conter o rugido em meus ouvidos — aquele que me rosna para agarrar o punho da minha espada e ir até o quartel-general da Casa Larsen e enfiar minha lâmina em cada membro repugnante. Em vez disso, apoio a palma da mão em uma das vigias voltadas para o oeste, deixando o frio vidro de carbono me triturar.

As janelas são altas como dois homens, de molduras grossas e imponentes. Durante as marés baixas, a luz do sol entra por elas e atravessa a pedra bruta e o aço do piso da fortaleza. Mas a maré subiu há semanas e, desde então, permanece vários metros acima do penhasco mais alto das Terras do Norte. Tudo o que se vê além do vidro são os peixes nadando, perturbando os padrões azuis e nebulosos que se infiltram lá dentro, projetando sombras sobre minha mesa redonda manchada de sangue.

Não vemos o sol há quase dois meses. As lâmpadas embutidas nos nichos da parede fornecem a iluminação necessária, mas a luz artificial que emana delas é fraca e me dá coceira. Quando eu era criança, uma High tão longa era inédita. Agora é a norma.

E é por isso que plebeus como eu finalmente têm um lugar à mesa. Quando toda vida humana está à mercê das marés, o poder é o meio de proteger a si mesmo e aos seus. Nas Terras do Norte, a segurança só pode ser encontrada dentro da fortaleza. Ela possui estruturas à prova de inundações que selam a pedra contra a entrada de água salgada e sua corrosão: portões estanques e pequenas cúpulas, instrumentação de previsão, detecção de dilúvio, filtragem de ar e aparelhos de armazenamento de energia. Os soldados engenheiros do

exército são os únicos que podem garantir a integridade e a manutenção desses sistemas. Somos tudo o que existe entre os humanos do norte e a morte certa, e nossa ascensão política é justificada.

As casas nobres, no entanto, estão tendo dificuldade em aceitar isso. Suas riquezas podem ter séculos de idade, mas, à medida que o mar se torna mais hostil, seu poder financeiro continuará a declinar.

Quando me tornei general, meu primeiro pedido ao Conselho dos Anciãos foi simples: taxar as Casas e usar uma parcela razoável de sua riqueza para financiar a manutenção e as reformas da fortaleza. O conselho recusou — o que não é surpresa, considerando que a maioria de seus membros é de origem nobre. Eu estava pronto para tomar à força o que meus engenheiros militares precisavam, mas Ivar sugeriu que esperássemos, e ele estava certo. Meses depois, após um declínio acentuado na infraestrutura, o descontentamento entre os plebeus estava no auge. Quando propusemos novamente nossa reforma tributária, o conselho não teve escolha a não ser fazer o que pedimos.

Foi então que as Casas perceberam que sua perda de relevância era inevitável. Suas reações variaram da aceitação relutante à animosidade declarada, mas, uma a uma, tiveram que reconhecer que os militares eram sua única esperança de sobrevivência e, por fim, todas se submeteram à decisão do conselho e começaram a cooperar conosco.

Todos, exceto o mais antigo e próspero: a Casa Larsen.

Eles sabem, tão bem quanto eu, que o que está em jogo é o futuro da fortaleza. O que eles querem é estar no comando e não abrir mão de um pingo sequer de seus privilégios. O que *eu* quero é criar um lugar onde os plebeus tenham os mesmos direitos que a aristocracia. Suas tentativas de sabotar a mim e ao meu povo para manter o status quo foram descaradas, mas segui o conselho do meu irmão e exerci a contenção — o que não é exatamente minha qualidade mais brilhante. Disse a mim mesmo que Ivar sabe como explorar uma situação para alcançar o resultado ideal. Seu objetivo, assim como o meu, é reduzir a desigualdade de recursos entre a população e pôr fim a séculos de ganância desenfreada. Ele mais uma vez me disse para esperar o momento certo, e eu mais uma vez concordei.

Mas estou sem paciência nenhuma.

Afasto-me das janelas e descubro que os corpos foram arrastados. Sentindo-me mais tranquilo, junto-me a Martia, Bastien e Ivar à mesa.

"Vai ser muito difícil limpar todo esse sangue", diz Bastian maliciosamente.

Martia arqueia a sobrancelha. "Diz o cara que faz a limpeza."

“Sou o *senescal* do general. Meu trabalho é cuidar da casa dele e de seus negócios, não esfregar sangue e massa encefálica do chão. Sem mencionar o descarte dos corpos.”

"Quieto", eu digo, o que faz Martia soltar uma risadinha silenciosa e os lábios já finos de Bastian se tornarem invisíveis.

"Sim, sinta-se à vontade para manter a rotina de acasalamento para o seu tempo sozinho", acrescenta Ivar. "Voltando ao assunto em questão."

"O que só é um *problema* porque você não me deixa matar pessoas", eu aponto sombriamente.

“Você não é mais um engenheiro de baixa patente, Gabriel. O general do exército se reporta ao conselho, e seu comportamento deve ser irrepreensível. O que, gostaria de lembrá-lo, é algo *bom* . Caos e opacidade criariam espaço para a ditadura, que é exatamente o que nobres como Lorde Larsen desejam. Você mesmo disse que, como general, protegeria os sistemas de freios e contrapesos que...”

"Eu mudei de ideia."

"Não, você não fez isso."

"E ainda assim, eu vou matar o Lorde Larsen, e você não pode me impedir." Dou de ombros, e Ivar suspira.

"Se atacar agora, sem provas, será visto como um general instável e volátil. Matar mais pessoas não vai resolver nada."

Eu zombo. "Matar pessoas sempre vai resolver *alguma coisa* ."

"Falou como um Alfa. Os costumes sociais são importantes —"

"Falou como um maldito Ômega."

Trocamos pequenos sorrisos divertidos, quase contra a nossa vontade. "Gabriel, se você retaliar fora da lei..."

"Então me encontre uma maneira legal. Faça a sua mágica. Me aconselhe. Faça a sua porra de trabalho."

“Sim, sim. Tenho considerado planos estrategicamente sólidos que não levem à censura do conselho e não alienem o público. Mas nenhum deles é infalível, e você não vai gostar daquele com o prazo mais curto.”

"Você acha que eu *gosto de* ficar de braços cruzados enquanto um merda que nunca tocou num soldador de polietileno mata meu pessoal? Fala logo."

Meu irmão estremece, claramente já arrependido do que mencionou. Mas, depois de um olhar pesaroso para os outros, ele usa a palma da mão para limpar algumas gotas de sangue do console holográfico no centro da mesa. Enquanto a máquina ganha vida, ele pergunta: "Você sabia que a cerimônia de acasalamento de Lennart Larsen acontecerá em dois dias?"

Não, mas ainda assim concordo. "Vamos atacar enquanto eles estão todos reunidos para comemorar e acabar com a Casa inteira. Ótima ideia."

"Porra, não." Ivar massageia a testa. "Você ao menos sabe quem é Lennart?"

"Você sabe que eu não dou espaço para essa merda." Não é totalmente verdade. Lembro-me dos nomes e rostos de todas as pessoas com quem servi

desde o dia em que menti sobre minha idade e entrei para o corpo de engenheiros. Mas isso foi antes mesmo de eu me dar conta, o que me deu pouco tempo para gastar em qualquer coisa que não fosse aprender a consertar os sistemas de filtragem de água — e a me defender de um réptil semiaquático três vezes o meu tamanho *enquanto* fazia isso. Ser soldado significa lidar com problemas com a minha espada. Ponderar opções, tecer teias, manter o controle de árvores genealógicas, contingências e responsabilidades — esse é o dever de Ivar.

"Lennart é o terceiro filho de Lorde e Lady Larsen." Ele mexe nos controles e abre a projeção holográfica de um jovem sorridente que provavelmente tem mais ou menos a minha idade, mas parece consideravelmente mais jovem. Cabelo castanho-claro. Queixo caído. Uma mecha de cabelo cai sobre sua testa larga. "Quarto filho no geral."

"Bonito", comenta Bastian, o que faz Martia encará-lo — sem dúvida o resultado desejado.

"Ele não é o herdeiro, é?" pergunto.

"Não", diz Ivar. "Nem o estepe. Lennart é um Beta."

“Eu não sabia que os Larsens não vinham em Alpha”, reflete Bastian.

Martia bufa. "Um momento de silêncio sobre como deve ter sido crescer naquela Casa como Beta."

"É", Ivar dá de ombros. "Bem, duvido que o pai dele tenha prestado muita atenção nele, mas ouvi dizer que ele é um filhinho da mamãe."

“E tudo isso importa porque…?” pergunto, ficando impaciente.

"Porque em tempos como os nossos, tudo importa." A mão de Ivar envolve meu ombro. "Os sábios veem oportunidade no comum."

"Claro que sim. Mas você claramente não vai me deixar invadir a cerimônia de acasalamento dele e transformá-la em um funeral, então sinta-se à vontade para transmitir a Lennart e sua companheira sortuda minha indiferença às suas próximas núpcias." Eu não poderia me importar menos. No entanto, sinto uma pontada passageira de desprezo por quem se uniria voluntariamente a uma Casa tão moralmente falida.

“A companheira sortuda é a filha de Kuznetsov.”

Isso me faz refletir.

Sigur Kuznetsov era um dos engenheiros-chefes das Terras do Norte, um herói sempre na linha de frente quando se tratava de consertar brechas nos sistemas anti-inundação. Um homem altruísta com um histórico impecável, alguém que arriscou a vida para proteger as pessoas em todos os níveis da fortaleza. Trabalhei em sua unidade quando era adolescente e tinha muito respeito por ele. Eu o considerava um mentor, e sua morte prematura foi uma perda terrível para os militares. Sua filha, no entanto...

Ivar abre a holografia: a qualidade é baixa, mas consigo distinguir uma garota séria, com sardas e cabelos que caem em cascata pelas costas como ouro-escuro. Seus olhos são do mesmo verde-escuro que os de Kuznetsov. O rosto em formato de coração também me lembra dele. Acho que nunca nos conhecemos pessoalmente, mas a conheço. E queria que ela fosse se foder.

"Essa é a vadia que não nos deixou comparecer ao funeral de Kuznetsov?", pergunta Martia.

"Ela é", confirmo, sem me preocupar em esconder minha raiva.

"O nome dela é Sofia Kuznetsov. E há algo muito curioso nessa união." Os dedos de Ivar tamborilam na mesa de pedra. "Por exemplo, que eu só soube desse acasalamento alguns dias atrás."

"Apesar de a missão da sua vida ser saber de tudo." Martia franze a testa. "Espere. As Grandes Casas não costumam publicar avisos sofisticados?"

Ele assente. "Mas não desta vez. Os Larsen estão mantendo a notícia desse acasalamento em segredo. Eu talvez nunca tivesse descoberto se não fosse por dois servos Larsen se drogando com veneno de caracol com um dos meus informantes."

"Se ela é filha de Kuznetsov, é uma plebeia", ressalta Bastian. "Talvez eles tenham vergonha do status dela."

Ivar balança a cabeça. "A mãe dela era uma dama. Uma Beta da Casa Kellen."

"Certo", diz Martia. "Lembro-me de ouvir que o casamento dela com Kuznetsov foi um escândalo, porque ela deveria se casar com alguém da Casa Durand. Ela morreu há muito tempo, certo?"

Ivar assente novamente. "Ela morreu há quase vinte anos, deixando seu companheiro sozinho para cuidar de sua filha recém-nascida. Que, ao contrário de seus pais Beta, passou a se apresentar como uma Ômega."

Martia ri uma vez, amarga. "Aí está. Se Lennart Larsen, um Beta, está prestes a acasalar com a garota de Kuznetsov, que é uma Ômega... eles não vão querer que as pessoas saibam." O desprezo em seu tom não se deve à intolerância, mas sim ao simples pragmatismo: dada a relativa raridade dos Ômegas, perder um para um Beta vai irritar qualquer Alfa não acasalado, ainda mais se o Ômega for de ascendência nobre. Sem mencionar que, para as Grandes Casas, qualquer coisa fora do caminho escrito — Alfas com Ômegas, Betas com outros Betas — raramente é considerada aceitável.

"Ok", eu digo. "Os Larsen estão se tornando pessoas melhores e menos críticas. Continuo não comprando um presente de acasalamento para eles."

"Eu não iria tão longe", Ivar me diz. "A garota é uma Ômega, mas é fria."

Um silêncio profundo se instala. Porque ômegas frios são vistos como uma tragédia. Eles geralmente exibem todas as características físicas de ômegas, mas

nunca conseguem se apresentar completamente como um só. *As peças estão lá, mas elas não funcionam bem ,* ouvi alguém dizer isso cruelmente uma vez.

Pessoalmente, sempre achei besteira a forma como ômegas frios são tidos como pena por todos na sociedade. Tenho certeza de que a condição deles não os impede de viver vidas plenas. Mas para os nobres, que frequentemente veem ômegas como máquinas de procriação, eles não passam de aberrações. É por isso que eu digo: "De jeito nenhum Lorde Larsen vai deixar o filho dele acasalar com ela."

"Não se Lennart fosse seu sucessor", concorda Ivar. "Mas Lennart é o mais novo e um Beta. Este é um casamento por amor. Ele e a garota cresceram juntos. Mesma idade. Melhores amigos. Para crédito de Lennart, ele não é tão preguiçoso quanto poderia ser. Ele trabalha como curandeiro, assim como sua futura companheira."

Qualquer simpatia que eu sentisse pela Ômega desaparece quando me lembro de suas ações após a morte do pai. "Bom para eles. Claramente, a garota e o pirralho Larsen se merecem. Podemos, por favor, voltar para mim cortando as cabeças de toda a Casa...?" Eu lentamente divago.

Porque Bastien, meu senescal normalmente sisudo e sem humor, está rindo. E rindo. E *rindo* . É uma visão estranha e perturbadora, especialmente em uma sala pintada de sangue.

"O que diabos há de errado com você?", pergunto categoricamente.

"Ah, nada. Acabei de perceber para onde o Ivar está indo."

Martia e eu trocamos um olhar confuso. Claramente, não estamos acompanhando os Ômegas e suas tramas.

"Você poderia nos esclarecer também?", ela pergunta, tão irritada quanto eu.

"Existe uma lei. Uma lei arcaica, raramente invocada. Uma lei que data de muito tempo atrás, mas não importa", diz Ivar. "Você não vai gostar, Gabriel." Uma pausa. "Mas você vai aceitar mesmo assim."

Levanto uma sobrancelha. "E por quê?"

Ele se inclina para a frente com um sorriso. Seus incisivos brilham, predatórios. "Porque é assim que nos livramos de Lorde Larsen de uma vez por todas."

Capítulo 2
O CURADOR

Sófia

É difícil acreditar que a Terra não tenha sido sempre assim. E, no entanto, a menos que os poucos escritos que sobreviveram às Grandes Catástrofes estejam cheios de mentiras, este é o pior momento possível para se viver neste planeta.

Como humanos, os peixes estão se divertindo muito.

Dizem que antigamente, há milhares de anos, as marés podiam ser previstas com precisão, mesmo com vários anos de antecedência. Que mesmo nas condições mais extremas, a água não subia mais do que quinze metros. Que moradias — vilas, cidades, *povoados* — eram construídas em locais que jamais seriam submersos, e que o solo seco era algo natural. Uma presença constante. Solo firme.

Agora tudo está sem raízes, escorregadio, sempre em mudança.

Minha mãe morreu quando eu ainda era jovem demais para criar memórias dela, mas ela gostava de história. Deixou para trás vários hologramas cuidadosamente guardados em uma caixa de metal com o brasão da Casa Kellen gravado em relevo. Nos vídeos, vi mais tipos de plantas do que minha imaginação jamais poderia imaginar, muitas das quais morreram por não tolerarem a água salgada. Não apenas manguezais e ervas marinhas, salicórnias e pântanos salgados. Não florestas feitas exclusivamente de algas marinhas, ou muros de pedra cobertos de algas escorregadias e viscosas e cracas.

Séculos atrás, as árvores se erguiam altas e altivas, altivas ao céu. Não precisavam se contorcer e se enroscar em direção ao chão para não serem arrastadas pela próxima correnteza. E o ritmo de suas vidas — o ritmo da vida *de todos* — costumava ser medido não pelas marés, mas pela luz do sol.

Sei que tecnicamente isso não mudou. Sou culto e meu pai era um homem da ciência: *sei que* o sol nasce no leste todas as manhãs e se põe no oeste todas as noites, que um dia é feito de 24 horas e que calendários, relógios e iluminação artificial trabalham duro para marcar o tempo. Mesmo assim, sempre achei a ideia de um *dia* sem sentido. Afinal, a luz viaja mal pela água e raramente nos atinge de forma significativa quando estamos submersos. São as marés que sempre ditam meu sono, meu trabalho, meu humor. Os altos significam ficar preso dentro de casa com ar reciclado, superfiltrado e seco em ambientes muito próximos. Os baixos são aventuras preciosas, o cheiro do ar salgado, a combinação única de brisa fresca e sol contra minha pele.

Os momentos baixos são bons, mas nunca duram muito.

No século passado, engenheiros tentaram usar tecnologias antigas para prolongá-los: represas. Submarinos. Todos os tipos de embarcações. Mas, após o derretimento das geleiras e o aumento dos ciclones, após a pilhagem do leito

marinho e o deslocamento das placas tectônicas que uniram a Terra, o oceano não é mais o que era. As correntes são muito fortes e imprevisíveis, e a única esperança de sobrevivência quando elas sobem é recuar para dentro da fortaleza e rezar para que o Pai de Todos não deixe o sistema de vedação estanque falhar.

De acordo com as histórias, a humanidade tentou compreender e mudar o mundo que a cercava. Observou com curiosidade o seu lugar no universo, ponderou maneiras de se aprimorar como espécie e buscou viajar e explorar novos mundos.

Agora seria ótimo se sobrevivêssemos até a próxima baixa.

"Está tudo bem, Curandeiro Kuznetsov?", pergunta Ulf, me tirando do meu devaneio. "Você está olhando pela janela e preparando essas bandagens há um tempo."

"Sim. Sim, desculpe." Com um sorriso de desculpas, me obrigo a focar em seu rosto envelhecido. "Vou te remendar rapidinho."

Ulf é um soldado que está no corpo de engenheiros há muito tempo, mas nunca o tratei antes. Tenho-o visto com mais frequência desde que o General Agard anunciou o início dos *esforços para garantir que a fortaleza seja segura em todos os momentos e capaz de acomodar humanamente pessoas de todas as classes sociais* . Ulf, como a maioria dos engenheiros, está a gostar deste novo mandato e finalmente a receber crédito pelo seu trabalho árduo. Não o culpo nem um pouco — aliás, sei que, se o meu pai ainda estivesse aqui, eles celebrariam juntos. Provavelmente também se magoariam juntos.

Daí a minha presença aqui.

A poucos metros de nós, seus colegas soldados estão fechando uma das vigias após encontrarem sinais precoces de fraturas por estresse. Não é bem um código vermelho, mas é uma situação urgente o suficiente para justificar o envio antecipado de uma equipe dedicada para a ala norte.

Eu não deveria ter vindo hoje. Mas a fortaleza se estende por quilômetros, então pode levar um tempo para chegar à enfermaria, e outra regra do General Agard é que um curandeiro deve estar sempre no local. Como a maioria dos meus colegas está atualmente participando dos trabalhos de expansão perto da torre sul, me ofereci para ir a campo.

E *então* me lembrei que dia é hoje.

É melhor não ser pego, senão estou ferrado.

"Tem alguma coisa em mente, garoto?", pergunta Ulf.

Não me dou ao trabalho de dizer a ele que, aos 22 anos, já faz um tempo que não sou mais criança. "Não, não. Eu sempre me distraio quando as altas duram tanto."

Ele bufa. "Eu não sei. E está piorando. Minha mãe disse que, quando ela nasceu, a água não chegava nem ao topo da torre leste. Hoje em dia, ela

submerge a torre *sul* por vários metros. Por outro lado, minha mãe também insistia que ainda existia terra firme não submersa. Outros *continentes* , ela os chamava. Bem no sul. Muitas noções estranhas na cabeça daquela mulher."

Contenho um revirar de olhos. Tive essa mesma discussão com Lennart semana passada, e a reação dele foi tão condescendente quanto a do Ulf.

"Não é *tão* estranho assim. Alguns até acham que pode haver outras fortalezas como a nossa, com ainda mais gente do que esta." Retiro delicadamente a cueca de Kevlar azul-exército de sua coxa, colocando-a de lado e descobrindo o fino traje de engenharia por baixo. "Não é legal a ideia de que talvez não estejamos sozinhos?" Que, se não estivermos felizes aqui, nesta fortaleza, pode haver outro lugar onde possamos estar?

"Difícil de acreditar, com picos como esses... O último surgiu tão repentinamente que destruiu boa parte do progresso de expansão que fizemos durante o pico anterior." Ele suspira e aponta para o corte na perna, logo abaixo de onde terminava sua cuisse. "E agora estou ferido, desperdiçando um tempo precioso."

"Você está indo muito bem", eu o tranquilizo. "Posso revestir seu ferimento com colágeno, mas primeiro preciso usar um desinfetante ácido. Estamos com tão pouca anestesia que fomos obrigados a racioná-la para uma cirurgia de grande porte até que possamos coletar mais matéria-prima durante a próxima Baixa. A outra opção é menos dolorosa e envolve suturar o corte com fita adesiva, mas levará muito mais tempo para cicatrizar."

"Vou tomar o colágeno. Eu consigo lidar com isso."

Baixo a cabeça para esconder um sorriso. Cuido dos soldados engenheiros há quase dez anos, primeiro como aprendiz, depois como curandeira. Nenhum deles jamais escolheu a segunda opção. "Então, tudo bem. Vou te segurar, só para garantir que você não se mova acidentalmente durante o tratamento. Isso vai minimizar a cicatriz e..."

“Não precisa, não precisa.”

Ah, não. Ele é um desses ... — Senhor, eu preferiria que...

"Não sou novo aqui, garoto. Já tive ferimentos muito piores. Não preciso de contenção."

Suspiro fundo diante da teimosia previsível dos Alfas mais velhos. Normalmente, eu o empurraria e o forçaria a usar um arreio. Mas nenhum dos meus colegas está por perto, e eu sei que não devo brigar com um Alfa quando estamos sozinhos. "Muito bem", digo, inclinando-me para a frente para cuidar do ferimento.

Ele recua antes mesmo que eu o toque, arregalando os olhos de repente em choque. Finjo não notar, porque essa é uma experiência recorrente para mim — um Alfa sentindo o meu cheiro e percebendo que sou um Ômega.

É por isso que evito ao máximo me aproximar de pessoas que não conheço bem. Tudo em mim grita *Beta* , e fico feliz em deixá-los continuar presumindo que é isso que eu sou. Afinal, sou alta e meus músculos são fortes. Meu cheiro é fraco. Não exalo o tipo de apelo suave e sensual que desperta o instinto protetor de um Alfa. Simplificando, não sou como um Ômega deveria ser.

E há uma razão para isso.

Infelizmente, não consigo identificar o momento exato em que Ulf percebe a natureza da minha condição, porque seu rosto se enche de algo que parece pena demais para o meu gosto, e ele não me olha mais nos olhos.

Eu *odeio* isso. Tanto que disfarço com um sorriso rápido. "Pronto?", pergunto, enfiando a mão na parte de trás da minha calça marrom de algodão do uniforme. Pego meu canivete e o uso para cortar ainda mais o tecido da calça dele. "Vou derramar o desinfetante. Vai doer."

— Você já disse isso. E como eu lhe disse...

Tudo acontece muito rápido e, na maior parte do tempo, tenho orgulho da minha reação. Ulf pode ter passado por *algo muito pior* , mas no segundo em que o ácido se acumula no ferimento, ele grita como se eu estivesse espremendo suas entranhas para fora do corpo. Sua perna se estende reflexivamente em um chute, mas eu esperava por isso e desviei facilmente do golpe.

O que eu *não* esperava era o soco. Seu punho atinge meu olho com tanta força que eu caio para trás, primeiro de bunda, depois de barriga para cima, o chão frio de pedra batendo com força na minha nuca.

Bem , acho que fiquei mortificado. *Essa foi a primeira vez.*

— Desculpe... Curandeiro? *Curandeiro?* Não sei o que deu em mim! Eu não queria...

"Está tudo bem. Não dói", minto, profundamente irritada comigo mesma por ter permitido que isso acontecesse.

O homem continua pedindo desculpas, mas eu o ignoro e fico ali deitada por um minuto, refletindo sobre a minha vida. Quando finalmente abro os olhos, um rosto familiar me encara com uma expressão carrancuda.

"Ah. Oi."

"Sof", diz Lara Larsen. Minha melhor amiga. Minha futura cunhada. "Que diabos você está fazendo num local de soldagem, logo hoje?"

"Estou bem. Mas obrigada por perguntar."

"Por favor. Eu imploro. Diga que você não vai aparecer na *sua própria cerimônia de acasalamento* com um olho roxo."

Não posso dizer isso a ela. Então, olho para o teto e escolho o silêncio.

Capítulo 3
O NERVOSIOSO

Sófia

O elevador avança rapidamente em direção aos andares residenciais, tão rápido que desisto de tentar dar uma olhada pelas vigias.

Lara esconde o rosto entre as mãos. "Meu irmão vai me matar."

Dou um tapinha no ombro dela. "Lennart é preguiçoso demais para cometer assassinatos, senão você já estaria morto há muito tempo."

"Ele me contou. Ontem. Semana passada. Ele disse: 'Não a deixe ir trabalhar no dia da cerimônia'. E eu disse: 'Pfft.'"

"Pfft?"

"Sim. Pfft. Tipo, *pfft, ela não vai trabalhar. Pfft, por que você pensaria isso?* "

Diga o que quiser sobre meu relacionamento com Lennart, mas ele me conhece muito bem. "Foi um crime sem premeditação. E um turno de rotina. Se o cara não tivesse..."

"Ah, cala a boca. Isso vai inchar." Ela se aproxima para cutucar minha bochecha ainda latejante, e eu pulo para trás com um grito de dor, segurando a lateral do rosto.

"Está tudo bem."

"Já está ficando roxo. Lindo. Simplesmente lindo."

“É apenas uma cerimônia de acasalamento, Lara.”

"É a sua cerimônia de acasalamento, e é em três horas, Sof. Lennart vai ficar muito puto. Mamãe nunca mais vai falar comigo. Papai também não, mas isso *já é* uma realidade."

Duvido que Lennart se importasse se eu aparecesse com algas marinhas nos dentes. Quanto à Lady Sienna Larsen, a mãe ômega de Lara, ela pode pertencer ao tipo de família que preza a compostura e as aparências acima de tudo, mas nunca me pediu para ser nada além do que sou. Por mais deficiente que isso seja.

O elevador se move e começa a se mover horizontalmente, transportando-nos para o andar superior da ala leste, onde ficam os aposentos da Casa Larsen. Os nobres ficam com os valiosos andares superiores, e os plebeus ficam com o que resta — quanto mais pobres, mais baixos. A luz do sol é preciosa e cobiçada, e nunca penetra abaixo do Nível Quinze, nem mesmo durante os piores momentos.

Minha mãe, uma filha Beta da Casa Kellen, foi criada no andar mais alto da ala sul. Ela teria ficado feliz lá, tenho certeza, se não tivesse conhecido e se apaixonado por meu pai, que era um soldado engenheiro. Depois que seus pais a renegaram pelo crime contra sua linhagem, ela se mudou para um dos andares intermediários com meu pai e morou lá até sua morte prematura. Eu cresci naquele mesmo alojamento e sempre me senti grata por minhas circunstâncias.

Foi só na primeira vez que Lennart me visitou, quando éramos adolescentes, que me ocorreu ter vergonha das minhas origens. Lembro-me dele olhando de soslaio para o meu pequeno quarto, observando as pilhas de hologramas e o fato de a cama não ser longa o suficiente para as minhas pernas. Ele deu uma risadinha e perguntou: "Não, sério. Onde você mora?"

Minhas bochechas queimaram por semanas, não de vergonha, mas de raiva por sua arrogância. Não falei com ele por dias, até que ele se humilhasse por suas palavras. Só muito mais tarde, quando ele me convidou para visitar a Casa Larsen, é que percebi o tipo de luxo em que ele havia nascido.

Foi a mesma riqueza que minha mãe abriu mão pelo meu pai. Às vezes me pergunto se ela teve dificuldade para se adaptar à vida modesta que ele podia proporcionar, mas cada vez que meu pai falava dela, a profundidade do seu amor era tão evidente que eu sabia que ela nunca se arrependeu de suas escolhas. Se o amor verdadeiro fosse uma possibilidade para mim, eu faria o mesmo. Sem hesitar.

Depois que meu pai morreu, Lady Larsen insistiu que um Ômega sem companheiro — *sim, Sofia, mesmo um Ômega frio como você* — não deveria viver sozinho. Estou hospedado nos aposentos da Casa Larsen há quase dois anos e, mesmo depois de todo esse tempo, sinto-me intimidado pelas fileiras de guardas vestidos com armaduras vermelho-Larsen que me encaram à minha frente quando saio dos elevadores.

É complicado tentar não ficar com os olhos arregalados diante dos artefatos que os Larsen possuem. Não consigo deixar de me maravilhar com a opulência dos corredores, os mosaicos que revestem os tetos abobadados e altos, as tapeçarias intrincadas penduradas nas paredes, retratando os triunfos da Casa. A visão é sempre majestosa, especialmente em dias como hoje, quando alguns raios de sol conseguem penetrar na água. Majestosa, mas não totalmente agradável.

Mas preciso superar isso. Depois da cerimônia de acasalamento, este será meu lar para sempre. Me tornarei um membro oficial da Casa Larsen e me mudarei da sala dos professores ao lado da de Lady Larsen para os aposentos de Lennart. Esse pensamento deveria me encher de calor. E talvez me encha, mesmo enquanto eu tremo sob as saídas de ar.

"Onde está Lennart?" pergunto.

Lara desvia o olhar. Continua caminhando em direção aos seus aposentos. "Encontrar o pai, talvez?"

"Ah. Que estranho."

"É. Um pouco. Talvez tenha acontecido alguma coisa."

"Como o que?"

"Não sei. Meu pai não compartilha nada com gente como eu. Você sabe o que

ele pensa sobre mulheres — até mesmo mulheres Alfa."

"Mas?"

Conheço Lara bem o suficiente para perceber o peso em sua voz. O olhar que ela me lança praticamente confirma isso. Nós dois cumprimentamos o guarda parado do lado de fora de seus aposentos privados, mas mesmo depois de entrarmos, com uma porta fechada entre nós e o resto da fortaleza, sua voz fica mais baixa. "Quando saí da ala ontem, alguém estava limpando."

"Limpando o quê?"

"Sangue. Muito sangue."

Congelo, instantaneamente alarmada. "Como se alguém tivesse se ferido? Ou intrusos tivessem morrido?"

Ela balança a cabeça. "Ouvi os criados fofocando. Disseram que alguém arrastou um corpo pelo chão de pedra e o depositou na entrada."

Meu coração para. "É sobre —"

"Provavelmente." Ela faz uma careta. "O general está de olho na nossa família desde que foi eleito. Você sabe o que ele fez com o meu irmão."

Sua voz transmite uma ternura que ela raramente demonstra por Lennart ou mesmo por Gunner. Assim como o resto da família, sua adoração irrestrita pertence a Gustav, o filho do meio de Lorde Larsen.

Que o General Agard matou há cerca de dois anos.

De alguma forma, *esse* delito ficou impune, prova clara de que a lei não se aplica a todos. Tudo o que consegui extrair de trechos de conversas é que Gustav e o general, ambos Alfas, queriam um Ômega. O Ômega escolheu Gustav, e a recusa do general em aceitar a rejeição levou a uma briga e à morte de Gustav.

Não parece muito improvável. Eu conhecia Gustav como um homem impetuoso, impulsivo e agressivo, que sempre me fazia me arrepender de entrar em qualquer sala em que ele estivesse, mas nada disso o tornava merecedor de ser morto aos 24 anos. Quando perguntei a Lennart por que Lorde Larsen não havia feito uma petição ao conselho para depor o general, ele não teve resposta para mim.

Mas acho que sei o porquê. Acho que tem a ver com Gabriel Agard e a maneira como ele conseguiu o impossível. A maioria dos plebeus só consegue avançar até certo ponto no exército, mas ele foi rapidamente promovido. As alianças que construiu dentro do exército de alguma forma lhe permitiram convencer os tenentes-generais a elegê-lo como seu líder com a idade sem precedentes de 25 anos. A mesma assembleia de tenentes-generais tinha um longo histórico de aceitar subornos das Grandes Casas para instalar bodes expiatórios dóceis e amigáveis nos mais altos cargos de poder. Eles devem ter visto algo diferente em Gabriel Agard, algo que valia mais do que qualquer suborno.

Fazer parte do exército é um trabalho arriscado e sujo. Todos os soldados são engenheiros treinados, diretamente responsáveis pela sobrevivência da fortaleza, mas a gratidão da população não veio com poder político — até Gabriel Agard. E apesar de ele ser, como muitos dizem, *um bruto sem educação que veio do nada* , seu governo tem sido surpreendentemente ponderado e democrático. Enquanto os generais anteriores extraíam o máximo de mão de obra possível dos plebeus e priorizavam os nobres, o general atual se concentrou em redistribuir recursos para os plebeus, cobrando impostos das Grandes Casas para reestruturar os níveis inferiores e garantindo que todas as crianças sejam vestidas e alimentadas. Desde que ele assumiu o poder, nós, curandeiros, temos tido mais suprimentos do que nunca.

O que o general realizou é tudo o que meu pai desejou e pelo qual trabalhou incansavelmente, e parte meu coração que meu pai tenha morrido cedo demais para ver com seus próprios olhos.

Mas o General Agard também é um Alfa violento, impulsivo e egoísta. Ele lançou ataques contra seus inimigos políticos e matou dezenas de guardas inocentes apenas por sua lealdade a uma Casa. Acima de tudo, o caso com Gustav mostrou ao mundo como o general vê os Ômegas: como brinquedos, seus para serem pegos.

Nunca fui fã dos nobres e de seus direitos — na verdade, estou me casando com Lennart *apesar* e não *por causa de* sua origem —, mas o General Agard é feito do mesmo tipo de arrogante e presunçoso, e embora suas reformas possam ser admiráveis, ele claramente se considera acima de nossas leis. E isso eu não posso respeitar.

"Isso é sobre Lorde Larson ainda buscando vingança por Gustav?" pergunto a Lara.

Ela assente. "Acho que sim. O Gustav era um babaca, mas todos nós o amávamos. Isso não vai dar em nada. Você consegue...?" Ela segura minhas mãos. "O Lennart te respeita muito, Sof, e eu não quero meu irmãozinho envolvido em nenhum dos planos de retaliação do meu pai. Você pode falar com ele?"

Meu coração se acalma. "Claro. Não quero que você perca dois irmãos."

"Depois do acasalamento", ela se apressa em acrescentar. "Não no dia em que você se tornar minha irmã."

Eu rio. "Quer dizer que eu deveria fazer isso amanhã? Quando eu também tiver que ser uma Larsen e não tiver para onde correr se seu pai ficar bravo comigo?"

"Exatamente. Bem-vindo à luta contra o sistema de dentro para fora. Você terá bastante tempo para isso, já que não precisará mais trabalhar."

"O quê? Não. Já falamos sobre isso." Meus ombros caem. "Não vou deixar de

ser curandeira só porque estou acasalando. Posso fazer muita coisa boa."

— Ah, *eu* sei disso. Não sei se minha mãe ou Lennart sabem, então...

Lara para assim que a porta se abre e sua mãe entra.

"Ah, aí está você. Estamos procurando por toda parte..." Seus olhos percorrem meu uniforme de curandeira, que está amassado, rasgado e coberto de manchas vermelhas nada misteriosas.

"Desculpe." Eu sorrio.

Lady Larsen balança a cabeça, sem esconder o próprio sorriso. "Aposto que sim. E é por isso que não vou mencionar aquele hematoma escurecendo ao redor do seu olho. Lara, querida, você pode cancelar a busca pela noiva que eu tive que organizar às pressas e depois mandar as criadas trazerem o vestido?"

“Sim, mamãe.” Ela dá um beijo na bochecha da mãe e sai.

Com um braço em volta dos meus ombros, Lady Larsen me leva rapidamente para o chuveiro sônico e, vinte minutos depois, sento-me em frente ao espelho circular da parede no quarto de Lara, enquanto dois membros de sua equipe trabalham incansavelmente para me transformar em algo deslumbrante, enquanto atormentam minha pobre e latejante maçã do rosto.

"Não tanto rubor, Peter", instrui Lady Larsen. "A pele dela já está rosada. Não queremos que Lennart pense que sua companheira está prestes a desmaiar de agitação. Não se preocupe, Sofia, você já é tão bonita. E conseguimos esconder o olho roxo. Tome, tome um gole de chá. Mandei fazer especialmente para você."

Eu sei que sou bonita. Mesmo quando minha insegurança estava no auge, sempre soube que minha aparência era agradável. Lennart obviamente se sente atraído por mim, e como ele é a única pessoa com quem já considerei dividir minha cama — a única pessoa que demonstrou interesse em fazê-lo, mesmo diante das minhas deficiências —, esse deveria ser o fim das minhas reflexões.

Mas ser bonita e ser uma Ômega bonita são coisas diferentes. Não sou pequena, macia e atraente. Muito pouco no meu corpo magro sugere abundância e acolhimento parental, e meus músculos têm o tipo de força e flexibilidade que não seria surpresa encontrar em qualquer outra designação.

Por um tempo, acreditei que chegaria à puberdade e me apresentaria como um Alfa. Ou que não estaria presente e perceberia que era um Beta, assim como meus pais. Quanto mais velho eu ficava, mais provável era que isso acontecesse. E então, no final da adolescência, meu maxilar e pescoço começaram a coçar. Eu soube imediatamente o que isso significava, mas não me permiti acreditar até que o curandeiro com quem eu estava treinando confirmou que minhas glândulas odoríferas estavam surgindo. Alfas também as tinham, mas apenas na base do pescoço. A marca áspera latejando entre minhas omoplatas me identificava claramente como uma coisa:

Ómega.

Minha percepção do meu futuro precisava de alguns ajustes, mas eu conseguia aceitá-la. Como designação, era altamente compatível com o meu emprego dos sonhos: ser curandeira. Eu sempre fui cuidadosa, sempre quis ter uma família, e o tipo de vínculo que poderia se formar entre um Alfa e um Ômega que se escolhessem... eu *ansiava* por isso. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu amava a ideia de ser o Ômega de alguém. Era como se muitos dos meus desejos mais profundos estivessem finalmente se concretizando. Comecei a aguardar ansiosamente meu primeiro cio, que sinalizaria que eu havia me apresentado por completo.

Mas isso nunca aconteceu. Anos e infinitos exames médicos depois, meu cheiro não se desenvolveu. Nunca amadureci até minha designação de Ômega. Nunca serei capaz de formar um vínculo completo com um Alfa.

Para o mundo, sou defeituosa. Inacabada. E, apesar de tudo isso, Lennart ainda me pediu para ser sua companheira.

"Aqui. Espetacular." Lady Larsen termina de trançar um fio de pérolas naturais no meu cabelo e então me olha através do espelho. "Você está feliz?"

A preocupação dela me aquece o coração. Outros pais ficariam horrorizados ao saber que seu filho Beta se casaria com uma Ômega fria, mas ela nunca deixou de aceitar.

"Sou eu." Estendo a mão para apertar meus dedos em volta da dela, olhando para aqueles traços refinados e delicados que ela passou para Lennart, quase sem serem diluídos pelos genes mais severos do marido.

“É normal sentir-se ansioso no dia do acasalamento.”

Eu sorrio. "Sim, eu sei." De acordo com todas as pessoas com quem conversei — e nos últimos dias, todas as pessoas que conheci me procuraram para me dar suas opiniões desinteressadamente — ansiedade, medo, expectativa, entusiasmo e excitação são emoções aceitáveis antes da cerimônia iminente.

O único sentimento que nunca mencionei foi alívio, o que pode não ser a marca registrada de uma noiva feliz, mas é o que me domina atualmente. Estou aliviada e grata por Lennart ter decidido me aceitar como sua e me dar a chance de construir a família que desejo. Ele é bonito e inteligente, e tem sido amoroso e me apoiador desde que nos conhecemos enquanto estudávamos com o mesmo curandeiro. Ele começou a declarar seu amor aos quatorze anos e me beijou pela primeira vez aos quinze, ao ar livre, sob a sombra de uma floresta de algas, no quinto dia de uma Baixa particularmente quente.

Foi um beijo seco e desagradável. Quando ele me disse: "Vou acasalar com você, Sofia Kuznetsov", eu ri na cara dele e disse que ele era um ano inteiro mais novo que eu e que eu não acasalaria com ninguém por quem não estivesse perdidamente apaixonada.

Eu também falei sério. Lennart nunca foi mais do que um amigo. Mas depois da minha apresentação fracassada, ele foi a única pessoa que nunca me olhou com frustração ou decepção. Seu afeto nunca vacilou. E na quarta vez que ele me pediu para acasalar com ele, eu aceitei.

Talvez eu não devesse ter feito isso. Afinal, posso cuidar de mim mesma, mesmo sem meu pai. Eu poderia ganhar a vida como curandeira. Mas eu quero o tipo de companheirismo que vem com o amor romântico e uma família. Quero cuidar de alguém e ser cuidada, amar e ser amada. Quero *não* me sentir sozinha. E se isso significar me contentar com menos do que o amor verdadeiro, uma companhia amigável será suficiente.

Já falei abertamente com Lennart sobre a realidade dos meus sentimentos. Mesmo assim, não consigo deixar de me perguntar se não estou me aproveitando dele.

Levo o chá aos lábios, mas meu estômago está muito embrulhado e não consigo tomar um único gole. "Lady Larsen?", pergunto, sem olhar nos meus olhos no espelho.

"Sim?"

“Acho que não agradeci o suficiente.”

"Me agradeceu? Por quê?"

"Pelo apoio incrível que vocês deram à união do Lennart e da minha. Sei que mal sou um Ômega —"

"Bobagem." Por trás, suas palmas envolvem meus ombros. "Você é uma garota culta e culta. Não existe 'quase um Ômega'."

"Mas é verdade." Eu me viro para trás. "Eu ainda não me apresentei completamente. Talvez eu não consiga ter filhos, e..."

"Silêncio." Seus dedos acariciam meu rosto, carinhosamente. Como uma mãe. "Você será uma excelente companheira para Lennart. E mal posso esperar para ter você como minha filha."

“Mesmo que eu —”

"Sofia, pare de se preocupar." Sua expressão é severa, mas gentil. "Além disso, quem sabe? Talvez o acasalamento desperte algo em você. Talvez isso desencadeie o resto da sua apresentação."

Franzo a testa, cética. Ômegas frios são raros, mas não há relatos de que tenham sido forçados a passar pelo resto de sua apresentação por acasalamento. É uma ilusão, e não quero que ela alimente falsas esperanças.

"Vamos lá. Vai levar um tempo para a gente te colocar no vestido que eu escolhi. Você vai me odiar por isso, mas garanto que valerá a pena."

Forço meus lábios a sorrir. *"É para o meu bem"* , digo a mim mesma. Então repito isso várias vezes, como um mantra. Vou acasalar com Lennart, fazê-lo o mais feliz que eu puder e me tornar feliz também.

Levanto-me da cadeira e caminho com passos seguros em direção ao futuro feliz que estou determinado a criar.

Capítulo 4
O CONVIDADO

Sófia

Pareço alguém que nasceu nos níveis superiores da fortaleza. Como alguém que ainda sabe como é o calor do sol, mesmo na terceira noite de uma elevação lenta. Pareço rica e bonita, nada parecida com a plebéia que realmente sou, e tudo isso é culpa do vestido.

É único, uma bainha longa que combina pedaços estrategicamente posicionados de metal prateado e metros esvoaçantes de tecido branco quase translúcido. Os uniformes dos curandeiros são feitos de materiais ásperos e grossos, manchados de preto para esconder o sangue, o que torna esta a vestimenta mais reveladora que já usei, sem dúvida. E, no entanto, enquanto caminho pelo corredor de pedra, indo para o meu acasalamento descalça, como de costume, digo a mim mesma que deveria me sentir grata pela mudança dos tempos. Afinal, apenas algumas décadas atrás, esperava-se que os ômegas comparecessem nus às suas cerimônias de acasalamento.

"O que você está pensando?", pergunta Lara, estendendo a mão para tocar a minha. A caminhada em direção à cerimônia é um evento em grupo imbuído de tradição — um Ômega, cercado por todos os Ômegas da família. Como não tenho parentes vivos de qualquer denominação e meu relacionamento com a maioria dos Ômegas da Casa Larsen é praticamente inexistente, Lara se aproximou para me escoltar. À minha esquerda está Lady Larsen. Ao nosso redor, os guardas onipresentes da Casa Larsen. "Estou tão feliz que você deixou minha mãe escolher seu vestido. Você está fantástica. Lennart vai se engasgar com a língua."

"É uma obra de arte", digo com um sorriso, tentando não pensar no fato de que não a *deixei* fazer muita coisa. Se estivéssemos fazendo isso de acordo com o costume, as despesas com o traje de acasalamento recairiam sobre a família do Ômega, e qualquer coisa que eu pudesse pagar certamente teria constrangido a Casa Larsen.

Imagino se o vestido agora me pertence oficialmente. Se seria aceitável revendê-lo. Quando entro na antecâmara do grande salão dos Larsen, ainda estou calculando quantos novos kits de cura eu poderia comprar para o meu grupo com os créditos. Então, avisto Lorde Larsen nos esperando, e meu coração dispara.

Ele é um Alfa mais velho, com olhos calculistas e um ar severo e crítico. O casaco carmesim que ele usa é finamente tecido, mas prático. Ele deveria ser magro demais para parecer imponente, mas sua presença nunca deixa de me causar desconforto. Parte disso se deve à maneira como ele me olha, como se me visse como inferior, mas há mais do que isso. Uma sensação persistente de que me sinto insegura com ele.

Que *todo mundo* é.

"Querido", Lady Larsen o repreende, "você não deveria estar aqui. Você deveria estar ao lado de Lennart."

Ele lança um olhar frio para a companheira e depois se concentra em mim. "Estou ciente. Mas queria informar a Srta. Kuznetsov que seus colegas curandeiros avisaram que não poderão comparecer à cerimônia."

"Como?", eu digo.

"Houve um problema com o sistema de vedação da asa norte. Nada sério, mas eles terão que ficar na reserva enquanto os engenheiros trabalham nos reparos."

Os curandeiros da minha equipe são como irmãos para mim. Estivemos juntos na linha de frente e salvamos a vida um do outro inúmeras vezes. "Talvez seja melhor adiar, então?"

"Bobagem, Srta. Kuznetsov." A torção dos lábios dele é quase cruel. "Meu filho está ansioso para transformá-la em uma Larsen. Você não gostaria de fazê-lo esperar ainda mais do que já esperou, hein?"

Endireito as costas. Parece um momento tão bom quanto qualquer outro para deixar claro para ele que eu posso ser um Ômega, mas não serei atropelado. "Por quanto tempo eles ficarão detidos? Quero que estejam presentes. Se for só uma questão de adiar a cerimônia por alguns minutos..."

Lord Larsen se inclina para frente e me interrompe com um sussurro baixo: "Isso não será possível."

“Um dos meus amigos deveria ter me entregado”, digo entre dentes cerrados.

“Eu vou intervir. Afinal, serei seu pai.”

É tão absurdo que solto uma risada. Olho para Lady Larsen, esperando que ela se junte a mim. Mas ela e Lara desviam o olhar em silêncio. Talvez eu devesse ter pensado melhor antes de esperar que eles enfrentassem o chefe da Casa, mas estou decepcionada. Parte de mim até se pergunta se eles estão secretamente aliviados por plebeus não estarem presentes na cerimônia. Assim, poderão fingir que Lennart está se casando com uma nobre. Um golpe — um Ômega frio — é aceitável, mas a diferença de classe pode estar forçando a barra.

Mordo a bochecha até sangrar e tento soar firme, mas educada. "Vou ver o quão rápido eles conseguem chegar. É a minha cerimônia de acasalamento e não me importo de adiá-la."

— Senhorita Kuznetsov. — A expressão de Lorde Larsen é algo entre a compaixão e a diversão. — A senhora acha mesmo que tem algo a dizer sobre...?

"Com licença, meu senhor." Um membro da guarda entra correndo. Lorde Larsen se vira lentamente, pronto para rosnar com a interrupção, mas se detém quando o homem acrescenta: "O general está aqui."

Talvez seja a primeira vez que vejo Lorde Larsen realmente surpreso. "O quê?", ele pergunta, desviando o olhar de mim.

"O General Agard está no grande salão. Ele nos informou que comparecerá à cerimônia de acasalamento."

Um silêncio gélido envolve o quarto. Por vários instantes, ele permanece tão congelado que não consigo ouvir uma única respiração. Então, numa explosão de movimento, Lorde Larsen sai furioso da câmara, seguido por seus guardas.

Ao meu lado, a pele de Lady Larsen está pálida. "Por que ele estaria aqui? Não *anunciamos* o acasalamento. É uma cerimônia pequena e íntima. E vir para nossa ala depois do que ele fez com Gustav..." Ela cobre a boca com a palma da mão.

Sinto náuseas só de pensar nessa mulher, que cuidou de mim como uma mãe, tendo que encarar o assassino do filho. "Vou pedir para ele ir embora", ofereço.

"Não . *Não* , isso seria... Não podemos fazer isso. Seria uma ofensa incrível que só prejudicaria nossa Casa. Ele *não* deve ser rejeitado. Gostemos ou não, ele é o homem mais poderoso desta fortaleza." Lady Larsen se recompõe, a verdadeira rocha do clã Larsen. Mantendo a família unida. Criando estratégias. Uma analista inteligente e perspicaz. O tipo de Ômega que eu gostaria de ser. Se eu fosse de verdade, claro. "Ele deve ser recebido de braços abertos."

"Mãe", a voz de Lara treme. "Você acha que o papai vai começar uma briga com o General Agard?"

"Não." Lady Larson sorri para a filha. Se não fosse por suas mãos trêmulas, ela pareceria a personificação do relaxamento. "Ele sabe mais. E isso não está fora do âmbito da etiqueta. Quando um filho das Grandes Casas se acasala, os oficiais podem escolher estar presentes. Provavelmente é um protocolo simples. Nada com que se preocupar."

Eu me pergunto por que tenho a impressão de que é o oposto.

“Sofia. Criança.”

Concordo com a cabeça enquanto ela se aproxima de mim. "Sim?"

O tom dela fica mais baixo. "O véu... mantenha-o sobre o rosto durante toda a cerimônia. Mesmo que o general a chame ou fale diretamente com você. Mantenha-o, a menos que seja absolutamente necessário. Combinado?"

"Por quê?", pergunto com a testa franzida.

Sua garganta convulsiona. "Tenho um mau pressentimento sobre isso."

"Mas por quê?", digo, imitando o tom de voz dela, e tento disfarçar minha diversão. "Lady Larsen, o general não está aqui por *minha causa* ."

O silêncio dela se prolonga. "Não. Esperemos que não."

Capítulo 5
O SOLDADO

Sófia

Lembro-me bem do general, embora duvide que ele saiba quem eu sou.

Nós só nos encontramos uma vez, quando eu tinha onze ou doze anos, nos primeiros anos do meu aprendizado. Ele era jovem, tinha uns dezoito anos. E, no entanto, já havia começado a subir na hierarquia militar.

Depois de impedir sozinho que o sistema de dessalinização na ala sul entrasse em colapso técnico, ele se tornou um herói da noite para o dia. As promoções vieram tão rápido, uma após a outra, que alguns se convenceram de que ele era secretamente um bastardo da Casa, instalado por um nobre pai em uma posição de poder e prestígio. Mas não fazia sentido. Havia esquadrões particulares para isso, equipes de elite que recebiam tarefas que *pareciam* corajosas, mas raramente colocavam os membros da Casa em risco real.

Gabriel Agard, como se viu, era apenas o segundo filho de outro engenheiro, que faleceu tragicamente alguns anos antes. E ele serviu apenas no corpo de engenheiros, cujos membros protegiam a fortaleza das correntes e da pane dos sistemas. Esses soldados provavelmente voltariam para casa em vários pedaços desmembrados — ou nem sequer retornariam.

Fazia dez anos, mas ele já era um oficial de alta patente. Reconheci-o imediatamente quando ele entrou na enfermaria com as próprias pernas, bem no momento em que um novo Alto começava a surgir. Ele carregava um Alfa gravemente ferido, que perdia litros de sangue e precisava urgentemente de cuidados médicos. Estávamos sobrecarregados e com falta de pessoal após uma longa série de acidentes de campo, mas o curandeiro que me orientava imediatamente começou a tratar o homem inconsciente.

Então alguém com uma voz grave falou: “Tenho duas opções para você.”

Inclinei a cabeça para cima para olhar para Gabriel e percebi que ele havia tirado a máscara facial típica de oficiais de alta patente. Eu não conseguia desviar o olhar de seu cabelo — um loiro claro, quase branco, que contrastava magnificamente com o azul-escuro de seus olhos. Sua aparência era tão marcante que eu o teria chamado de bonito se o sangue não cobrisse metade de seu corpo.

Metade e contando. O líquido espesso e viscoso ainda escorria de um corte em seu bíceps.

"Você pode me remendar agora", disse ele secamente, "ou pode esfregar o chão depois. A escolha é sua."

Corei. "Eu não... Estou apenas em treinamento, senhor."

Ele deu de ombros, o que não devia ser bom para o ferimento. "Não estou."

“O que… o que você quer dizer?”

"Não estou treinando para consertar corpos. Pelo contrário, na verdade. O que significa que não tenho a mínima ideia de por onde começar. Não importa o que aconteça, você fará um trabalho melhor do que eu."

“Mas eu —”

"Senhorita." Ele se inclinou para a frente, olhando nos meus olhos. "Eu não dou a mínima. Tenho horas e horas de trabalho pela frente. Contanto que eu não esteja sangrando, vai ficar tudo bem."

Antes que eu pudesse protestar mais, ele se sentou na cadeira mais próxima de mim. Comecei a trabalhar, com medo de errar. Gabriel não sorriu, nem prestou muita atenção em mim; ele ativou um holograma e estudou o mapa que surgiu, algo que parecia o exterior da fortaleza durante uma Baixa. Percebi que o corte havia sido feito por um animal, provavelmente um dente ou uma garra, e era profundo e irregular demais para ser reparado com colágeno. Pontos manuais eram necessários, o que eu havia praticado apenas algumas vezes antes.

Não foi surpresa que eu tenha acidentalmente cutucado a parte interna do ferimento dele. "Sinto muito", ofeguei.

"Não me importo", ele murmurou distraidamente.

“Se doer, eu posso —”

"Você poderia enfiar a agulha na minha carne com toda a sua força, e não doeria nem um décimo do que a morsa." Em termos de declarações, não foi muito reconfortante. Mesmo assim, disse a mim mesmo para respirar fundo, me acalmei e retomei o processo.

"Você estava do lado de fora?", perguntei, principalmente para esquecer o quanto eu poderia errar.

“Obviamente”, ele disse.

“Você viu a floresta de algas?”

Sua sobrancelha, clara como o cabelo, ergueu-se. "É impossível não notar."

“Foi lindo?”

"Não sei. Estava lá." Sua expressão era de dúvida. Depois de um momento, ele acrescentou: "Nunca pensei nisso dessa forma."

"Como assim?"

"O exterior pode te matar." Ele olhou para mim. Meus braços magros. Minha carranca hiperfocada. "Vai *te* matar, se você for sozinha."

"Só saí uma vez. Mas eu era jovem demais para me lembrar." Mordi o lábio inferior. "Meu pai é engenheiro e, durante as Baixas, ele precisa trabalhar, o que significa que ninguém mais pode me levar. E essas expedições, aquelas seguras com guias turísticos, são tão caras. Meu pai está economizando para elas, mas ainda não tem os créditos. Ele disse que pode trabalhar pelo resto da vida, mas ainda não terá metade dos créditos que um lorde das Grandes Casas desperdiça em um único dia." Parei, percebendo que não fazia ideia do que aquele homem

pensava sobre nobres ou disparidades de renda, e me perguntei se eu estava em apuros.

"Seu pai tem razão", disse Gabriel, em voz baixa. Calma. "Mas não será para sempre."

Senti como se me estivessem prometendo algo. Depois disso, ficamos em silêncio. Terminei de costurá-lo e ele foi embora sem nem me agradecer, mas enquanto eu lavava meu equipamento, alguém deixou créditos suficientes na mesa para eu me juntar a uma das expedições externas.

Isso foi há anos. E hoje, pela primeira vez em mais de uma década, estamos juntos novamente na mesma sala.

Capítulo 6
O ACASALAMENTO

Sófia

Não me considero uma romântica, mas as cerimônias de acasalamento sempre tiveram um charme especial para mim. Não se trata dos vestidos, dos banquetes ou das belas decorações. O que realmente me aquece o coração é o senso de comunidade e a alegria que surge quando duas pessoas e suas famílias unem suas vidas em busca de algo maior.

Talvez o que eu sinta por Lennart não seja o tipo de amor normalmente compartilhado por parceiros, muito menos o vínculo que existe entre um Alfa e seu Ômega. Mesmo assim, eu esperava que nosso acasalamento fosse um momento de celebração.

A presença inesperada do general, no entanto, torna isso improvável.

Enquanto Lady Larsen me acompanha até o centro da sala, onde Lennart aguarda com um pequeno sorriso alegre, tento não olhar na direção do general. Tento, mas não consigo evitar de espiar, e de repente me sinto grata pelo véu que cobre meu rosto.

Pelo menos o general tem a elegância de subir ao estrado, fora do círculo familiar, mas trouxe soldados demais para uma ocasião tão inofensiva. Todos vestem seus finos Kevlar azul-militar, trajes mais apropriados para um campo de batalha do que para uma cerimônia de acasalamento. Os Larsen, nem preciso dizer, não parecem muito à vontade.

Seu braço direito, Ivar, permanece próximo. Sei que são irmãos, mas, embora ambos sejam altos, as semelhanças terminam aí. O cabelo de Ivar é escuro e cacheado. Sua pele tem um brilho natural terroso, e seus lábios se curvam levemente para cima, em sinal de diversão. A máscara do general cobre sua expressão, mas, dadas as rugas entre seus olhos, duvido que esconda um sorriso.

Gabriel é, antes de tudo, um guerreiro. Alguém cujo corpo foi aprimorado ao longo de décadas de luta para sobreviver e salvar os outros. Ivar é um estudioso, mais magro e mais dócil. A força e o cérebro, é assim que as pessoas chamam os dois irmãos. Eu me pergunto se Ivar seria capaz de se defender em uma luta. Eu me pergunto se Gabriel é tolo o suficiente para começar algo em uma sala cheia de soldados Larsen. Eu me pergunto por que diabos eles estão aqui.

O que eles querem?

"Você é tão linda", sussurra Lennart, me tirando dos meus pensamentos.

Resisto à vontade de dizer que, por causa do meu véu, ele não tem como saber minha aparência. Mas talvez ele consiga ver através do tecido fino. Talvez ele goste das ondas loiro-escuras do meu cabelo e do jeito como elas caem sobre meus ombros e costas. Talvez seja o corpete justo do vestido. Não importa o *motivo* — é um elogio, e eu deveria ficar feliz por isso. Lennart é gentil. E

paciente. E bonito também. Talvez não da mesma forma que o general, mas ainda assim. E tudo bem se ele não for um guerreiro, porque ele é um ótimo curandeiro, o que é muito mais importante. No mínimo, devo a ele minha atenção irrestrita. "Obrigada", digo.

Imagino se ele está tão confuso quanto eu com a presença do general, ou intimidado. Se sim, ninguém perceberia, e estou orgulhoso dele por isso. Ele só tem olhos para mim enquanto se ajoelha, sinalizando o início do ritual. Quando ele pega minha mão, ordeno a mim mesmo que esqueça as pessoas ao nosso redor.

Este é o começo do resto de nossas vidas, e eu deveria saboreá-lo.

Estou formando uma família — com alguns membros questionáveis, mas ainda assim.

Estarei seguro e bem cuidado enquanto viver.

Talvez eu até consiga, por meio das conexões da Casa Larsen, um dia criar meus próprios filhos e obter recursos financeiros para ajudar a fazer mudanças na fortaleza.

Eu *ficarei* bem.

Então sorrio e fecho meus dedos em volta dos de Lennart.

O resto do serviço passa rápido. Esta cerimônia específica é um acontecimento relativamente novo. Exige pouco de nós, exceto ficar de pé e ouvir o oficiante. O *verdadeiro* acasalamento acontecerá depois, à noite, com a consumação — e, apenas em casais Alfa-Ômega, com o Alfa deixando uma marca de mordida no pescoço do Ômega. Antes, tudo *acontecia* diante de uma plateia, *durante* a cerimônia. Em famílias que decidem adotar a tradição, isso ainda acontece, e fico aliviada que a Casa Larsen seja aristocrática demais para isso, porque me preocupa.

Sexo.

Essa noite.

Depois.

Já estou preocupada se a minha falta de status Ômega adequado criará algum problema na nossa vida sexual. Será que consigo ficar excitada? Lennart vai me odiar se eu não conseguir? Vou me machucar? Quando estou sozinha, quando peço ao meu corpo para me ajudar e sentir *algo* , ele não tem sido exatamente cooperativo. A ideia de Lennart e eu descobrindo os detalhes da relação sexual diante dos olhos gélidos e furiosos do general não é exatamente...

“Vá com seu companheiro”, diz o oficiante. “O Pai de Todos abençoou esta união. Que seja tão frutífera quanto alegre.”

Preciso *parar de* me distrair durante meu próprio maldito acasalamento.

"Está feito", sussurra Lennart enquanto se levanta, os olhos azul-claros brilhando de vitória sob o brilho das luzes do teto. A multidão ao nosso redor

aplaude e vibra.

"Está feito." Eu me forço a sorrir, mas paro quando percebo que não preciso, pois o véu ainda está no rosto.

"Eu te amarei mais do que qualquer outra pessoa jamais poderia amar, Sof. Eu já te amo. Não deixarei ninguém te machucar e cuidarei de você para garantir que seja feliz."

Engulo em seco. "Eu também", digo, esperando que ele não se pergunte a qual promessa específica estou me referindo. Sinto um gosto amargo e acinzentado no fundo da garganta.

"Vamos. Talvez eu possa ficar a sós com você por alguns minutos antes do banquete." Sua palma envolve meu cotovelo, um pouco fria. A temperatura corporal dos Betas pode ser um pouco mais baixa que a dos Alfas e Ômegas, e é aí que me dou conta.

Lennart é meu companheiro. Estou ligada a este homem. Para sempre presa a ele. Sinto como se estivesse caindo de algo muito, muito alto.

“Parabéns.” A voz ecoa do outro lado da sala.

O clamor cessa. Todos, inclusive nós, se voltam para o estrado.

Em direção ao general, que está de braços cruzados, a imagem da arrogância e da tranquilidade. "Desejo um futuro muito feliz para você e seu companheiro, Lennart. E que sua união seja tão frutífera quanto alegre." Ele acrescenta a saudação habitual roboticamente, como se fosse uma reflexão tardia. Como se tivesse memorizado a frase dois minutos antes, depois que seu irmão a sussurrou em seu ouvido.

Lennart fica tenso ao meu lado, mais surpreso do que na defensiva. "Obrigado, senhor." Ele pigarreia, olha para o pai impassível e parece tomar uma decisão. "O banquete de acasalamento está prestes a começar. Ficaremos honrados se o senhor se juntar a nós."

“Infelizmente, não posso.”

Lennart assente, visivelmente aliviado. Ele se curva e começa a se virar. Mas é interrompido quando o general acrescenta: "No entanto, estou aqui para reivindicar meu direito como general."

Lennart pisca lentamente. Sinto um arrepio de inquietação percorrer as pessoas ao nosso redor, um momento de hesitação, mas é difícil de interpretar. Quando olho para Lorde Larsen, sua expressão normalmente severa parece petrificada. Ao lado dele, sua companheira aperta as dobras do vestido com força.

Volto-me para o general, desorientado. Do que ele está falando?

“Eu reivindico o Direito da Primeira Noite”, declara Gabriel.

Ouço suspiros. Passos. Pessoas se mexendo. O desconforto na sala se solidifica em algo próximo à hostilidade, talvez até à indignação, mas Lennart

permanece ao meu lado, parecendo tão confuso quanto eu. "O direito de... Com licença, senhor?"

"Seu amigo, Lennart", diz Gabriel. Há um leve toque de hilaridade em seu tom, como se estivesse se divertindo ao explicar um conceito muito simples para uma criança particularmente distraída. Como se soubesse de uma única coisa melhor do que todos nesta sala e tivesse toda a intenção de usá-la em seu próprio benefício. "Esta noite, vou levá-la para a minha cama."

Capítulo 7
A LEI

Trecho do *Livro de Estatutos, Versão XII*
(Transcrição aprovada pelo Conselho de Anciãos)
Seção: O Direito da Primeira Noite

… E é, portanto, para fortalecer os laços entre as Grandes Casas e a classe militar, para reconhecer que sem a liderança do general do exército, a sobrevivência daqueles que habitam a fortaleza seria impossível, e para oferecer um símbolo de gratidão àqueles que regularmente arriscam suas vidas pela população civil, que concedemos ao general tal direito.

Em resumo, a seu critério, o atual general do exército tem o direito legal de solicitar a presença da companheira de qualquer pessoa de origem nobre que viva na fortaleza. Esse direito se limita à primeira noite após a cerimônia de acasalamento. Uma vez que a companheira seja escoltada até os aposentos do general, este tem o direito de usá-la durante toda a noite. Exemplos de uso incluem, entre outros, atividades sexuais, domésticas e outras atividades recreativas. A companheira não pode ser prejudicada além do razoável durante esse período.

O general devolverá a companheira ao cônjuge legítimo na manhã seguinte. Em caso de relações sexuais, quaisquer filhos concebidos e nascidos desses encontros serão considerados descendentes do casal, independentemente de sua ascendência genética, e serão criados na casa do cônjuge e do cônjuge.

A negação do Direito da Primeira Noite desencadeará a execução imediata do indivíduo que levantou a objeção.

Capítulo 8
O DIREITO
Gabriel

Eles sabiam.

Eles souberam no segundo em que entrei no grande salão na ala Larsen, com seus estandartes opulentos, acabamentos em platina e sigilos onipresentes, lotado até a borda com pessoas que vivem suas vidas banhadas no privilégio que somente riqueza e conexões políticas podem proporcionar.

Eles sabiam. Nem todos, mas Lorde e Lady Larsen? Percebi pelas linhas sombrias em seus rostos que eles imediatamente suspeitaram. Seu filho mais velho, Gunner, parecia prestes a pegar a arma mais próxima e me atacar — e isso não teria poupado a todos de muitos problemas? Afinal, ele é a cara do irmão morto. O irmão cuja morte às vezes revivo em meus sonhos mais felizes.

O Direito da Primeira Noite é uma baboseira bem datada. Eu nunca tinha ouvido falar dele antes de Ivar me contar seus planos descontrolados, mas depois que examinei alguns dos registros dos meus antecessores, ficou óbvio que vários deles se aproveitaram disso. Quando um Ômega particularmente excepcional lhes agradava, quando queriam colocar uma Casa específica em seu lugar, ou sempre que tinham vontade, simplesmente invocavam o Direito. Quando eu nasci, a tradição já estava sendo descontinuada, mas imagino que os Larsens mais velhos tivessem algumas lembranças dela.

Lennart e seu companheiro, porém, não tinham ideia de que o costume existia.

Quando entrei, o garoto pareceu intrigado com a minha presença. Quase satisfeito, como se eu estivesse tentando uma reconciliação ou honrando sua família corrupta. Não tenho dúvidas de que toda a família Larsen me despreza por responsabilizá-los e pelo que aconteceu com Gustav, mas, pelo que sei, Lennart odiava seu irmão babaca tanto quanto eu.

É bom sentir um pouco de gratidão de vez em quando.

Mas mesmo que Lennart não seja um cúmplice ativo da merda que os Larsens têm aprontado, ele ainda não impediu — não impede — sua família de atacar meu povo. Penso na cabeça decepada do garoto Beta. Nos lamentos de seus pais quando lhes dissemos que, dadas as condições do corpo do filho, eles não poderiam prestar suas homenagens. Enquanto olho para o rosto desfeito de Lennart ao perceber o motivo de eu estar aqui, uma sensação distorcida e profundamente satisfatória de vingança me invade.

Ele tirou algo de mim e eu vou retribuir o favor.

Há suspiros. Estremecimentos. Confusão. Não culpo aqueles que se perguntam por que decidi me sobrecarregar com um ômega frio e choroso pelas próximas doze horas — um que certamente será um filho da puta sem prática e

chato. Lennart, porém, permanece congelado no lugar, com uma expressão de pura e idiota perplexidade enquanto se volta para o *pai* em busca de ajuda. Observo a multidão, esperando que alguém expresse uma objeção. É o que eu quero — uma desculpa para aniquilar esta família. O Direito da Primeira Noite é lei, e preciso que um membro desta porra de família o quebre diante de uma plateia. Aí estarei no meu direito de derramar sangue.

Mas, apesar do choque, eles sabem que não devem protestar. Ivar, porra.

"Claro, meu senhor", declara Lorde Larsen. "O Ômega será entregue em seu quarto."

Maldito seja. Maldito seja, vá para o inferno. Pelo menos eu posso vê-lo comer a merda que estou enfiando na boca dele.

"Intacta", acrescenta Ivar, ao meu lado. "Certifique-se de que ela seja entregue *intacta* ."

“Naturalmente.” É uma pena que o sorriso de escárnio no rosto de Lord Larsen não seja uma ofensa punível.

Ivar e eu trocamos um olhar, e o arquear de sua testa demonstra um vago pedido de desculpas. Ele sabe que eu esperava uma recusa categórica e um massacre rápido, então deve suspeitar de minha irritação.

Ele está aproveitando cada segundo disso, o babaca.

“Para garantir que o processo ocorra sem problemas e para ajudá-lo”, continua Ivar, “os guardas do general escoltarão o Ômega até seus aposentos”.

Imediatamente, Márcia e uma dúzia de seus soldados mais bem treinados marcham à frente — uma maneira simpática de soletrar: " *Tente qualquer coisa e veja o que acontece"*. Enquanto isso, Lennart ainda está piscando como um peixe moribundo. E o Ômega...

Devo admitir que esperava uma cena maior dela. Gritos. Algumas lágrimas. Mas ela permanece notavelmente composta. Observo o balanço de seus quadris enquanto os guardas a escoltam para fora da sala, a maneira delicada com que ela se inclina em direção à filha de Larsen para fazer perguntas em voz baixa.

Inesperado: seu rosto permaneceu escondido durante todo o ritual — incomum, se não inédito. Mas seu corpo, *isso* eu pude ver, e ela não se parece com nenhum Ômega que eu já tenha visto antes. Quadris estreitos. Um contorno de força. Não desagradável, apenas diferente. Seu cheiro também é tão discreto que eu realmente não consegui detectá-lo. Me fez pensar se ela era mais um dos truques dos Larsen, até que me lembrei do que ela é: fria.

Meu último olhar antes de sair do salão deveria ser um sorriso triunfante para Lorde Larsen, mas meus olhos não conseguem deixar de seguir a garota. "Me prometeram uma luta do caralho", resmungo para Ivar assim que saímos, marchando pelo corredor que leva ao quartel militar.

Meu irmão dá de ombros. "Eu tinha quase certeza de que ia *rolar* uma briga."

"É? Porque Lorde Larsen me entregou o Ômega numa maldita bandeja de prata."

“Eu nunca duvidei que *ele* não se importaria. Mas Lennart? Ele pode ser um jovem Beta e não um Alfa cabeça quente, mas ainda assim está se casando por amor. Você consegue imaginar não agir como um merdinha impulsivo quando o inimigo mais poderoso da sua família tira seu companheiro debaixo do seu nariz esnobe? Onde diabos está o respeito próprio dele?”

"Talvez ele tenha deixado no berço, já que ele é um bebê."

"Bom, ter a companheira transando com outra pessoa vai fazer ele crescer rapidinho." Ivar passa a mão pelos cabelos. "Para o seu bem, espero que ela esteja com uma aparência decente por baixo dessa coisa."

"Por que?"

"Ela é uma Ômega fria. Não é o seu tipo habitual, né? Imaginei que você precisaria de algum incentivo para transar com ela. Além de vingança."

Paro de andar, e Ivar também. Antes que ele perceba, pressiono a mão em seu peito e o jogo com força contra a parede de pedra.

— Ah, qual é, Gabe. O que foi que eu disse agora?

"Escute, em alguns minutos, vou entrar no meu quarto e fazer coisas com aquela garota que me mandariam para o Inferno. Se ele existisse." Sustento o olhar dele. "O mínimo que podemos fazer é ser educados."

Ivar ri, claro. Qualquer outra pessoa estaria se mijando, mas meu irmão nunca se intimidou com a minha força.

Reviro os olhos. "Estou falando sério."

"Certo, claro. Quer dizer, podemos ser educados sobre a virgem seca que você vai despedaçar na mesma cama onde você normalmente transa com os ômegas mais lindos da fortaleza, mas..."

"Ela está no meio do fogo cruzado", retruco. "Não se engane, ela é a única arma que temos contra a Casa Larsen, e não vou poupá-la só porque é inocente. Mas ela não vai ser o alvo da piada."

“E o fato de ela ter te expulsado do funeral de Kuznetsov?”

Engulo em seco, me perguntando como pude me esquecer disso. A garota não merece *nada* de mim.

"Bem?"

"Você tem razão", admito. "Foda-a. Com ainda mais força."

Meu irmão ri, e eu aperto minha mão em seu ombro, ajudando-o a descer do muro.

"Os Larsens podem não ter reagido tão defensivamente quanto queríamos", diz ele enquanto retomamos a caminhada. "Mas esta é uma ofensa que eles não vão perdoar. Vou falar com a Martia. Segurança dobrada, talvez tripla. Todo o resto já está pronto. Só precisamos de um..."

"General", chama uma voz atrás de nós. Quando me viro, Lady Larsen está saindo rapidamente do elevador. Sozinha. "Um momento, por favor."

No que diz respeito a pedidos, parece muito com uma exigência.

"Você vai mandar ela se foder?", Ivar pergunta baixinho.

"Eu deveria, não é?" Mas soltei um suspiro profundo e disse: "Vá em frente, Ivar. Eu te alcanço."

“Eu não confio nela.”

“Eu também não, mas ela não pode fazer nada contra mim.”

Quando Lady Larsen chega à minha frente, os passos de Ivar se perdem ao longe. Tiro a máscara, sem esconder a forma como a avalio. Ela é uma Ômega mais velha, de aparência frágil, com feições delicadas, rosto expressivo e uma espinha dorsal de aço. Ela me lembra minha mãe o suficiente para que eu quase sinta compaixão — até que ela diz: "Você não pode fazer isso, General".

Lá vamos nós, porra. "Lady Larsen, você deve saber que eu *posso* , de fato, fazer isso. O Direito da Primeira Noite está dentro da lei. O General Niemi, que eu acredito que estava no fundo do poço da sua família, regularmente se aproveitava disso." Ignoro a forma como ela recua. "Você certamente nunca reclamou quando *ele* pegou ômegas recém-casadas para se divertir."

— Eu era *criança* ... E, senhor, com todo o respeito — ela fala entre dentes, soando tudo menos respeitosa —, Sofia e Lennart se amam.

Sofia. Certo. Esse é o nome da garota. "Nesse caso, eu a devolverei intacta."

Os olhos dela brilham de esperança. "Sério?"

"Não." Eu me inclino para mais perto. "Vou transar com ela até quase matá-la, e amanhã ela mal vai conseguir andar."

Que prazer, ver o rosto dela se desfazer. "O que você tem contra meus filhos?"

"Seus filhos dificilmente são as vítimas aqui. Não quando dezenas de membros do meu exército sucumbiram prematuramente por causa dos ataques da sua Casa. Não quando um jovem foi brutalmente agredido para satisfazer os impulsos sádicos de um nobre — e você sabe *exatamente* a que me refiro. Não quando não é seu filho, mas o Ômega, que estará sob meus cuidados esta noite." Eu a encaro. "Repetidamente."

“Você não tem o direito —”

"Ah, mas eu tenho", respondo lentamente. "E você deveria ser grato por ela estar com frio e provavelmente não engravidar por causa disso."

Ela gira sobre os pés antes de ir embora furiosamente, de um jeito que me faria rir, se não fosse pela noite que me aguarda.

— Lady Larsen — chamo ela. — Um conselho?

Ela para, mas não se vira para mim.

"Segure sua companheira", eu digo. Não sei como é o relacionamento dela

com Lorde Larsen, mas não sou bobo. Ao contrário do que os nobres vêm dizendo a si mesmos, os Ômegas não são máquinas de parto glorificadas sem poder político. "Quero que os ataques contra meus soldados e minha liderança parem, e quero que Lorde Larsen pare de agir como se estivesse acima da lei. Eu sou o general agora, e as coisas estão mudando. As Casas terão que abrir mão de parte de sua riqueza e de seu constante abuso de poder."

“Como ousa *falar* em abuso de poder, com o que está prestes a fazer com Sofia?”

“Minha senhora, nós dois podemos concordar que o corpo insignificante de um Ômega atrofiado vale muito menos do que as muitas vidas que Lorde Larsen tirou.”

Ela se vira para me encarar. "Você é tão repulsivo quanto dizem."

“Vivo para corresponder às suas expectativas, minha senhora.”

Coloco minha máscara facial inferior de volta e vou para meus aposentos, já irritado com o Ômega choroso que certamente me espera.

Capítulo 9
A NOITE

Sófia

A cama nos aposentos do general deve valer mais créditos do que minha equipe de curandeiros ganhará em nossas vidas combinadas, porque é feita de madeira. Pelo que entendi, madeira costumava ser um material comum. Mas o tipo de árvore que costumava lotar o lado de fora não prospera em água salgada.

Só há um propósito para algo tão grande e construído inteiramente de uma substância rara: ostentação. Quem comprou a cama deve ter querido ostentar sua riqueza. E embora eu saiba pouco sobre Gabriel Agard, simplesmente não consigo imaginá-lo desperdiçando créditos com *isso* . É uma relíquia de generais anteriores; eu apostaria cinco anos da minha vida nisso.

O resto do cômodo é amplo, mas escassamente mobiliado: um punhado de cadeiras. Tapetes. Um criado-mudo, livre de qualquer desordem. Uma pequena área de arsenal. Um baú. Uma mesa com uma estação holográfica.

Perdi a noção do tempo, mas percebo que já deve ter passado do pôr do sol, porque, embora estejamos alto o suficiente para termos alguma iluminação através da água, nenhuma luz penetra pela única janela de lanceta que se estende até o teto abobadado. Felizmente, velas elétricas tremeluzem fracamente no espaço mal iluminado, deixando apenas os cantos mais distantes envoltos em escuridão. O ruído branco e ronronante dos controles ambientais é ao mesmo tempo mais suave e silencioso do que nos meus aposentos.

Detesto admitir, mas adoro *tudo* neste quarto. Exceto, é claro, o par de olhos que me encaram das sombras.

Por uma fração de segundo, presumi que fosse o brilho de uma luz refletindo em uma superfície reflexiva. Então, notei o piscar ocasional, o grande contorno difuso ao redor e a impressão de presas, e percebi que estava sendo rastreado por um animal. Ainda estou.

Caçado.

Isso é perturbador. Tão perturbador que me sento na beira da cama, o mais imóvel possível, tentando ao mesmo tempo me tornar invisível e não perder o monstro de vista. Quando a porta se abre, estou quase me convencendo de que devo me fingir de morta.

A besta não pode me matar se eu morrer de um derrame primeiro.

Alguém entra na sala. Passos pesados soam em minha direção, então param. Ouço um suspiro, seguido de um "minha senhora" rouco, meio rosnado.

"Não é uma dama", murmuro distraidamente, incapaz de desviar os olhos do animal.

"Há aproximadamente uma hora, você é membro da família Larsen. *Minha senhora* ."

"Ah, certo. Tem isso." Tento abrir a boca o mínimo possível, mas meu ato de ventriloquia não deve enganar a fera, porque seu olhar se estreita e se transforma num olhar fulminante.

Minha pele fica arrepiada em um milhão de pequenos arrepios.

"Parece que a senhora não entende a situação, minha senhora. Alguém lhe explicou que, quando o Direito da Primeira Noite é reivindicado, o Ômega..."

Se eu não estivesse com tanto medo de me mexer, eu acenaria. "Sim, sim, com certeza. Você pode fazer o que quiser com o meu corpo pelas próximas horas."

"Posso. Sim." Há uma mudança em seu tom — ainda irritado, mas também... intrigado? "Você tem alguma pergunta sobre a clínica?"

"Não."

"Não." Uma pausa. "Você não tem curiosidade sobre o que vai acontecer com você por minha causa?"

"Pela *sua* mão? Não mesmo, não... sem querer mudar de assunto, mas você está ciente do monstro na sala?"

“O… monstro. No quarto.”

"Sim."

“Se você está se referindo a mim ou tentando me dissuadir de —”

"O quê? Não. Tenho certeza de que você já praticou atos terríveis e que todos nós abrigamos um monstro dentro de nós, mas eu não estava buscando o significado metafórico. Há uma criatura monstruosa *de verdade* . No canto. Ali."

Aponto com o dedo. Não me dou ao trabalho de verificar se o olhar dele me acompanha.

Ele murmura para si mesmo, mas de forma perfeitamente audível: "Eles se esqueceram de mencionar que ela é louca."

"Eles não fizeram isso. Ela não está. E se estiver, também se esqueceram de *me avisar* ."

“Eu serei o único a julgar.”

Eu bufo. "Senhor, tem um monstro de olhos verdes ali naquele canto. Ele está esperando para me atacar como uma barracuda há quinze minutos. A verdadeira loucura, eu diria, é *não* reconhecer sua presença."

"Um de olhos verdes...? Pelo amor de Deus, você está falando do... Alex?", ele chama, com o tom consideravelmente mais suave. "Vem cá."

Ao seu comando, uma fera grande, de pelos grossos e orelhas emplumadas emerge das sombras. Espreguiça-se graciosamente, irrompe num bocejo assustador, sacode a poeira inexistente de sua pelagem marrom e então se esgueira em direção a Gabriel sem me lançar um único olhar.

Acho que você já me encarou por tempo suficiente por esta noite, huh?

Ocorre-me que se parece com os gatos que vi algumas vezes, aqueles que

viviam nas áreas de santuário de animais no final do meu nível, quando eu era criança. Alex, porém, é três ou quatro vezes maior do que o maior que já vi. E parece *faminto* .

Ou pelo menos aconteceu. Antes de começar a se esfregar nas pernas do general, e...

“Que som *é* esse?”

“Um ronronar, é o que se chama.”

“É isso que ele faz antes de assassinar alguém?”

Estou, finalmente, de frente para Gabriel. E pela primeira vez, consigo encará-lo enquanto ele me olha de volta. E ele certamente está *me encarando* ...

Por um breve momento, ele parece surpreso. Há um toque de surpresa, um estremecimento involuntário em suas feições, uma qualidade inquisitiva em seu olhar que me lembra que, durante a cerimônia, eu estava usando um véu. Ele pode ter visto hologramas meus, mas quando exigiu que eu fosse levada ao seu quarto, não tinha a mínima ideia de como eu era, e esta é a primeira vez que ele vê meu rosto pessoalmente.

O silêncio se prolonga. Gabriel engole em seco, inclina a cabeça de um jeito que não consigo decifrar e parece precisar de um minuto para se reorientar.

Então aproveito para perguntar: “É um gato?”

“Parente. Um lince.”

Lince. Sim. Lembro-me vagamente de ter ouvido a palavra, uma vida e meia atrás. Do meu pai, que vivia me contando sobre o último artigo de história que tinha lido. Ele pressionou a palma da mão contra um dos sensores do elevador, sorrindo enquanto esperava que eu passasse pela porta. "Eles são felinos", Ele explicou. "Na verdade, o programa de reprodução militar tem alguns. Alguns são quase domesticados — eles conseguem criar laços conosco. São ótimos companheiros."

"Posso ver um?"

Risos. "Vou ver se consigo, Sofia."

Eu pergunto: “Ele mora aqui?”

“ *Ela* mora onde quer”, Gabriel me conta, acariciando o topo de sua cabeça.

Isso não me augura nada de bom. "Ela também come quem ela quer?"

"Não precisa se preocupar. Ela tem um paladar extremamente refinado."

Soltei uma risada, e ele sorriu de volta. Mas então seu rosto endureceu e ele perguntou novamente: "Você entende por que está aqui?"

Sim. Sei que este é o homem mais poderoso da fortaleza, que ele detesta a família com a qual estou me unindo e que tem permissão para fazer o que quiser comigo. O lince pode não ser algo com que eu deva me preocupar no momento.

Por que não os dois? pergunta uma voz sábia.

Por que, de fato.

Mas histeria não me cai bem. Sou uma curandeira, treinada para manter a calma sob pressão. Se algo terrível acontecer comigo, entrar em frenesi não vai me ajudar a evitar. "Estou aqui porque você reivindicou o Direito da Primeira Noite. Quanto ao motivo para isso... presumo que tenha a ver com qualquer disputa de mijo que você esteja tentando vencer contra Lorde Larsen." Aliso as dobras do meu vestido, mas mantenho meus olhos fixos nos dele. "Parece muito mais provável do que a alternativa, que seria você me ver do outro lado de uma sala lotada, ficar apaixonada e decidir que precisava absolutamente... O que você está..."

Ele se move rápido. Num piscar de olhos, ele se ergue à minha frente e, antes que eu possa impedi-lo, dedos fortes agarram meu queixo e inclinam meu rosto em direção à luz. Seu maxilar se move para frente e para trás.

“Foi Lennart?”

"O que?"

“Foi *Lennart* ?”

Ele não parece o tipo de homem que gosta de repetir perguntas, mas não faço ideia do que ele está perguntando. "O que você quer dizer?"

"O hematoma embaixo do seu olho. Quem te bateu?"

"Ah." Soltei uma risada ofegante, lembrando-me de que lavei o rosto antes de vir para cá. "Não, não. Eu estava ajudando um dos engenheiros a consertar uma vigia na ala norte, e... Não. Lennart não quis."

"Ah." Ele não me solta, mas seu aperto diminui. "Você é uma curandeira."

"Eu sou. E Lennart também. Ele jurou não fazer mal, assim como eu."

Gabriel dá um passo para trás. Talvez a contragosto. "Ele é consideravelmente menos habilidoso que você, pelo que me disseram."

"É, bom..." Detesto a falsa modéstia. "Talvez ele chegue lá."

Caímos em uma espécie de silêncio, olhando um para o outro, a diferença dramática em nossas alturas duplicada pelo fato de eu estar sentada na cama e ele não. Eu *deveria* estar tremendo de medo. Racionalmente, *estou* preocupada. Mas há algo nisso — este Alfa, esta situação, este quarto, o cheiro forte que me envolve — que não me faz entrar em pânico.

Eu *sei* que deveria estar com medo, mas não *sinto* isso.

Deve ser por isso que me ouço perguntando: "Você gostaria que eu ficasse nu?"

Ele olha fixamente, em silêncio. Sem piscar. Muito parecido com seu lince.

"Pergunto isso porque este vestido era muito caro e tenho planos ambiciosos de vendê-lo para substituir alguns dos equipamentos dos curandeiros. Prefiro que você não o rasgue. Terei prazer em me despir para você. Se eu soubesse que essa situação surgiria, teria insistido em algo menos delicado." Dou de ombros. "Em minha defesa, isso é muito fora do seu caráter."

Seus lábios se contraem. "E o que *você* sabe sobre o meu caráter?"

Um pouco. Você odeia Lorde Larsen, e provavelmente as outras casas nobres também — e quem pode culpá-lo? Você costuma conseguir seus parceiros de cama de maneiras menos formais. Você não parece estar sexualmente interessado em mim, nem um pouco, o que me diz que tudo isso é para provocar. Na minha opinião, vai funcionar. Ah, e apesar de ter se tornado generalista, você ainda gosta de dormir no chão. Seus olhos se estreitam, e eu olho para o catre ao lado da cama. Apenas um punhado de cobertores estendidos no chão duro. "Não é preciso ter uma habilidade excepcional de observação para dizer que você prefere uma superfície mais áspera."

"Mas você os tem."

"O que?"

“Excelentes habilidades de observação.”

"Ah. Bom, cura e atenção andam de mãos dadas." Eu me inclino um pouco para trás, com as palmas das mãos apoiadas no colchão. "Então, devo tirar o vestido?"

Seu sorriso se espalha por seu rosto bonito. Imagino que ele *seja* intimidador, mas talvez eu esteja em choque. Isso, ou então deve haver algo mais errado comigo, porque meu reflexo de lutar ou fugir *ainda não* se manifestou. "Você é *muito* atrevida", ele reflete.

"Para um Ômega?"

"Para *qualquer um* ." Ele não está descontente, eu acho. "Surpreso que um conservador convicto como Lorde Larsen não tenha te ensinado a não ser impertinente."

"Eu não chamaria de *impertinência fazer perguntas simples e diretas* ", digo. Mas então acrescento, relutante: "Lady Larsen e Lennart têm me mantido longe da vista dele. Por um tempo, acho que até conseguiram convencê-lo de que eu nunca tinha formado uma opinião única." Dou de ombros, ainda sem saber se deveria ou não começar a falar sobre a nudez.

Talvez o motivo seja que eu nunca fui de procrastinar. Simplificando, prefiro estar ferrado *agora* e acabar logo com isso, do que passar horas roendo as unhas.

"Sabe", penso, observando o general, "vocês não são muito diferentes".

"Quem?"

"Você e Lorde Larsen. Talvez seja por isso que vocês não se dão bem."

Ele bufa. "A razão pela qual não nos damos bem é que ele é um sociopata que destruiria esta fortaleza e todos os que vivem nela, se permitisse."

"Ele pensa o mesmo de você." Sua carranca profunda quase me faz rir. "Ah, não estou dizendo que ele esteja certo. Mas eu estive na sala enquanto vocês estavam sendo discutidos. Várias vezes. Os nobres, eles não entendem..."

"Não há nada para eles *entenderem* ", ele diz arrastando as palavras. "Eles só

precisam fazer o que lhes mandam."

Desta vez, eu rio. "O senhor realmente acha que eles vão se curvar diante do senhor? Eles são membros da Grande Casa Larsen. A única maneira de isso acabar é se um de vocês recuar — ou em derramamento de sangue. Derramamento de sangue, eu acrescentaria, que recairá não apenas sobre vocês dois, mas sobre milhares de espectadores inocentes."

Ele não parece se abalar com minhas palavras — exceto pelo músculo se contraindo em seu maxilar. Quando ele se move, espero que finalmente goze para seu prêmio — eu. Tudo o que ele faz, no entanto, é puxar uma das cadeiras ao lado da cama para mais perto e sentar-se à minha frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto se inclina para a frente. Ele abre o fecho da capa, deixando-a cair atrás das costas.

Os olhos dele nunca se desviaram dos meus.

"Que sorte a minha", diz ele por fim, com um tom sarcástico. "Eu esperava uma transa medíocre e recebi uma ótima análise sociopolítica de um Ômega frio que sabe muito pouco sobre a verdadeira natureza dos eventos que nos levaram aonde estamos hoje."

Uma onda de irritação me invade; inclino a cabeça com uma doçura ácida. "Ah, 'medíocre'? Não seja tão duro consigo mesmo."

“Pretendo ser duro com *você* .”

“Foi o que ouvi, e ainda assim…”

Será que esse é o problema? A razão pela qual não estou machucada e sangrando, implorando pela minha vida num canto da sala? Talvez o General Agard quisesse me levar à força para punir os Larsens, mas não sou atraente o suficiente para que ele faça isso.

Mas não acredito. Acho que ele pode *gostar* disso. De conversar. De ser desafiado. Da reação. Está lá, no repuxo no canto dos lábios, nas linhas finas que cobrem seus olhos. "O Lennart já te conquistou?", ele pergunta.

— Você sabe como são os nobres. É proibido levar um Ômega à frente deles...

"Acasalamento, sim. Ele já te pegou?"

Eu não digo, mas o general sabe a resposta.

"Ele não tem, né? É porque você está com frio? Provavelmente não é flexível o suficiente para dar um nó? Sem filhos, provavelmente." Um olhar cruel. "Você não é divertida, Sofia?"

A injeção dói, mas sorrio entre dentes. "Aparentemente. Agora que falhei com todos os Alfas da minha vida, o que devo fazer comigo mesmo?"

O que você *fará* consigo mesmo? Depois que eu o devolver, usado e sujo, o que você acha que a Casa Larsen fará? O que você acha que seu amado Lennart fará?

"Não sei, senhor." Inclino-me para a frente. "Toda essa conversa de me foder contra a minha vontade, de me arruinar só para se vingar de Lorde Larsen, e ainda assim aqui estou eu." Aponto para mim mesma com um floreio. "Ainda intocada."

“E ainda assim ansiosa para ser fodida.”

“Alguém nesta sala deveria estar.”

Outra contração de sua boca. Seus olhos brilham com diversão e calor. "Guarde minhas palavras, Lady Larsen: eu sou seu Alfa esta noite. Posso tornar o que está prestes a acontecer extremamente doloroso."

“E vou perguntar mais uma vez: é nessa parte que eu tiro o vestido?”

Seus olhos descem para o meu decote. Meus seios. Depois, para o ponto onde meu quadril se junta à minha perna. E quando estou prestes a perguntar de novo, ele está bem na minha frente. Me pressionando contra a cama. Palmas das mãos em cada lado dos meus joelhos.

"Mas e se eu quiser te foder com esse vestido de noiva, Sofia?" O rosto dele está a poucos centímetros do meu. Sua respiração, irregular. "E se eu quiser te mandar para casa usando esse vestido, manchado com meu gozo? E aí, hmm?"

De repente, não consigo pensar. E fica ainda mais difícil quando ele se inclina ainda mais para mim, seu nariz percorrendo a coluna do meu pescoço enquanto tento me manter o mais imóvel possível.

"Que *porra é essa* ?", ele murmura no fundo da minha garganta, e eu estremeço.

"O que?"

"Já conheci Ômegas frios antes. Eles geralmente têm cheiro de Betas."

"Eu não?"

"Seu... *Porra* ." Ele inala novamente, profundamente. Mas desta vez, depois, sua língua lambe uma faixa na base do meu pescoço.

Eu estremeço. Ele também.

"Você cheira tão mal... Ninguém poderia te confundir com nada além do que você é."

Ele se afasta lentamente, com o rosto a poucos centímetros do meu. Nós dois respiramos com dificuldade.

“Disseram para você manter o véu?” ele pergunta.

Lembro-me das palavras de Lady Larsen. Concordo. "Não sei por quê."

"Eu faço."

"Por que?"

“Eles não queriam que eu te visse.”

“Por que eles fariam isso —”

“Porque você é bonita demais para a paz de espírito do seu parceiro.”

“Lennart também é lindo”, digo fracamente.

Um bufo suave. Mais uma vez, ele acaricia a articulação do meu maxilar. "Você poderia fazer melhor. Você merece melhor."

"É disso que se trata o acasalamento? Uma corrida? Conseguir o melhor que puder?"

"Eu não tenho a menor ideia sobre acasalamento. Agora, porra..." Seus dentes se fecham suavemente em volta da minha garganta. Um gemido sai do seu peito. "Retiro o que disse. Isso vai ser bom. Vai ser *mais* do que bom."

"O que é?"

"Vai te foder. Vou tentar te domar com calma. Pra você aguentar uns rounds. Poxa, talvez eu precise de mais do que isso de você."

Fecho os olhos, mortificada — e mais aquecida do que nunca. Algo pulsa na base do meu estômago em jatos líquidos. "Espero que você goste", consigo dizer.

O que o faz recuar. Novamente, há aquela expressão de surpresa e diversão em seu rosto. "Você espera que *eu* goste?"

Concordo com a cabeça, percebendo o quão estranho e retrógrado isso soa, mas... "Não sei se eu conseguiria desfrutar do sexo de qualquer maneira. E já que estou aqui apenas como um peão em um jogo entre dois Alfas... entendo que não posso ter o privilégio de ser desejada por mim mesma. Mas se meu corpo tiver que ser profanado, eu pelo menos espero que o profanador aproveite o processo." Solto uma risada.

Ele me escuta boquiaberto, com os olhos arregalados. E quando termino, ele pergunta, sem fôlego: "O que você está fazendo comigo?"

Pisco, confusa. Depois balanço a cabeça.

"Onde diabos eles te encontraram? Você é algum tipo de... *arma* que eles construíram para me matar?"

"Eu não entendo."

"O cheiro da porra. E o rosto. Os peitos, e essas coisas absurdas que você fica dizendo, como se eu não tivesse pensado em enfiar meu nó tão fundo em você, que você vai sentir na garganta —"

Um sinal sonoro nos interrompe. Um instante depois, as portas automáticas se abrem.

Quase espero que seu irmão entre, ou talvez o chefe de sua guarda. Em vez disso, um homem ômega esguio, de estatura mediana, dá alguns passos para dentro dos aposentos. Da minha jaula feita dos braços de Gabriel, examino seus cabelos cacheados e lábios finos, sem conseguir identificá-lo. "Senhor", diz ele, "algo aconteceu."

Com um suspiro profundo e descontente, Gabriel se endireita em toda a sua altura. Ele não desvia o olhar de mim enquanto ajusta a ponta do seu pau através do traje de combate, e então pergunta: "O quê?"

Sinto frio. Vazio. Como se tivesse sido acordado abruptamente no meio de

um sonho particularmente bom.

"O sistema de drenagem." O homem me olha de relance. Já sofri reprovação antes, mas agora sei o que é ser tratado com absoluto desprezo. "Ala sul."

"Merda. Já vou." Ele passa a mão pelos cabelos, me encara por alguns instantes, como se tentasse decidir o que fazer comigo, e então simplesmente ordena: "Fique".

Faço beicinho. "E se eu quiser dar uma volta noturna pelos quartéis?"

"Você será morto à primeira vista, é isso."

Olho para a fera que parece prestes a tirar uma soneca enquanto descansa a seus pés. "Seu... gato de guarda estará aqui para garantir minha presença contínua?"

“Eu te disse, ela faz o que quer.”

Alex boceja em resposta e começa a lamber a pata enquanto seu dono sai do quarto.

"Gabriel", chamo quando ele chega à entrada. Eu fui, pelo menos até certo ponto, responsável pela sua ereção mais recente. Acho que já nos tratamos pelo primeiro nome.

Mas ainda não sei o que me leva a dizer: "Amanhã, quando Lennart vier me buscar... se você me mandar de volta para ele intacta, todo esse teatro terá sido em vão."

Ele sorri, como um predador. "Nesse caso, talvez eu nem te mande de volta."

Meu estômago se revira. Vejo Gabriel cruzar a porta com Alex a tiracolo e digo a mim mesma que estou aliviada por estar sozinha.

Capítulo 10
O PROBLEMA
Gabriel

Ivar me encontra a caminho da ala sul, com uma expressão cautelosa e confiante no rosto. "Foi muito ruim?"

Dou de ombros, lutando para desviar o foco do que aconteceu no meu quarto. As palavras dela ecoam na minha cabeça. *É essa a parte em que tiro o vestido?* Imprudente. E tola. E muito mais comível do que eu poderia imaginar. Isso, talvez eu consiga perdoar. O fato de ela ter me feito rir... Vou fazê-la sofrer por isso.

"Vamos lá", continua meu irmão. "Não pode ter sido tão terrível assim. Eu já vi os hologramas dela."

"Os hologramas não..." Balanço a cabeça, ainda tonta com o cheiro persistente dela. "Eu também vi os hologramas dela. Não é a mesma coisa."

"Mesmo assim. Ela não pode ser *tão* feia."

“Ela não é nada feia.”

"Então o quê... Oh." Pela primeira vez, ele parece sem palavras.

Aperto os lábios e aceno, percebendo que também não tenho nada a acrescentar.

"Bem", ele diz finalmente, "isso não é novidade. Você já esteve com muitas mulheres bonitas."

Não como ela , eu quero rosnar, mas e depois? Ivar pediria uma explicação, e eu teria que dizer a ele que precisava me forçar a sentar em frente a ela para me impedir de tocá-la. Que me inclinar para mais perto dela era como viajar através do espaço e do tempo. Que eu nunca me senti tão fora de controle quanto quando o cheiro dela estava em minhas narinas, nem mesmo no auge de uma rotina.

"Gabe?", Ivar chama. Irritado, como se não fosse a primeira vez.

"O que?"

"Eu disse que você não cheira como se tivesse feito isso."

Porque eu não fiz isso. Porque eu fui interrompido pra caralho. Porque ela estava me olhando com aqueles lindos olhos verdes e me desafiando a fazer o meu pior. Porque ela cheirava melhor do que qualquer ômega no cio que eu já tive — quase madura, mas inacabada, interrompida. Porque eu desprezo os nobres. Eles são a escória da terra, e eu nunca, nem uma vez na minha vida, senti nada além de desprezo por eles.

Mas agora penso em Lennart Larsen, e tudo o que sinto é inveja. Inveja de um Beta, por seu Ômega frio que não sente *frio* algum.

“Gabe?” meu irmão pergunta.

Viro-me para ele, solto uma risada ofegante e digo: "Temos um problema enorme. E vou precisar de mais tempo."

Capítulo 11
O SONHO

Sófia

A cama de Gabriel não tem o cheiro dele porque, como soldado que é, ele nunca a usa. Os cobertores que compõem seu estrado, no entanto, são outra história. Eu os arrasto para a cama depois de horas de sua ausência, depois de tentar sem sucesso abrir a porta automática e escapar, e rapidamente adormeço enrolada neles.

Como um Ômega frio, meu olfato sempre foi péssimo. Não mais apurado que o de um Beta. E, no entanto, o cheiro de Gabe se destaca. É imediatamente distinto, instintivamente reconhecível, incongruentemente familiar. Uma única cheirada, e ele se incrustou nas dobras do meu cérebro.

Talvez seja por isso que sonho com ele.

Estamos do lado de fora durante uma baixa temporada, que já dura semanas, tanto tempo que a grama já teve tempo de *secar* . O pântano adquiriu uma cor amarelada e mofada, e deitamos nele, de barriga para cima, deixando o sol aquecer nossos rostos.

Ele ainda é o general. Não tem tempo para isso. Mas ele escapou para ficar comigo, e meu coração dispara enquanto rimos de alguém chamado Bastian procurando por ele, do bando de aves de rapina que confundiu os engenheiros com peixes, do meu colega que quase misturou narcóticos e vitaminas.

O sol pinta sua pele de dourado. Ele estende a mão, quente contra a pele do meu pescoço, traçando uma cicatriz que não me lembro de ter feito, e é como uma represa se rompendo, feroz, delicada, enviando uma onda de calor elétrico e amor através das minhas terminações nervosas. Com a palma da mão aberta, ele acaricia minha espinha para cima e para baixo, e eu fecho os olhos para saborear cada segundo do seu toque, para analisá-lo, gravá-lo na memória e armazená-lo profundamente dentro de mim, onde permanecerá vivo, pulsante, para sempre. Por um tempo, ficamos em silêncio.

"Pode dormir", ele murmura contra minha testa. "Eu fico de vigia."

“Gabriel”, murmuro no final de um bocejo.

"Sim, amor?"

“Estou feliz que você fez o que fez.”

Ele ri. Outro beijo. "Eu também, Sofia. Eu também."

Quando acordo na manhã seguinte, estou molhada entre as pernas.

Capítulo 12
A MANHÃ

Sófia

O homem Ômega da noite anterior vem me buscar apenas algumas horas depois do nascer do sol — que, aliás, eu presenciei em sua totalidade da cama. Os aposentos dos empregados na Casa Larsen não têm janelas, e eu nunca havia experimentado nada parecido com o jogo de luz através da água: o azul sinistro da noite se transforma em roxo, depois índigo, e então se suaviza em tons alaranjados.

Será que é assim todos os dias? Não tenho como saber, porque nunca mais voltarei a este lugar.

É um alívio , digo a mim mesma. E, na maior parte do tempo, acredito nisso.

"Minha senhora", diz o homem depois de pigarrear, tão insatisfeito com a minha presença quanto na noite anterior. Mais, possivelmente. "Vou acompanhá-la até o café da manhã."

"Eu tomo café da manhã?" Inclino a cabeça. "Isso é prática padrão?"

"Com licença?"

"Faz parte de tudo que é Certo, alimentar um Ômega depois de arrancá-lo dos braços de sua companheira?"

“Eu não saberia dizer, já que o general nunca reivindicou a direita antes de ontem.”

"É a primeira vez que faço alguma coisa, hein?" Pisco para o homem, que parece disposto a arriscar um entupimento para me dar descarga no sistema de vedação.

"Mas o general costuma convidar ômegas para passar a noite com ele", acrescenta. "E sim, ele lhes oferece uma refeição depois."

Não sei por que meu estômago embrulha ao ouvir isso, e não me importo em investigar o assunto. "Que cavalheiro. Aliás, eu sou a Sofia." Estendo a mão e tento não rir do jeito como ele torce o nariz para mim. "E como alguém que claramente conhece os costumes sociais, presumo que você vai me dizer seu nome a qualquer momento...?"

"Bastian", diz ele após uma longa pausa, parecendo ter comido algo azedo. "Sirvo o general como seu senescal."

Já ouvi esse nome antes? Sim. Recentemente. Muito recentemente. Mas a memória está confusa e não consigo me lembrar. "Prazer em conhecê-lo, Bastian."

"Gostaria de poder dizer o mesmo, Lady Larsen. Siga-me, por favor. E", acrescenta ele, olhando para o meu torso, "espero que devolva a túnica e as calças que roubou do armário do general."

Olho para as roupas largas demais que praticamente imploro para ficarem no

meu corpo e me pergunto por que diabos eu iria querer roubá-las. Mesmo assim, tento corresponder à sua seriedade. "Vou me esforçar para não decepcioná-lo, Bastian."

Percorremos um punhado de corredores austeros que nada têm da opulência que conheço da Casa Larsen. No final deles há uma sala de jantar, e Gabriel está sentado à mesa lá dentro. Ele está em um banco e não na cabeceira. No momento em que chegamos à entrada, ele olha para cima e desliga o projeto holográfico que está estudando. Há um punhado de pratos sujos espalhados ao redor dele, sugerindo que outros estavam presentes, mas saíram recentemente. Quando ele gesticula para que eu me sente à sua frente, ignoro o sobressalto no meu coração e passo por Bastian. Ao fazer isso, um cheiro familiar atinge meu nariz.

Eu paro.

"O subcomandante", murmuro, parando no meio do caminho.

"Com licença?"

"Você cheira como a mulher Alfa que me acompanhou até aqui ontem à noite. A subcomandante. Você é a Ômega dela?"

Seus olhos se arregalam. "Achei que Ômegas frios fossem tão ruins quanto Betas em termos de cheiros."

"É. Geralmente somos." Na minha experiência, pelo menos, nunca consegui dizer coisas como quem estava acasalado com quem antes de hoje. É estranho, e eu dedicaria algum tempo a me perguntar *o porquê* , mas Bastian vai embora, e eu não tenho escolha a não ser me sentar na frente de Gabriel.

A luz da manhã entra por outra janela, acariciando os traços bonitos e marcantes de seu rosto, pintando seus cabelos de um branco prateado, transportando-me para o sonho da noite anterior, contra a minha vontade. Hoje ele não está usando sua armadura, mas ainda assim consegue parecer ainda mais imponente do que o normal. Talvez porque a ilusão de que seu tamanho possa ser causado por algo além de músculos esteja completamente destruída.

“Você fica bem de azul militar, Lady Larsen.”

Olho para a camisa, que chega quase aos meus joelhos. Não estou com *boa aparência* . Pareço cansada, desgrenhada e provavelmente tola também. "Todo mundo aqui adora me chamar assim, né?"

“É o seu novo título.”

“E seu novo insulto favorito.”

Ele vira a cabeça, como se talvez esperasse que eu não percebesse o sorriso em seus lábios. Deixo que ele pense o que quiser enquanto olho para os pães e geleias dispostos à minha frente, a cesta de doces, o café fumegando na caneca.

Costumo sair da cama tarde e devorar uma unidade de proteína a caminho do trabalho. Todas as noites, tomo chá com Lady Larsen, e geralmente há uma variedade de doces para acompanhar, mas isso é luxo demais para mim. "Não

tenho certeza se fiz alguma coisa para merecer essa refeição, General."

"Ah", ele diz enigmaticamente, "você certamente fez isso".

Inclino a cabeça. Observo o jeito como ele me observa. "Por que você foi chamado ontem à noite?"

"Comer."

"O que aconteceu?"

"Nada com que se preocupar. Você não jantou ontem à noite... *coma* ."

“O que aconteceu, General?”

“Por curiosidade, você *já* fez o que lhe mandaram?”

"Uma ou duas vezes. O que aconteceu?"

Ele suspira. Acho que parou de fingir que não gosta de respostas maldosas. "A mesma coisa de sempre. Vamos chamar de um acidente aleatório. Dois engenheiros estavam envolvidos."

— O quê? Leve-me até lá. Posso ajudar os curandeiros que...

“Eles estão agora em Valhalla, Sófia.”

Meu queixo cai. "Como se chamavam? Tenho muitos amigos entre os engenheiros. Alguns dos ex-soldados do meu pai praticamente me criaram."

"Eles estão bem."

"Você não pode ter certeza."

"Eu posso. Nenhuma das vítimas jamais trabalhou com seu pai."

Olho para ele com raiva. "Você não tem como saber disso."

“Eu conheço *meu* exército.”

Penso no tratamento do ferimento dele há dez anos e penso: *não duvido* . "O que deu errado?"

"Que pergunta! Talvez, quando eu te mandar de volta, você devesse perguntar isso ao seu amado companheiro. Tenho certeza de que ele teria uma ótima ideia."

"Lennart é um curandeiro. Ele *jamais* faria algo assim."

"E o pai dele? *Seu* novo pai."

As palavras soam como um tapa. "Nunca *mais* diga isso", sibilo com os dentes cerrados. "Eu *tive* um pai, e Lorde Larsen não merece ser mencionado na mesma frase que ele. Pouca coisa eu ignoraria esse homem, incluindo matar engenheiros a sangue frio. Mas Lennart não ficaria parado e o deixaria fazer isso."

Uma risada curta e amarga. "Nenhum membro daquela família fez porcaria nenhuma para impedir Lorde Larsen. Todos sabem e são todos cúmplices."

Penso em Lady Larsen. Lara. Lennart. Eles podem ser covardes, mas não permitiriam algo assim, eu sei. Mesmo assim, eu adoraria ter a oportunidade de perguntar diretamente a eles. Só para ter certeza. "Posso ir embora?"

Gabriel passa um minuto pensando nisso, claramente saboreando seu poder sobre meu paradeiro. "Ainda não."

“A primeira noite acabou.”

Ele se inclina para a frente, com os cotovelos apoiados em cada lado do prato. "É mesmo? Porque eu sinto que não..." Ele adormece. Congela. Imediatamente, suas narinas se dilatam enquanto ele inspira profundamente. Depois de um momento, ele solta um "merda" baixo.

"Porra?"

Suas pupilas são pouco mais que alfinetadas. "Você sempre cheira assim de manhã?"

"Eu..." Tomei meu último banho antes da cerimônia. Hoje de manhã, lavei o rosto, como todos os dias. Não lavei o suficiente para ficar com cheiro ruim. "Cheirar a quê?"

“Tipo…” Ele balança a cabeça como se quisesse expelir algo dela.

Eu também inalo, mas tudo o que consigo sentir é o fermento do pão. E, claro, o poderoso e adorável aroma de Alfa do Gabriel. Esta manhã, quando acordei na cama dele, senti um impacto ainda mais forte do que na noite passada. Tão forte que tudo o que quero é agarrar a palma da mão dele, levá-la ao meu rosto e morder seu pulso. Quero *lambê* -lo e sentir seu gosto contra o céu da boca. Quero enterrar meu nariz em sua pele e simplesmente *respirar* ...

O que diabos está acontecendo comigo? Há menos de um minuto, estávamos falando sobre pessoas morrendo.

"O que é um Omega frio?" Gabriel pergunta.

“Eu… Com licença?”

"Você é um curandeiro. Me explique como se eu fosse o ignorante que nós dois sabemos que sou. Qual o problema de um Ômega frio, fisicamente? Biologicamente?"

"Por que você quer saber?"

“Porque estou curioso.”

Estalo a língua, irritada, me perguntando se ele está experimentando uma nova maneira distorcida de me machucar. Mas então me ouço dizer: "Nós apenas... O desenvolvimento das nossas características sexuais Ômega parou abruptamente, e nenhuma droga ou mudança de estilo de vida foi capaz de reiniciá-lo." Ele parece perdido em pensamentos. Percebo a profunda ruga em sua testa e me pergunto o que seria necessário para amenizá-la. "Senhor? O senhor está bem?"

Ele pigarreia. Recua, como se quisesse se afastar de mim. "Sim, Lady Larsen."

Reviro os olhos. "Sabe, tenho pensado muito nesse assunto."

"Qual deles?"

"Se é correto você me chamar assim. Já que meu acasalamento com Lennart ainda não está completo — graças a *você* — acho que não deveria." Uma pausa.

"Ainda."

Um músculo se contrai em seu maxilar. Mesmo assim, ele sorri. "Ainda."

"Você vai me mandar de volta intocada? Ou está aqui para terminar o que começou?" Inclino a cabeça. "Ou o que você *não* começou?"

“Estou aqui porque fiquei com fome depois da minha sessão de treino matinal.”

Sem querer, eu rio. "Aposto que você é o tipo de Alfa que acorda duas horas antes de todo mundo para treinar."

“E aposto que você é o tipo de Ômega que fica acordado duas horas a mais que todo mundo para ler.”

Como ele sabe?

Nós nos encaramos, e eu poderia jurar que seus lábios estão se contraindo para cima.

"Seu senescal é mesmo companheiro do seu subcomandante? Acertei?"

"Você fez. Sim."

Nossa. Olha eu aqui. "Ele trata todos os ômegas que dividem a sua cama como se fossem excremento de peixe?"

“E se eu lhe dissesse que não houve mais ninguém?”

“Eu perguntaria se você bate a cabeça durante o treino.”

Ele ri. "Eu transo com ômegas. Mas não na minha cama."

"Como assim?"

"Acho que os cheiros deles tendem a ficar na memória. Não fique muito tempo."

Isso explica por que seus aposentos cheiram apenas a ele. "Não se preocupe", eu o tranquilizo. "Não vou cometer o erro de achar que ser a exceção me torna especial." Inclino a cabeça em algo que quase poderia ser amigável. *Sedutor* , diria Lara. "O que realmente me torna especial é que você não me levou, não é?"

É a vez dele dizer: "Ainda. Eu *ainda não te tomei* , Sofia." Eu me pergunto brevemente se ele planeja limpar a mesa com o braço e me foder bem em cima dela nos próximos três minutos, bem antes de eu ter permissão para voltar para casa.

Por uma fração de segundo, o olhar em seus olhos me fez ter quase certeza de que ele está pensando a mesma coisa.

"É por isso que o Bastian quer me jogar para os oceanos? Porque estou sujando seu quarto com o meu cheiro?"

"Bastian não tem nada a dizer sobre o que eu faço. A razão pela qual ele não gosta de você é a sua infeliz associação com os Larsen — e por causa da lealdade dele a Martia."

"O que isso significa? Por que isso a faria me odiar?"

“Martia e eu éramos engenheiros soldados juntos.”

"Ainda não entendi. Como isso a faria odiar —"

“Servimos sob o comando de Kuznetsov.”

Faço uma pausa, surpresa e confusa. A verdade é que eu sabia pelo meu pai que o soldado que viria a se tornar General Agard havia servido sob seu comando por um tempo. Mas isso foi há muito tempo, e eu não tinha como saber se Gabriel se lembrava ou sequer se importava com um antigo comandante. O fato de que ele se importava me deixa absolutamente encantada. Sinto falta do meu pai. Gosto de ouvi-lo sendo mencionado. Aprecio qualquer oportunidade de falar sobre ele. "Por que não...?"

"O que?"

"Não sei. Você sabia que eu era filha dele? Por que não disse isso antes?"

Sua risada é daquelas vazias e raivosas. "Não precisa fingir, Sofia. Isso é muito desonesto, mesmo para um Larsen recém-formado."

"Eu... Com licença? Fingir o quê?"

“Que você não nos proibiu de comparecer ao funeral dele.”

Fico boquiaberta. "Eu não fiz isso."

"A própria Lady Larsen falou com meu senescal. Ela disse que o senhor não nos queria lá."

— Gabriel, eu *jamais* ... Quando meu pai morreu, mesmo que eu me importasse com lealdades políticas ou com o que diabos aconteceu entre você e Lorde Larsen, eu jamais teria impedido alguém que se importasse com meu pai de... Deve ter havido um mal-entendido. Lady Larsen não...

"Eu acho", ele rosna, seus olhos gelados de repente a centímetros dos meus, "que você descobrirá que, quando se trata de você, Lady Larsen certamente *faria isso* ."

Nós nos olhamos, um silêncio pesado entre nós enquanto tento decifrar suas palavras. Se Lady Larsen realmente disse algo assim a Bastian, ela devia ter boas intenções. Talvez ela temesse que a presença do general gerasse tensões que pudessem arruinar a cerimônia.

"Dei a ela um recado para você", diz Gabriel. "Uma carta. Ela a passou adiante?"

Engulo em seco. Balanço a cabeça. Olho para a grande janela circular enquanto massageio o esterno para aliviar a dor oca no peito. "O que dizia?"

"Não importa." Seu tom parece sugerir o oposto. "Não precisa preocupar sua cabecinha alheia com isso, *Lady Larsen* ..." Você é muito bom em não perceber o que acontece ao seu redor.”

“Como você ousa —”

“Gabe”, alguém chama da entrada.

É a Martia. Mas eu não me viro para ela, e Gabriel também não.

“Eles estão aqui”, ela acrescenta.

"Diga ao Lennart que ele vai ter que esperar até que eu termine de usar a companheira dele", ordena Gabriel.

Eu deveria me encolher diante das palavras grosseiras, mas elas simplesmente não machucam o suficiente. Talvez eu esteja com muita raiva. Ou talvez seja a ideia que isso desperta — ele realmente me *usando* como um Alfa usaria um Ômega. Isso me deixa com a barriga mais quentinha. Instantaneamente, como se em resposta, as narinas de Gabriel se dilatam.

“Não é Lennart”, diz Martia.

Por fim, olhamos para ela com duas carrancas.

“Quem eles enviaram?” pergunta Gabriel.

“Quatro guardas.”

"E?"

"É isso."

Sua carranca se aprofunda. "Você está brincando, né? Você não pode estar falando sério."

"O que você esperava de um covarde covarde como Lennart?", Martia zomba.

Eu deveria me opor a isso. Defender meu companheiro. Dizer que eles não deveriam falar dele daquele jeito, mas... Minha cabeça gira e não consigo entender o que estou sentindo. *É* estranho que Lennart, com quem eu deveria ter passado a noite passada, de repente esteja ocupado demais para aparecer para mim.

Ainda mais estranho é o sorriso lento e triunfante de Gabriel, de rosto colado. Ele permanece em silêncio, saindo da sala de jantar.

Depois de um momento de hesitação, corro atrás dele.

Capítulo 13
A RECUPERAÇÃO

Sófia

Ninguém me impede enquanto sigo alguns metros atrás de Gabriel, parando quando ele para em frente ao comandante da guarda pessoal de Lord Larsen.

lhe entregue um Ômega desprotegido ?", pergunta Gabriel. Ele está desarmado, vestindo a camisa e as calças finas que os soldados costumam usar para treinamento físico — um forte contraste com a armadura vermelha e as múltiplas armas do comandante. E, no entanto, é o guarda que dá um passo para trás, cauteloso.

"Ela não ficará desprotegida. Como pode ver, tenho três acompanhantes comigo."

"Todos eles são Alfas. Nenhum deles é seu companheiro."

Eu me pergunto por que Lennart não veio. Talvez ele simplesmente não conhecesse o protocolo correto para o Direito da Primeira Noite, mas poderia ter descoberto. Ele pertence a uma das famílias mais antigas da fortaleza e tem recursos infinitos à disposição. O resultado é que sua ausência parece ruim. Como uma provocação. Como se Lennart estivesse brincando com fogo — e com a minha vida.

Como ele pôde?

O comandante da Casa Larsen deve saber que o general jamais assassinaria um emissário de uma Casa a sangue frio. Mesmo assim, ele parece preferir se jogar do alto da fortaleza a estar aqui. "Senhor, fui pessoalmente instruído por Lorde Larsen para..."

“Eu não te conheço. Acima de tudo, não *confio em* você. Diga a Lennart Larsen que a lei dá instruções muito específicas sobre como resolver o Direito da Primeira Noite. Entregarei Sofia Kuznetsov a ele e a mais ninguém. Nem aos seus guardas. Nem ao seu irmão. Nem aos seus pais. Nem a qualquer outro representante da Casa Larsen. Se o pai dela retornar dos mortos, talvez eu abra uma exceção. Fora isso, Lennart terá que ir buscá-la pessoalmente, como é costume.”

"Mas, senhor, eu a vejo." O guarda faz uma última tentativa. "Ela está bem ali, atrás do senhor. Talvez pudéssemos perguntar o que ela prefere?"

Gabriel me olha por cima do ombro, e minhas bochechas esquentam. Ainda mais quando, depois de encará-lo por muitas batidas do coração, ele ordena: "Diga ao Lennart que ainda não terminei com a companheira dele". Ele se vira e vai embora, dando as costas, sem armadura e sem armas, aos guardas Larsen com uma confiança e um descaso com o perigo que...

Bem. Definitivamente corresponde ao que aprendi sobre ele nas últimas vinte e quatro horas.

"Gabriel", digo quando ele passa por mim, mas ele não se dá ao trabalho de parar. Não tenho escolha a não ser segui-lo de volta para dentro da sala de jantar, e quando ele ainda não me espera, fecho a mão em volta do seu pulso para detê-lo.

Martia ainda está lá, esperando, olhando de um lado para o outro, mas eu a ignoro. Se ela me odeia tanto quanto Gabriel insinuou, definitivamente não vai me ajudar...

Ajudar-me *em quê* ? Não tenho certeza do que quero do Gabriel, neste momento. Permissão para ir para casa, para o meu companheiro, certo? Não há nenhum outro lugar onde eu deveria estar. Nenhum outro lugar onde eu *poderia* estar. Os Larsen são minha família agora, e tenho perguntas a fazer a eles.

Mas por que a ideia de ir embora me dá náuseas?

"Gabe", diz Martia, com um tom entediado, "manda a garota de volta. A bola está com os Larsen. Além disso, você já teve sua transa semanal, e não vai..." Ela para. Seus olhos se fixam em mim como se eu fosse um móvel em que ela acabou de esbarrar. Seus olhos se arregalam acusadoramente, mesmo enquanto ela diz: "De jeito nenhum."

"O quê?", pergunto.

"Ele não *tocou* em você, tocou?" Martia se aproxima, as narinas dilatando. "Gabe, por que ela cheira como se você a tivesse marcado como se estivesse sob sua proteção, mas *não* como se você tivesse transado com ela?"

“Deixe-nos”, ele ordena.

"Gabriel." Martia passa a mão pelo cabelo curto. "Isso é sério. Que diabos está acontecendo? Você vai mesmo devolvê-la, como o máximo que você fazia com ela era jogar cartas? É porque ela está com frio? Se você está com dificuldade para levantar..."

"Saia. Daqui. pra. *porra* ."

Um momento depois, após vários palavrões murmurados e a saudação menos obsequiosa que já presenciei, estamos sozinhos.

Só eu e ele, e estou mais consciente disso do que nunca. Tanto que um arrepio percorre minha espinha.

“Finalmente”, ele diz.

"O-o quê?"

“Você finalmente tem a decência de parecer chateada e preocupada com a situação. Está finalmente se dando conta? Até que ponto você está à minha disposição? O fato de eu ainda não ter transado com você não significa que não vou transar.”

Dou mais um passo para trás e coloco os braços em volta do estômago.

“É lindo ver que sua reserva de paciência e alegria não é infinita.”

"Por que você está me mantendo aqui?"

"Porque seu companheiro não veio buscá-lo. Por nenhum outro motivo. Por quê? Você está duvidando da minha palavra?"

“Ele enviou seus homens —”

"Ele fez, não é?" Ele se recosta na mesa, relaxado. "Ele sabe?"

"O que?"

“O tesouro que ele tem em suas mãos.”

“Eu não entendo o que você —”

"Você é um verdadeiro Ômega, não é?"

Cerro os punhos e desvio o olhar. "Não sou nenhuma. Achei que tínhamos combinado isso."

"É mesmo? Sua apresentação empacou, claro. Mas, em todos os outros aspectos, você é tão estereotipicamente Ômega que deveriam escrever manuais sobre você."

— Isso mostra o quão pouco você me conhece — bufo. — Não sou submissa, nem tímida, nem...

"Não, não é. Mas só imbecis acham que essas são características de Ômega." O jeito como ele me olha implica claramente que nenhum de nós é um, e sinto uma onda repentina de constrangimento. Tanto o senescal de Gabriel quanto seu braço direito são Ômegas. É claro que ele não compartilha da opinião de Lorde Larsen sobre designação. "Boa tentativa, Sofia, mas sabemos mais, não é? Você não quer que lhe digam o que fazer. Você não quer ser trancada em um quarto e protegida. O que você *precisa* é do tipo de completude que vem com um vínculo indissolúvel. Você *precisa* de uma família para cuidar e que cuide de você. Você *precisa* de confiança absoluta, comunicação aberta e lealdade implacável. Não é verdade?" Quando não consigo formular uma resposta, ele continua em um tom mais baixo: "Você precisa de um Alfa. Alguém que precise de você tanto quanto eu. Não é verdade?"

É como se ele tivesse me derrotado. Sinto como se suas palavras tivessem aberto meu peito e arrancado meu coração. Tudo o que posso fazer agora é encontrar um jeito de continuar vivendo sem ele. "Não importa", sussurro, engolindo o nó na garganta. "Não posso ter isso."

“Não foi isso que eu perguntei.”

Não, não é. "Como você sabe?"

"Ah, Sofia." Seu sorriso não contém nenhuma simpatia e sim muita pena. "Se você se concentrar o suficiente, talvez consiga juntar as peças."

Balanço a cabeça, sem vontade de seguir o caminho que ele está tentando me levar. "Não me importo. Quero ir para casa."

Não era o que Gabriel queria ouvir. Ele se afasta da mesa e se aproxima, erguendo-se sobre mim. Seus braços se cruzam sobre o peito, provavelmente um sinal de seu temperamento explosivo, mas meus olhos pousam em seu ombro e

no bíceps abaixo dele. A camisa de manga curta que ele veste deixa grande parte de seu longo braço descoberto, e eu estendo a mão antes que possa pensar melhor.

Seus músculos ficam tensos, duros como os tijolos que compõem as muralhas da fortaleza. Ele não pergunta o que estou fazendo, nem com palavras, mas sua surpresa por eu ter iniciado o toque é óbvia.

Ele está quentinho. Ele tem um cheiro... *comestível* . Tento inalar delicadamente, mas é óbvio que estou enchendo os pulmões, e não me importo que ele saiba.

"Quem suturou esse ferimento fez um péssimo trabalho", digo, deixando dois dos meus dedos traçarem a linha irregular que passa pelo seu cotovelo.

Quase espero que ele se liberte. Em vez disso, ele me olha com cara feia e retruca: "Ela fez o melhor que pôde."

“E o seu melhor estava *severamente* deficiente.”

“O melhor dela foi perfeito pra caramba.”

“Se você considera uma linha em zigue-zague perfeita, claro.”

"Considerando a situação, ela..." Ele para. Seus olhos se estreitam no meu rosto. "Porra. Foi você? A aprendiz?"

“O único.” Apesar de mim e da situação, eu sorrio.

Os lábios de Gabriel se abrem, como se a lembrança de que o tratei tantos anos atrás o deixasse admirado e encantado. "Foi você", ele repete.

"Garanto que minhas técnicas de costura melhoraram muito." Meus dedos deslizam mais para baixo, traçando um punhado de cicatrizes brancas e mais limpas que se cruzam em seu antebraço. "Até melhor do que quem costurou essas outras."

"Tenho certeza de que você terá a oportunidade de me mostrar em breve. Coleto cortes com facilidade e frequência."

"É, eu..." Um lampejo de decepção me atravessa. Transforma-se numa confusão desorientada que não consigo interpretar, e mordo o lábio inferior até sangrar, na esperança de disfarçar.

"O quê?" ele pergunta suavemente.

"Eu..." Levanto os olhos e encontro seus olhos. Engulo em seco. Penso — sem ser convidado, sem amarras — que teria sido bom nunca parar de curá-lo. Estar lá toda vez que ele precisasse de atenção médica. Saber que eu estaria lá para o seu próximo corte, sua próxima doença, seu próximo osso quebrado. "Meu amigo já está muito infeliz com a ideia de eu continuar trabalhando. Duvido que ele me deixe te tratar novamente." Deixo meu braço cair ao lado do corpo. Minha respiração é repentina, profunda e trêmula. Algo está acontecendo comigo, algo que tem a ver com o cheiro de Gabriel e minha presença prolongada aqui, algo que não consigo entender completamente.

"Amor", Gabriel me diz, pouco mais que um sussurro. Sua mão encontra o lado do meu rosto e o envolve. "Seu *companheiro* vai pagar caro por isso." nunca pensando que ele poderia te dizer o que fazer.” Pela primeira vez, seu tom soa mais como uma promessa do que uma ameaça, e o beijo que ele pressiona contra minha testa parece o carimbo de seu selo.

Capítulo 14
O AROMA

Gabriel

Deixá-la é tão fácil quanto arrancar meu próprio braço.

No entanto, anos de disciplina contam para alguma coisa, e eu me obrigo a fazer isso mesmo assim. Mesmo assim, quando me junto a Martia nos elevadores para me encontrar com os tenentes-generais, estou com um humor pior do que o normal. "Alguma notícia sobre a explosão de ontem à noite?", pergunto.

“Ainda estamos trabalhando nisso”, ela explica, “mas não parece haver muitas evidências que liguem isso à Casa Larsen”.

“E o resto?”

"Eles estão sendo muito desorganizados. Nossos informantes relataram que Lorde Laren contatou os líderes das outras Casas e tentou convencê-los a unir forças para derrubá-los."

Eu bufo. "Ele é tão previsível."

"Sim. Ele foi silenciado, claro. Ontem à noite, ele arrastou Lennart e Gunner para falar com o conselho. Quem os lembrou do conceito de lei."

"Fantástico." Concordo com a cabeça. "Isso deixa duas opções para eles: aceitar a provocação ou lançar outro ataque."

"E todos sabemos que Lorde Larsen jamais escolheria a primeira opção." Ela sorri. "É preciso dar crédito ao Ivar — reivindicar a Direita está tendo o efeito que esperávamos na Casa Larsen. Eles parecem estar ficando desleixados e um pouco desesperados, exatamente como ele previu."

“ *Ivar* previu que Lennart se oporia à direita e me daria uma chance de matá-lo na hora.”

"Ok, ele pode ter sido otimista demais quanto ao momento, mas estamos chegando lá. Além disso..."

Olho para ela. "O quê?"

"Parece que você não se importa." Diante da minha sobrancelha levantada, ela explica: "Quero dizer, ter a garota por perto."

O elevador muda de direção e começa a se mover verticalmente. Viro-me para Martia, com os braços cruzados sobre o peito, e espero que ela continue. Ela nunca foi de medir palavras.

"Eu tenho olhos, Gabe. E te conheço há quinze anos."

Chupo a parte interna da bochecha. "Ambos os fatos."

“Nada disso é normal.”

“E por 'isso' você quer dizer…?”

Ela gesticula na minha direção, entretida. "O jeito como você está deixando um Ômega que você conheceu há menos de 24 horas te irritar enquanto você está em guerra com seu rival político."

"Lorde Larsen não é *um rival* , apenas um fóssil apodrecendo em seu direito, e seus dias estão contados. Quanto à Ômega, eu a conheci muito antes de ontem."

Ela franze a testa. "Você fez isso?"

Não me dou ao trabalho de responder, mas minha mão se ergue em direção ao meu braço, e quase gemo de frustração quando ela encontra Kevlar em vez de pele quente. Pela primeira vez na vida, sinto ressentimento pela minha armadura. Quero traçar a cicatriz que ela deixou no meu braço. O lugar onde ela me marcou muito antes de eu saber quem ela era ou o que se tornaria. A filha de Kuznetzov também.

Porra. Ela estava lá o tempo todo, não é?

“É inesperado”, admito.

"O que é?"

"Ela." Respiro fundo. Olho para a frente. "Vou falar com os generais e depois vou me certificar de que tudo esteja em ordem e que não haja nada que Lorde Larsen possa fazer sem que eu descubra. Tenho uma tarefa diferente para você."

“Qual seria?”

"Preciso que você garanta que o Lennart fique ocupado em outro lugar pelo resto do dia. Não me importa o que você tenha que fazer. Corte o tendão de Aquiles dele se precisar."

"Com prazer. E depois?"

Sorrio. "Não vou devolvê-la, se é isso que você está pedindo."

"Por quanto tempo?"

Para sempre. Essa é a única resposta possível. Mas não posso dizer isso para a Martia, porque até eu sei o quão insano isso soa. "Por quanto tempo eu quiser ela."

“Gabe, é… Você pode não ter escolha.”

“Eu *sempre* tenho uma escolha.”

Martia suspira. Mas então pergunta: "O cheiro dela mudou. Você também notou, né?"

Depois de um instante, eu concordo.

"Está muito mais forte do que ontem à noite. Nunca vi nada parecido. Tem algo *muito* errado aqui." Sua garganta falha. "Acha que Lennart Larsen é feito do mesmo material que o pai?"

Penso no assunto. Uma onda de raiva me percorre, mas a contenho. Consigo ser paciente, pelo menos por curtos períodos. No máximo até o final da semana, darei a Lord Larsen e seu filho exatamente o que eles merecem.

"Pelo bem do Lennart", eu digo, "espero mesmo que não."

Capítulo 15
O JARDIM

Sófia

Naquela tarde, a maré baixa é parcial, algo que os observadores da maré não previram. É algo que a maioria das pessoas na fortaleza mal percebe, já que a água cai apenas o suficiente para liberar os últimos cinco ou seis andares da fortaleza, e provavelmente não durará mais do que dez horas. Ainda assim, é uma oportunidade perfeita para os engenheiros cuidarem de alguns reparos que precisam ser feitos de fora.

Gabriel se foi, e por uma conversa ouvida entre Ivar e Bastian, deduzo que ele está ocupado com reuniões importantes e provavelmente supersecretas. Quase todos os soldados estão concentrados na manutenção. Isso me deixa livre para vagar pela área militar, que fica na ala sul do terceiro andar a partir do topo. Uma guarda Beta me segue, me observando a alguns metros de distância. Imagino se ela está ali para minha segurança, para impedir minha fuga ou para proteger os outros caso eu enlouqueça, mas há tão poucas pessoas vagando pelos corredores que a segunda opção deve ser a correta.

É melhor assim, porque estou desenvolvendo a maior dor de cabeça de todas. Deve ter a ver com este novo ambiente, a estimulação constante, os últimos dias estressantes. A ala militar é grande, e adoro estudar sua arquitetura severa e catalogar as inúmeras diferenças em relação à extravagância da Casa Larsen.

No entanto, aqui os cheiros parecem quase intensos demais. Os outros Ômegas por onde passo são enjoativos. Os Alfas, agressivos e autoritários. Paradoxalmente, o único lugar onde me sinto em paz é o quarto de Gabriel, onde seu cheiro domina e se sobrepõe a qualquer outro. Mas quando espio lá dentro, Alex está esticada em um raio de sol. Dada a intensidade de seu olhar, decido encontrar outro lugar para passar a tarde.

Meu guarda recomenda um lindo jardim artificial. Fica no canto da ala, em uma área acessível a todos na fortaleza. Tem mais janelas do que consigo contar, e não consigo parar de pensar que, se tal lugar pertencesse a Lord Larsen, ele o teria apropriado e restringido o acesso a si mesmo e à sua família. Claramente, Gabriel acredita em espaços comuns e quer que todos experimentem a luz do sol de verdade. O tipo de princípios que você desenvolve quando não foi criado no quinquagésimo andar, eu acho.

Passo horas aqui. Circulo as belas plantas que parecem figuras dos livros antigos que meu pai costumava ler para mim, estudando o formato das folhas, maravilhando-me com o brilho das flores. Estou, na maior parte do tempo, sozinha, o que deveria ser libertador, mas me faz sentir estranhamente desolada, como se tivesse perdido um galho ou algo igualmente necessário. Perto do fim da tarde, porém, uma criança ruiva que não deve ter mais de quatro anos surge

correndo por uma das trilhas e para bem na minha frente com uma expressão intrigada.

Por mais que eu adore crianças, não tenho muita experiência com elas. Já tratei algumas, a maioria filhos de militares, mas quando os pais os levam até mim, geralmente é por questões médicas urgentes, e eles tendem a ficar apavorados. Para tranquilizá-los, aprendi um truque que nunca deixa de impressionar: tirar um objeto de trás da orelha deles.

Neste caso, escolho uma flor.

O truque deve encantar crianças saudáveis tanto quanto as doentes, porque a menina suspira, grita e diz algo que soa como sua versão de " *de novo!"* . É então que um jovem Alfa emerge de trás de um arbusto frondoso. Ele é alto e bonito, com cabelos ruivos e olhos castanhos.

E ele diz em tom amigável: "Estou começando a me perguntar se talvez você *não seja* o monstro que te fizeram parecer." O cheiro de Ivar está por todo o corpo dele. Mesmo a alguns metros de distância, consigo senti-lo facilmente.

Eu me levanto enquanto o homem troca um aceno com meu guarda e então se aproxima.

"Esta é Marguerite", ele me diz, pegando a criança no colo. Ela deve ser filha dele e de Ivar.

O que a torna sobrinha de Gabriel , penso comigo mesmo — por algum motivo, com uma pontada estranha no peito.

“E eu sou Andreas.”

Forço um sorriso. "Sofia."

"Ah, eu sei. A Martia e eu trabalhamos juntos, e ela está reclamando de você há dois dias. E, no entanto, ninguém me conta qual é o problema entre você e o general", diz ele, com algo que só consigo descrever como um beicinho. "É difícil estar cercado de Alfas. Eles não são bons em fofocar."

“Ah, bem, meus mais profundos pêsames.”

"Sem querer ofender, curandeira, mas pode esconder suas condolências. Tem mais uma coisa que eu quero de você."

“E o que seria isso?”

Ele sorri. "Informação."

Ele me leva a uma pequena área de recreação logo atrás de uma samambaia gigante, onde nos sentamos lado a lado em um banco de pedra e observamos Marguerite construir castelos em uma caixa de areia rochosa. "Então, você é a companheira do Lennart?"

“Você o conhece?” pergunto, surpresa.

Um pouco. Nasci e fui criado na Casa Niemi, embora não no ramo principal da família. Mas Lennart e eu somos os terceiros filhos, mais ou menos da mesma idade. Houve alguma coincidência.

"Ah. Bem, tenho certeza de que Ivar já explicou a essência do que está acontecendo."

"Só o essencial. Lorde Larsen, o frio Ômega, o Direito da Primeira Noite. É mais ou menos isso." Ele suspira. "A vida inteira de Ivar consiste em reunir informações exploráveis sobre pessoas, eventos e circunstâncias. Quando está em casa comigo e com Marguerite, ele gosta de relaxar e nunca compartilha nada picante. Geralmente, falamos sobre disputas de propriedade chatas que terminaram há duzentos anos."

“Quem não gosta de um bom registro de terras?”, pergunto secamente.

"Quem, de fato. Então, como você conheceu Lennart?"

"Nós dois estávamos treinando como curandeiros." Parece que faz tanto tempo. "E então nos tornamos amigos."

"Amor à primeira vista?"

"Na verdade, não. Ele gostou de mim por mais tempo do que eu gostei dele. Ele era legal, mas eu não pensava nele dessa forma. Quando acabei ficando fria, ele me disse que não se importava. Que eu ainda era perfeita para ele." Engulo em seco. É estranho compartilhar detalhes tão íntimos com alguém que acabei de conhecer. Mas minha cabeça parece cheia de algodão, e posso estar com febre, e há algo reconfortante em colocar meus pensamentos em ordem para expressá-los a outra pessoa. "Foi uma época difícil. Eu não conseguia entender meu corpo. Eu sentia que estava decepcionando todos ao meu redor. Mas Lennart foi tão receptivo. Quando ele me pediu para ser sua companheira, eu aceitei."

“Isso foi recentemente?”

"Não, na verdade não. Anos atrás." Sinto meu rosto corar. "Adiei o acasalamento por um tempo. Eu estava muito ocupada com o trabalho, e então meu pai ficou doente, e depois..."

"Não está ansioso?", pergunta Andreas.

Desvio o olhar, com uma mistura de culpa e atitude defensiva revirando meu estômago. "Não é tão simples."

"Tenho certeza que não. E você e o Gabriel? Como isso começou?"

“Como é que isso começou?”

Seu sorriso é divertido. "Seu relacionamento."

“Não há relacionamento.”

"Ele clamou pelo Direito da Primeira Noite pela primeira vez na vida. Para ter *você* ."

"Eu... Sim, ele fez isso. Mas é exclusivamente para se vingar de Lorde Larsen. Não tem nada a ver comigo." Andreas examina meu rosto como se fosse um livro escrito na menor fonte possível. À nossa frente, Marguerite ainda empilha pedras, e eu me permito perguntar, *simplesmente* por curiosidade: "Tem mais alguém?"

"Com licença?"

"Gabriel. Ele... já pensou em acasalar? Ou chegou perto?"

"Não. Deus, não." Ele ri. "Você não percebe? Ele parece o tipo de Alfa que tem um Ômega atrás dele? Alguém que o ama?"

Preciso refletir por um minuto. "Na verdade, não." Sem dúvida, Gabriel é muito habilidoso em cuidar da fortaleza. Mas talvez ele precise de alguém que cuide dele — e de alguém para cuidar, que retribua de uma forma mais tangível e imediata do que uma enorme estrutura de pedra que abriga dezenas de milhares de pessoas. Alguém que não o deixe acordar cada vez mais cedo. Alguém que decore seus aposentos com apenas um toque de cor. Alguém com quem ele possa conversar sobre o seu dia. Alguém disposto a massagear a rigidez de seus músculos após uma sessão de treino. Alguém capaz de fazê-lo rir.

Porra. De onde vêm esses pensamentos?

Eu *sei* onde. Foi o que ele me disse antes. Ele me olhou nos olhos e listou tudo o que eu sempre quis, como se eu fosse mais transparente para ele do que água límpida. E agora meu cérebro está se distorcendo para achar que conhece *suas* necessidades e desejos.

Eu realmente devo estar doente.

"Posso te contar uma coisa?", Andreas pergunta suavemente. "Como um Alfa?"

Concordo lentamente.

"Você não cheira frio. Na verdade, você cheira" — ele funga profundamente — "bem, na maior parte do tempo, você cheira como se Gabriel tivesse decidido te cobrir pessoalmente com seu perfume. Mas também saudável. Muito saudável, se é que você me entende."

Eu engulo em seco e massageio minhas têmporas, onde a pulsação está se intensificando constantemente.

“Você vê como isso é estranho, certo?” Andreas pergunta.

Hesito. Observo a linha fina dos seus lábios. Concordo com a cabeça, porque as coisas estão mudando. Meu corpo. Minha mente. O que eu quero e o que eu preciso. Não sei como ou por quê, mas não sou mais a pessoa que era 24 horas atrás.

E minha cabeça está prestes a *explodir* .

"Sem querer ofender", digo gentilmente, "mas acho que essa é uma conversa que eu deveria ter com o Gabriel." *E com o Lennart* , tento me forçar a acrescentar. Mas o nome simplesmente não sai da minha boca.

"Sem ofensa, Sofia." Sua mão se levanta para dar um tapinha nas minhas costas, mas imediatamente cai para o lado, como se ele se lembrasse de si mesmo. Como se percebesse que eu pertenço a outro Alfa e que seria indelicado da parte dele me tocar. "Eu também acho."

Capítulo 16
A REUNIÃO

Gabriel

Aceito a reunião solicitada por Lennart na mesma sala de operações que foi invadida há poucos dias. Apesar da tentativa de limpeza, o fedor de sangue ainda impregna o ar.

Estou tentando deixar claro um ponto e espero que ele fique claro e claro.

"Não acredito que você e eu já tenhamos conversado cara a cara", digo a Lennart depois que ele se senta à mesa, à minha frente. Sinto o cheiro do suor das palmas das mãos dele, vejo-o enxugá-las nas calças. "Embora eu me lembre de você atrás da sua mãe, quando ela exigiu que eu fosse embora do funeral de Kuznetsov." Ele me encara, com os punhos cerrados, e eu sorrio por trás da máscara.

“Gabriel—”

“ *Não é* assim que você se dirige ao general do sistema militar que o mantém vivo, não é?”

Um tique no maxilar. Dentes cerrados. Seu cabelo castanho está despenteado, como se ele tivesse passado os dedos por ele muitas vezes. Se alguém que não seja militar quiser acessar esta ala da fortaleza, precisará usar um complexo sistema de túneis e elevadores. Que conveniente que hoje todos eles estivessem fora de serviço e tivessem *acabado* de ser consertados.

Que horas estressantes ele deve ter passado.

"Eu a quero de volta", ele diz.

"Ela?" pergunto, como se o nome de Sofia não estivesse pulsando em minhas veias desde o segundo em que a vi sentada na minha cama.

"Meu companheiro."

"Ah. *Ela* ... Bem, então você deveria ter vindo buscá-la esta manhã. Agora ela está dormindo."

Ele se inclina para a frente. "O Direito da Primeira Noite, por definição, aplica-se apenas à primeira noite. Você não pode mantê-la aqui."

"E é por isso que a mandarei de volta assim que acordar." A essa altura, já sei que é mentira, e ele também deve suspeitar. Sofia não vai a lugar nenhum. A certeza vem crescendo dentro de mim como erva daninha, tomando conta de cada cantinho vazio.

Lennart cora. "Se você a mandar de volta grávida..."

Por um momento, a vontade de cortar sua garganta é tão intensa que quase consigo sentir o cheiro férreo do seu sangue. "Um Ômega resfriado? Grávida? Isso não é muito provável, é?" Quando a expressão de Lennart se contorce em algo cuidadosamente inexpressivo, sei que toquei em um ponto sensível. Então continuo. "Por outro lado, Sofia não está *com um cheiro* tão frio ultimamente.

Talvez você não tenha tido a chance de notar, mas eu tive muitas oportunidades de vivenciar essa mudança."

Lennart me encara, o maxilar tão tenso que chega a tremer. E é aí que tenho certeza: ele fez alguma coisa com ela. Não sei como, nem por quê. Mas sei o que vou fazer com ele quando finalmente descobrir.

"General", diz ele, "quando o senhor aceitou o seu mandato, mencionou que queria ser justo e equitativo. Lembra-se?"

Tamborilo os dedos. "Vagamente."

“Então me explique como você passou *disso* a violar minha companheira e matar meu irmão a sangue frio, tudo por causa dessa guerra entre você e meu pai —”

"Eu não matei seu irmão a sangue frio, Lennart." Faço o possível para não revirar os olhos. "Eu o *puni* de uma forma apropriada e proporcional à sua infração." Inclino-me para a frente, com os cotovelos sobre a mesa. "Você *sabe* que ele mereceu. A Casa Larsen — não, o *mundo inteiro* — está melhor sem ele."

“Você poderia tê-lo mandado para as prisões.”

“Eu não podia. Não foi uma primeira ofensa, nem uma segunda, nem mesmo uma terceira. Depois do que ele fez com aqueles Ômegas, qualquer outro Alfa não teria tido uma segunda chance. Por que seu irmão deveria—”

“Porque ele era um *Larsen* .”

Lá está, alto e descarado, ecoando na sala vazia. A razão pela qual eu desejava ter escorregado e enfiado minha espada em Lennart e no resto de sua família quando ele era criança.

Deixo o desprezo que sinto por ele me invadir. Então, me recostei, tirei a máscara lentamente e sorri. "Você gostaria de ser tratado como um Larsen? Então, Lennart, é exatamente isso que farei."

É uma promessa.

Capítulo 17
A DECISÃO

Gabriel

Assim que Lennart sai, meu irmão entra na sala, e eu não perco tempo com um preâmbulo antes de anunciar: "Vou ficar com ela".

Sinto-me notavelmente serena em relação à minha escolha. Sofia não está segura com nenhum membro da Casa Larsen. Tão importante quanto isso, quero-a comigo — agora e em todos os momentos. O resto é só uma questão de acertar os detalhes. Ou de matar quem não aceitar a minha decisão.

Ivar, claro, discorda. "Você está... Você não pode *ficar com* ela, Gabriel. Ela não é um *bichinho de estimação* . Chama-se Direito da *Primeira* Noite, não Direito de Durar o Quanto Quiser..."

“Não vou devolvê-la”, repito.

Ivar respira fundo. Aperta a ponta do nariz. "Temos um plano. Um plano que envolve provocar uma insurreição da Casa Larsen, agindo honestamente, para convencer o conselho a ficar do nosso lado. O plano não funciona se você der a Lorde Larsen um motivo *legítimo* para um golpe. Você já estendeu a mão ao prender a garota por mais uma noite..."

"Eu. Vou. Ficar. com ela."

"Por quanto tempo?"

Eu sorrio. "Quanto tempo você acha?"

Ivar arranha o couro cabeludo, dá vários passos para longe de onde estou sentado e se vira abruptamente. "Vou te dizer uma coisa." Ele aponta o dedo médio para mim. "Você dá a ela a opção. Hoje à noite, você vai até ela e faz... faz o que diabos você quiser."

“Se eu ficasse em cima dela a noite toda, não conseguiria fazer nem um milésimo do que quero.”

"Eu não... eu não *pedi* , Gabriel. *Pai de todos* ." Ele faz uma careta. "Fique com ela esta noite e faça o que quiser, sem fazer perguntas. Mas *antes* , diga a ela que ela pode voltar ou ficar com você. E se ela pedir para voltar, você deixa."

“Eu não quero deixar ela fazer isso —”

"Gabriel, droga." As palmas das mãos do meu irmão de repente se apoiam na mesa de pedra. Seu rosto está a poucos centímetros do meu. "Se quisermos que qualquer resquício do nosso plano funcione, precisamos obedecer à lei. Precisamos estar impecáveis diante do conselho. Se ela pedir para ficar com você... talvez possamos manipular a mensagem. Podemos argumentar que você está tirando-a de uma situação que ela nunca quis, para começo de conversa."

Cerro os punhos. Solto-os. "Ela não *sabe* o que quer. Fizeram algo com ela. Ela não teve a chance de..."

“Gabriel, isso é maior que o seu nó . Isso é sobre a vida de *dezenas de*

"Milhares , e da última vez que verifiquei as contas, milhares de vidas são mais importantes do que uma. Principalmente quando estamos falando de pessoas que você jurou proteger."

Detesto tudo isso. Acima de tudo, e com cada fibra do meu ser, detesto a ideia de insinuar à Sofia que estou disposto a deixá-la ir.

Mas…

"Eu vou fazer isso. Vou dar a ela a opção", digo finalmente. Assim que os ombros de Ivar cedem em alívio, acrescento: "Mas não é verdade."

"O que não é?"

"A porra da matemática." Levanto-me para ir embora. "Milhares de pessoas podem ser mais de uma. Mas a vida delas juntas não importa mais que a dela."

Capítulo 18
O SEGUNDO

Sófia

Minha dor de cabeça passou de incômoda a lancinante, e não melhora com o olhar de Alex, como se minhas coxas fossem os petiscos mais saborosos que ela já tivesse comido. Felizmente, a dor nas minhas têmporas diminui no momento em que a porta automática se abre e Gabriel entra em seus aposentos, trazendo consigo uma nova onda de seu aroma delicioso e reconfortante.

“Ninguém veio me buscar, hein?” pergunto.

Ele tira a máscara, revelando uma expressão tensa que eu quero suavizar com os dedos. Então, ele começa a abrir a armadura. "Não leve para o lado pessoal. Eu dificultei muito a chegada de qualquer Larsen aqui."

Tento demonstrar alguma indignação ao admitir que ele está propositalmente me mantendo longe do meu companheiro, mas tudo o que sai de mim é "ah".

"E mesmo assim, você motivou Lennart o suficiente para que ele conseguisse chegar à minha sala de operações. Ele simplesmente foi embora."

Eu deveria sentir algum orgulho ao pensar nisso. Um pouco da mesma gratidão que sempre senti pela disposição de Lennart em me apoiar, apesar de todas as minhas imperfeições. Mas sempre que penso nele, meu peito lateja com uma dor vazia e amarga que ainda não consigo descrever.

Sem pensar, levanto-me do meu assento de pernas cruzadas na cama e caminho até Gabriel. "Então, por que ainda estou aqui?", pergunto, com pura curiosidade.

"Eu disse a ele que você estava dormindo. Ele volta amanhã de manhã."

Isso deveria me incomodar, mas tudo o que sei é que o cheiro dele é inebriante e que não me importo de ficar perto da fonte. Na verdade, quero me aproximar. Quero *tocar* ... "Entendo." Fico na frente de Gabriel e começo a libertá-lo da couraça.

Ele congela. Respira fundo uma ou duas vezes, talvez três. Então, depois de me observar trabalhando nas travas por um tempo, pergunta bruscamente: "Quem te ensinou a fazer isso?"

"Quem você acha?" Quando a mão dele se levanta para me ajudar, eu a afasto delicadamente. "Meu pai, claro."

"Ah."

"E como eu curo soldados, é uma habilidade útil." Desço até as pernas dele. "Exceto aquela vez em que quase estrangulei um Alfa."

Ele bufa baixinho. "Reconfortante."

"Ele reclamou muito, mas sobreviveu para contar a história." Olho para Gabriel. Vejo-o retribuir o sorriso. Ele está só de camisa e calça azuis, e sinto uma profunda satisfação por tê-lo ajudado nessa pequena tarefa. Deixei meu

Alfa mais confortável.

O quê? Não é *meu* Alfa. Só *um* Alfa.

Mas este é Gabriel, e ele é *muito* bom em incitar meus instintos de Ômega a se manifestarem. A compulsão de servir. De proporcionar alívio. Nunca experimentei isso tão profundamente antes, definitivamente não com Lennart, mas há uma primeira vez para tudo.

Não sei. É difícil pensar, e estou confusa. O cheiro do Gabriel é tão *forte* ... Quase impossível de atravessar.

Talvez eu *esteja* doente. Com febre. "Desculpe." Dou risada sozinha depois de perceber que fiquei olhando para ele por minutos inteiros. "Minha cabeça está latejando. É como se tudo... Será que os aromas na ala militar são mais intensos do que em qualquer outro lugar?"

"Não", ele responde, sem se surpreender com a minha pergunta ridícula. "Não é."

"Certo. Então devo estar doente."

Ele solta um suspiro de desdém. "Você sabe que não é bem assim, Sofia."

"Eu?" Minha palma encontra uma das glândulas do meu pescoço. Esfrego-a com um pequeno movimento suave.

"Você não está doente", diz Gabriel. "Na verdade, é o oposto."

"Sim?"

“Sim. Você é…”

Ele balança a cabeça. Algo não dito permanece entre nós, algo que nenhum de nós consegue admitir plenamente para o outro. Eu, porque quero demais, e estar errado me destruiria de dentro para fora. Gabriel... Eu me pergunto quais são os motivos *dele* .

Ele abre a boca. Fecha-a. Balança a cabeça. "Eu te conto quando tiver certeza."

"É. Certo." Obrigo-me a dar um passo para trás, odiando cada centímetro de distância entre nós. Engulo um gole. "Já que estou obviamente dormindo *profundamente* e vou ficar mais uma noite, como vamos passar o tempo?"

Algo brilha em seus olhos, mas ele não responde. Em vez disso, ele puxa a cadeira para mais perto do que estava na noite anterior, e um minuto depois, estou na cama novamente, observando Alex enquanto ela se acomoda para um cochilo a seus pés.

Acho que *isso poderia ser uma rotina* .

Ele, eu e a noite. Ou o dia — como no meu sonho. Está bem ali, o turquesa dos seus olhos sob o sol cintilante. O peso do seu antebraço marcado pela cicatriz repousando sobre a minha cintura. Bem ali, pronto para eu arrancar.

Só que não. Simplesmente *não é* .

Eu tenho um *companheiro* .

Gabriel me *tirou* do meu companheiro.

Sem perguntar.

E aqui estou eu, querendo me rebolar em seu perfume.

Enquanto ele obviamente lê meus pensamentos. "Você quer voltar para ele?", ele pergunta, fixando seus olhos nos meus.

"O que?"

“Você quer voltar para Lennart?”

— Claro. Ele é meu...

"Você quer voltar para Lennart?", ele repete, mais devagar dessa vez, e eu entendo isso como o que é: um convite para realmente refletir antes de lhe dar uma resposta.

Então eu faço. Espero um instante, penso no assunto, com um calor latejante nos ouvidos o tempo todo.

Não , meu instinto diz. *Eu não.* Por que eu deixaria este lugar? Este cheiro *?* Quando foi a última vez que me senti tão bem com alguma coisa?

Mas qual é a alternativa? "A Casa Larsen é o meu lar. Não tenho para onde ir. Não tenho mais ninguém. Eu..."

Seus olhos azuis endurecem. "Sofia."

"Nada mudou", continuo. "O que Lady Larsen fez durante o funeral do meu pai me preocupa, mas deve haver uma explicação. E ela é a única mãe que já conheci. Por que eu não iria querer voltar? O que mais eu tenho?"

"Sofia." Ele me olha como se eu devesse ter cuidado, porque estou prestes a decepcioná-lo profundamente. "Você não precisa que eu diga, né? Você não é tão ingênua a ponto de não perceber que tudo o que é meu é seu."

Não consigo respirar. Acho que sei o que ele está dizendo, mas posso não estar compreendendo todas as implicações de suas palavras. Afinal, este é um Alfa que enche sua cama — ou qualquer superfície que ele prefira — com Ômegas. Quanto tempo até ele se cansar de mim? E ele explorou um costume antiquado para me levar à força, não é? Estou aqui apenas porque ele odeia os Larsens, e por mais que eu concorde com sua opinião sobre a classe nobre, posso confiar em qualquer coisa que ele diga? Posso me recusar a voltar para casa porque ele cheira como a melhor coisa que já conheci? Posso realmente ser tão egoísta a ponto de exacerbar o conflito entre o general do exército e uma Grande Casa? Isso poderia lançar a fortaleza no caos. Sem mencionar que Gabriel nem disse que quer que *eu* fique. E aqui estou eu, ainda tentada a concordar com seus pedidos.

Simplesmente não consigo. "Preciso voltar", digo, firme, mas suave. "Lennart é meu companheiro. Preciso voltar para ele. Devo isso a ele."

Gabriel está com raiva. Furioso. Um breve momento de guerra interna explode em seu rosto, depois se desvanece em um nada vazio e amargo. "Então,

Sofia... eu diria que sinto muito, mas seria mentira."

"Desculpe por quê?"

Ele se levanta, me fazendo parecer um anão com seu tamanho, e me olha com uma mistura de ameaça e desejo. "Se eu te devolver amanhã, você não vai poder cheirar como se tivesse passado os últimos dois dias intocada."

Inclino a cabeça, esperando o pânico aumentar ao perceber que isso finalmente está acontecendo. O medo, porém, nunca chega. Em vez disso, um calor novo e agradável se espalha logo abaixo do meu estômago.

Desde que me apresentei, meu corpo sempre foi uma quantidade conhecida — confiável, previsível, não sujeito a mudanças repentinas. E, no entanto, sem aviso, não consigo respirar. " Mas *estou* intocada."

“Esse é um problema que posso resolver facilmente.” Ele se aproxima.

Algo que parece muita antecipação percorre minha espinha. "Então, você... Você vai transar comigo?"

Ele balança a cabeça. Seu corpo enorme, tão perto do meu, parece uma montanha de calor e um aroma delicioso. "Não vou te foder até você voltar para ficar."

Até . Não *se* . “Então o que —”

“Feche os olhos”, ele ordena.

Eu pisco. "Você não vai transar comigo. Vai só... fazer parecer que transou?" O silêncio dele me diz tudo o que preciso saber. "Mesmo que você me faça cheirar como se nós... eu ainda fosse virgem."

Um tremor em seu maxilar. "Você acha que eles vão verificar? Acha que eles *se importam* ? Para eles, não se trata do bem-estar de um Ômega. Trata-se apenas de *sua* honra e de manter a posse de seus bens."

Ele tem razão. Imagino Lorde e Lady Larsen. Lara. Todos os membros da Casa, incluindo os guardas que me escoltarão, servos, outros curandeiros — todos sentirão o cheiro do sexo e pensarão que o general me arruinou. E não há nada que eu possa dizer que os faça mudar de ideia.

Eu deveria agradecer ao Gabriel por querer me poupar de um pouco disso. Definitivamente não faz sentido eu perguntar: "Se você vai me arruinar aos olhos deles, por que não me pega e acaba logo com isso?"

"É isso que *você* quer?"

Não respondo. Minha boca está muito seca.

"Ah, Sofia." Ele parece divertido e cruel. "Não é disso que se trata esta noite."

Eu franzo a testa. "Então o quê—"

“Levanta a camisa. Quero ver sua barriga.”

Eu sim, estou confuso, mas não consigo me conter.

"Deite-se sobre os cotovelos. E feche a porra dos olhos."

"Por que?"

“Porque agora eu sou seu Alfa, e eu *acabei de te dizer para* .”

Ele está com raiva. Desta vez, não apenas das pessoas da minha vida, mas de *mim mesma* . Eu deveria estar correndo para um canto, me desculpando e implorando para que ele fosse gentil comigo. Eu deveria fazer exatamente o que ele diz.

Em vez disso, mantenho meus olhos abertos.

Ele solta uma única risada amarga. "Você é teimoso e imprudente." Mas há satisfação em seu tom. Um toque de admiração enquanto suas mãos alcançam o cinto e o desabotoam.

Como curandeira, já vi muitos paus. Talvez seja por isso que não engasgo, nem coro, nem deixo meu queixo cair. Continuo notavelmente firme enquanto Gabriel se retira da calça, já completamente duro. Ele me acaricia para cima e para baixo. Para cima de novo, e para baixo mais uma vez. Observo sua forma e tamanho, lambo os lábios e espero tempo demais para perceber o que está prestes a acontecer.

"Você vai gastar comigo", eu digo.

Sua mão para num breve movimento. Depois, recomeça, mais rápido, apertando com mais força.

"E aí eu vou cheirar como você. Lennart e os pais dele... todo mundo vai achar que você me levou."

"Feche os olhos", ele repete. Não uniformemente.

Inclino a cabeça. "Porque você prefere que eu não assista?" Solto uma risada assustada, embora genuinamente divertida. É impossível desviar o olhar da flexão dos seus antebraços. Da sua força bruta. "Isso é um pouco hipócrita, não?"

"É isso que é?"

“Você não tem problema em realizar atos sexuais no meu corpo sem a minha permissão, mas estabeleça limites para a minha participação.”

Ele bufa, mas soa sincero ao dizer: "Gostaria de ter te encontrado em outras circunstâncias." Os músculos da garganta se contraem. Ele agora tem um ritmo constante. Seus olhos se fecham, a cabeça se inclina para trás, e eu me pergunto se alguém já viu algo parecido — um guerreiro do calibre dele baixando as defesas, deixando-se deliberadamente à minha mercê. Eu poderia pegar sua espada e usá-la contra ele. Poderia ter escondido minha própria arma para escapar. Há uma infinidade de coisas que eu poderia fazer com ele quando está tão vulnerável.

Não tenho interesse em nenhuma. Ou *quase* nenhuma.

O calor entre minhas pernas começa a pulsar. É novo e maravilhoso, e como nunca estive tão excitada, prefiro assumir o máximo de controle possível.

“Gabriel”, digo suavemente.

Seus olhos se abrem. Há um rubor avermelhado no alto de suas maçãs do rosto que quase combina com a cabeça escurecida e rombuda de seu pênis. Seu aperto aumenta e, embora seus movimentos não parem, eles diminuem e se tornam mais rígidos. Uma mão desce para apertar suas bolas, como se estivesse se apoiando em algo.

"Onde?", pergunto.

Ele engole seco. Sua expressão é ao mesmo tempo raivosa, fascinada e determinada.

"Onde você pretende gastar meu dinheiro?"

O grunhido mais suave. Nasce no fundo da garganta de Gabriel e morre ali também, mas seus lábios não se abrem, nem ele emite nenhum som real. É mais como uma vibração, um ronronar que percorre sua carne e a minha.

"De bruços? Foi por isso que você me fez levantar a blusa?"

Ele está perto. Nunca vi ninguém chegar ao orgasmo, mas a respiração entrecortada e o enrijecimento dos ombros parecem ser sinais de Gabriel, e ele está claramente à beira de algo.

Ele está gostando disso. Se tocando enquanto observa meu corpo quase todo coberto. Enchendo seus pulmões com o meu cheiro. Sou eu quem impulsiona o prazer dele, e isso me dá coragem suficiente para perguntar: "Você não prefere gozar nos meus seios?"

O movimento de sua mão se interrompe. Um rosnado baixo e estrangulado surge de algum lugar, e eu engasgo com a beleza dele. Sua ânsia e impaciência. O poder que tenho sobre ele, mesmo quando ele tenta me destruir. Nossos aromas combinados se intensificando.

Mordo a boca por dentro. "Reparei no jeito como você olha para eles. Ontem, com o vestido. Hoje também."

Quase consigo sentir o gosto da tensão que minhas palavras causam, mas ele continua bombeando. Sua única resposta é lamber os lábios, mas começo a desabotoar a camisa.

"Sofia", ele sussurra. Mas não faz isso, na verdade. É mais como se estivesse traçando meu nome nos lábios, uma palavra de admiração que beira um apelo.

"Você gosta deles, não é?", pergunto quando uma onda de insegurança me invade. "Eu não interpretei errado?"

Ele não diz nada, mas eu já cheguei longe demais para parar. Por baixo, estou usando o bralette que veio com meu vestido de acasalamento. Quando abaixo os dois bojos, meus mamilos estão eretos e inchados, cercados por um rubor rosado.

"Você gostaria de tocá-los?" Eu pergunto, em voz baixa, e imediatamente me arrependo de tentar soar sensual porque o que eu deveria ter dito é *que eu gostaria que você os tocasse, Gabriel, eu morreria se você —*

O primeiro jato quente atinge meu mamilo esquerdo.

Os gemidos de Gabriel são ásperos, abafados e selvagens ao mesmo tempo; eles preenchem o quarto enquanto ele continua a foder o punho fechado. Fio após fio de líquido branco pinta minha pele. Eu o observo — pescoço forte jogado para trás, músculos tensos — e penso que se o prazer que ele está sentindo for um décimo do que estou sentindo só de olhar para ele...

Bem. Estou feliz por ele, mesmo que meu abdômen esteja mais esticado que um arco.

"Como isso funciona?", pergunto quando ele para, depois que sua mão para e respira fundo novamente. "Devo me limpar antes de me recompor, ou isso vai contra o propósito?"

"Você... não limpe." Sua voz é áspera. Tremida.

"Claro." Lenta e silenciosamente, minha mão trêmula reabre os botões da camisa, o azul-militar escondendo a umidade que penetra no tecido.

O cheiro, no entanto... Todo Alfa e Ômega saberá.

"Espero que tenha gostado", digo, me ajeitando na cama. Entre as pernas, estou mais molhada do que nunca. Sinto minha calcinha deslizar pela minha boceta enquanto me contorço para encontrar um lugar confortável, escorregadio e completamente imundo.

É bom estar inchado e sensível. O calor é agradável e novo, algo a ser apreciado e explorado. De acordo com outros curandeiros com quem conversei, não é incomum que ômegas frios tenham problemas de lubrificação. Eu aceitei isso como parte da natureza do meu corpo, mas procurei alternativas.

Talvez eu não precise deles, afinal.

"Você fez isso?" As palavras saem da minha boca.

"Hm?" Ele parece distraído. Tonto e em silêncio. Ainda olhando para o meu peito agora coberto.

"Você gostou?"

O suspiro de Gabriel parece cheio de descrença, mas seus lábios se contraem. "Você não tem provas físicas disso?"

"Tenho certeza de que nem todos os orgasmos são iguais." Desvio o olhar. "E ouvi dizer que você tem muita experiência."

Uma pausa. "Sim."

“Então isso foi bom?”

"Foi..." Ele passa a mão pelos cabelos. Parece procurar palavras. Decide dizer "sim".

"Ótimo. Fico feliz. Eu também gostei."

Mais uma vez, seu pomo-de-adão se move. "Sinto seu cheiro, Sofia."

"OK."

"Quer dizer, eu consigo sentir o cheiro de que você *gostou* ." Demoro um

segundo para entender o que ele quis dizer e, quando entendo, minhas bochechas esquentam. Não sou nenhuma puritana, mas não estamos falando de um processo anatômico aleatório. É *o meu* processo anatômico.

"Ah." Mordo o lábio inferior novamente, tomando uma decisão. Depois do que acabei de testemunhar sobre os desejos dele, não tenho motivo para ter vergonha dos *meus* . E se eu voltar para casa amanhã... esta pode muito bem ser a última vez que sentirei o cheiro de Gabriel de perto. Assim que eu estiver longe dele, ele pode nunca mais pensar em mim. Duvido que ele decida me visitar na ala Larsen.

Então eu vou em frente. "Você se importa se eu me tocar? Eu nunca... Isso nunca aconteceu comigo antes. E pode não acontecer de novo."

Sua risada é estupefata, os lábios entreabertos, a respiração ainda ofegante, mas ele não diz nada. Depois de um instante, percebo que não preciso da permissão dele. Deslizo a mão para baixo, passando pelo elástico da minha calcinha, e o que encontro é...

Oh.

Minha respiração fica ofegante e meus olhos se fecham. Já experimentei antes, mas com pouco sucesso. Agora, cada toque parece escorregadio, me faz estremecer e me arquear um pouco. Cada pequena carícia é *boa* , e...

O colchão afunda ao meu lado. "Deixa eu te ajudar", ele sussurra.

Um pedido. Gostaria de saber quando foi a última vez que ele fez um desses em vez de dar uma ordem.

"Com o quê? Ah." Estou um pouco ocupada com tentativa e erro, descobrindo o que é bom e o que é ainda melhor. Mas quanto mais o cheiro de Gabriel me envolve, mais quente meu sangue queima. "Acho que você sabe o que fazer, né?"

Quando abro os olhos para encará-lo, suas maçãs do rosto estão vermelhas e suas pupilas dilatadas. "Você vai me matar, porra."

Ele não é muito delicado na forma como empurra minhas calças para baixo. Tira-as. Enterra o nariz no meu osso do quadril e inala profundamente. Deixo-o abrir minhas pernas. "Porra, você cheira perfeitamente." Ele grunhe. Sua mão é grande e calejada — tanto que quase espero que me machuque enquanto sobe pela minha perna. As áreas endurecidas da pele quase se prendem à minha, mas o arranhão é agradável, firme. Uma prova da perfeição deste momento. Somos eu e ele cercados pelo zumbido quase silencioso dos conversores de ar e sistemas de suporte de vida. Na época em que eu ainda não sabia ler nem escrever, meu pai me ensinou a distinguir um zumbido saudável de uma falha quase catastrófica.

Agora está tudo bem.

Mas antes de me tocar, com a mão pairando sobre minha boceta, ele encontra

meus olhos e diz: "Você pode não ter como saber disso, mas nada disso é normal. Nada disso tem precedentes. Não para mim." Ele espera meu aceno incerto e hesitante e então passa o dedo na minha entrada.

Arqueio as costas e raspo os dedos nos cobertores.

"Bom?", ele pergunta, a boca deslizando pela minha barriga. "Assim?"

"P-porra", gemo enquanto meus ossos se liquefazem. São as mãos dele em mim. O calor dele. O cheiro do Alfa dele. É forte, agressivo, mas também certo, bonito e doloroso de um jeito que eu nunca senti antes.

"Isso é só uma amostra", diz ele, "do que farei com você. Quando você voltar para mim."

"Eu n-não vou. Você devia me dar tudo agora..." Minha respiração sai ofegante quando ele tira a mão. Quase imploro para que ele a coloque *de volta* , mas quando meus olhos se abrem de repente, o flagro lambendo minha umidade dos dedos. Suas pupilas se contraem, ficando menores que o buraco de uma agulha.

"Bom?" pergunto, rouca.

Ele não acena nem concorda, e sinto um momento de medo de não ser do seu agrado. Mas, quando estou prestes a perguntar, ele tira a camisa. Pisco melancolicamente para as cicatrizes em seu peito, as feridas que eu gostaria de ter estado lá para tratar.

“Vou te beijar”, ele diz.

Concordo com a cabeça, esperando que ele suba em mim — e então mergulhe na cama quando percebo que ele não estava falando da minha *boca* . Suas lambidas sem rumo, seguras e vagarosas rapidamente se transformam em algo voraz e violento. Seu " *foda* " gutural seguido de um gemido me diz que sim.

Isso *é* bom.

"Você *vai* voltar para mim", ele sussurra contra minha pele. "E eu vou te punir por me fazer esperar. E vou te manter debaixo de mim por semanas. E você vai admitir que eu estava certo o tempo todo."

Não consigo acreditar em uma palavra. Então, afundo novamente no travesseiro quando sinto um arrepio percorrer minha espinha e o prazer me invade.

Capítulo 19
A CONCESSÃO

Gabriel

Martia e Ivar me encontram do lado de fora dos meus aposentos nas horas silenciosas antes do amanhecer.

“Temos confirmação?” pergunto.

"A Casa Larsen está planejando agir amanhã", ele diz, parecendo notavelmente acordado, apesar da convocação repentina.

"Tempo?"

“Final da manhã, segundo minhas fontes.”

"Sabotar?"

Ele concorda. "Eles estão planejando desativar os sistemas de vedação na ala militar."

"Mas eles também estão reunindo armas e forças", acrescenta Martia. "Podem estar planejando ataques em várias frentes. Como você suspeitava."

“Certifique-se de que nós —”

"Temos pessoas observando cada movimento deles, sim." Ela olha para a porta que acabei de fechar atrás de mim. "E quanto a...?"

"Ela quer voltar para a Casa Larsen, sim." Nem tento manter o tom neutro. Não tenho dúvidas de que eles conseguem sentir o cheiro do que aconteceu entre mim e Sofia.

— Ótimo — diz Ivar. — Isso garantirá que tudo esteja conforme as regras, e...

"Não é nada *bom* ." Fecho os olhos. Já que socar meu irmão e correr pelo corredor não vai adiantar de nada, admito relutantemente: "Mas pode ser melhor assim. Se ainda estiverem debatendo se devem me retaliar por reivindicar o Direito, o estado em que a mandarei de volta vai derrubá-los." Passo a mão pelo rosto, já me arrependendo de cada palavra que saiu da minha boca. É muito perigoso. É errado. Ela pertence exatamente onde está agora. Ela finalmente está começando a cheirar como sempre deveria, e que se dane quem estiver interessado em mudar isso.

Foda-se a Casa Larsen.

Se todos eles estiverem mortos amanhã a esta hora, dançarei sobre seus corpos em decomposição.

"Gabe", começa meu irmão, e reconheço o tom conciliador que ele usa para pedidos que me fazem querer dar umas voltas nele. "Amanhã de manhã, quando Lennart voltar para buscá-la, você não deveria estar lá."

Ele claramente espera uma briga. Mas saber que ela está seguramente abrigada em meus aposentos, seu gosto persistente em minha boca, devem acalmar as partes Alfa mais impulsivas de mim, porque entendo facilmente seu raciocínio. "Não vou", concordo. "Preciso me reunir com o conselho, de

qualquer maneira. *Mas* ", acrescento, "quero alguém perto dela a cada segundo que ela estiver na ala Larsen. Não dou a mínima para quem você tem que subornar ou se eles têm que cortar os próprios braços e pernas para rastejar pelos dutos de ar e mantê-la de vista . Ela *nunca deve* ficar sozinha, nem por um minuto. Se algo — *qualquer coisa* — acontecer com ela enquanto estiver fora da minha vista, eu pessoalmente matarei toda a cadeia de comando."

"É", Martia interrompe baixinho, trocando um olhar sofrido com Ivar. "Entendemos, Gabe."

Abro a porta do meu quarto. "Certifique-se de que todo mundo faça isso", digo, antes de desaparecer de volta para dentro.

Capítulo 20
A MÃE

Sófia

A luz do sol se filtra pela água, banhando a cama de Gabriel com um brilho dourado. Acordo aos poucos e, antes mesmo de abrir os olhos, percebo uma leve mudança no zumbido dos controles do ambiente. Eles estão girando em uma frequência mais alta, trabalhando com mais intensidade, como sempre acontece quando se lida com uma Alta crescente.

Há um corpo quente ao meu lado. Esteve lá a noite toda, me acariciando, me abraçando, brincando com meu cabelo, depositando beijos em lugares estranhos e escondidos — a parte interna do meu cotovelo, o topo do meu esterno, a parte inferior das minhas costas. Uma ou duas vezes, até mesmo na minha boca. Gabriel odeia dormir em superfícies macias, isso é óbvio. E, no entanto, suspeito que ele odiasse ainda mais a ideia de dormir longe de mim.

Com um sorriso tímido e cansado, estendo a mão sobre o colchão, esperando encontrar um músculo alongado e firme. Mas, quando o encontro, percebo que está notavelmente mais peludo do que antes.

Tão peludo que minhas pálpebras se abrem.

Alex me encara com uma expressão indignada, e eu imediatamente retiro minha mão. "Sinto muito", sussurro. "Achei que você... Você *realmente* não deveria me comer. Sou muito esperta para ser divertida e..."

“Lady Larsen”, diz uma voz atrás de mim.

Viro-me de costas e encontro Bastian, que *também está* me encarando.

Claramente, me observar é o passatempo oficial desta manhã.

Puxando os cobertores para cobrir meu peito, pergunto: "O que, hum, está acontecendo?"

"Seu companheiro chegou. É hora de ir para casa."

Sento-me. Passo a mão pelo meu cabelo bagunçado enquanto olho ao redor. "Gabriel?"

"O general já foi embora." Há um toque de pena nos olhos de Bastian. Um toque de comiseração que pode estar relacionado ao cheiro forte do que obviamente aconteceu aqui ontem à noite, à sua percepção de que fui forçada a fazer algo que não queria, ou ao meu óbvio desânimo com a ausência de Gabriel. O Ômega de Martia parece ter passado de me desprezar para sentir pena de mim, e eu *odeio* isso.

Tive a noite da minha vida, muito obrigada , quero gritar. *Gozei umas trinta vezes. Sinto como se meu corpo realmente me pertencesse pela primeira vez desde que me apresentei. Não me olhe assim, seu idiota.*

Evito gritar com o senescal. Em vez disso, puxo as cobertas mais para cima e pergunto: "O Gabriel está bem comigo...?"

"Seu direito foi esgotado. Você não só é livre para sair, como deve."

“Eu não deveria esperar que ele voltasse?”

"Não consigo entender o porquê", diz o senescal, e aquela ponta de pena se transforma em condolências sinceras.

"Ótimo", digo, sentando-me na cama, tentando não pensar na noite passada. Em todas as coisas que ele disse. No fato de que, quando ele acordou mais cedo esta manhã, olhou para mim e decidiu ir embora sem sentir necessidade de trocar as últimas palavras.

Você quer voltar para ele?

Eu disse que sim. Parece que é só isso.

"Com licença", digo, feliz com a firmeza da minha voz. A bile me sobe pela garganta. "Gostaria de um pouco de privacidade para voltar a vestir meu vestido de acasalamento."



Lennart não consegue me olhar nos olhos, não durante toda a viagem dos aposentos de Gabriel até a ala Larsen.

Tento desculpar o comportamento dele, dizendo a mim mesma que ser um Beta piora exponencialmente a situação para ele. Sua incapacidade de inalar meu cheiro, desconstruir suas camadas e inspecionar cada nota em busca de pistas sobre o que me fizeram nas últimas 48 horas força sua imaginação a correr solta, sem limites.

Não ajuda em nada o fato de os quatro guardas que seu pai enviou para nos escoltar serem todos Alfas. A certeza de que *eles* podem especular com alguma precisão sobre a natureza do que ocorreu preenche o silêncio pesado enquanto descemos os corredores de pedra.

E há o fato de que minha recém-descoberta sensibilidade a aromas não desaparece. Eu meio que pensei que fosse produto de estar temporariamente em um ambiente desconhecido, mas me vejo capaz de captar facilmente traços que apenas alguns dias atrás teriam sido impossíveis. Do Alfa mais alto do grupo, há o aroma persistente de uma Ômega feminina em suas roupas, como se estivessem sendo manuseadas por seu parceiro. O homem mais velho cheira como se dividisse aposentos com uma grande família de designações mistas. E Lennart...

"Lennart", murmuro no elevador, numa tentativa de me comunicar com ele enquanto os guardas de seu pai estão atrás de nós.

"Agora não", ele responde com raiva, olhando fixamente para a frente.

Eu me pergunto a quem exatamente sua raiva é direcionada.

Pela primeira vez, tenho a oportunidade de analisar seu aroma Beta, que é profundamente *bom* . Nada mal, mas é difícil expressar qualquer sentimento. Sempre foi um problema, já que eu não conseguia distinguir aromas sutis, mas agora que meu nariz está trabalhando horas extras, tudo em que consigo pensar é em como Gabriel cheirava deliciosamente *perfeito* , e...

Não o compare com Gabriel , ordeno a mim mesma.

Não havia sinal dele enquanto Bastian e seus soldados me escoltavam para fora. Quando Gabriel me convidou para ficar, provavelmente estava apenas brincando com a minha mente. Comparar Lennart e Gabriel é inútil, mas, se for preciso, devo me concentrar em uma verdade simples: Lennart jamais forçaria a companheira de outro homem a fazer o que quer que tenha acontecido ontem à noite.

O fato de Gabriel não *ter* me *forçar* — a dizer que eu gostei, que eu pedi a maioria dos aspectos — está além da questão. Vou me sentir culpado por *isso* pelo resto da minha vida.

No momento em que entramos nos aposentos de Lennart, eu me viro para ele, sentindo uma onda de indignação em relação a esse homem que jurou me amar e me proteger para sempre, não importa o que acontecesse, durante nossa cerimônia de acasalamento, há menos de quarenta e oito horas.

Este homem que demonstra muito pouca preocupação com meu bem-estar.

Depois que fui levado contra a minha vontade.

Para acertar as contas entre *seu* pai e o general.

Lennart não só não me perguntou se estou ferido, como também me olha com cara de quem está realmente chateado, como se fosse a verdadeira vítima dos últimos dois dias. "Você está *com raiva* de mim?", pergunto.

Ele franze os lábios. "Vim buscar você ontem à noite."

“Eu ouvi. Mas eu —”

"Estava dormindo, sim." Ele parece estar olhando para qualquer lugar, menos para mim. "Não foi uma escolha sábia, Sofia. Meu pai ficou furioso. Deu a impressão de que você realmente *queria* estar ali, com aquele monstro."

Minha sobrancelha se ergue. Cruzo os braços em direção ao peito. "Lennart", digo calmamente, "vou fingir que você não acabou de me culpar por ter sido levada por um inimigo da sua família. Gostaria de começar de novo?"

Sua risada é incrédula. "Começar de novo? Você entende a posição em que nos colocou? Você nos fez parecer que não temos poder diante do general. Costumávamos ser a maior Casa da fortaleza, e agora os outros nobres estão ativamente do lado dos militares em detrimento de nós. Meu pai vai..."

“Por que você não fala menos sobre seu pai e começa me perguntando como me sinto?”

Seus olhos se arregalam.

Quando ele finalmente me olha, dou um passo à frente, deixando a raiva transbordar. "Não me deram outra escolha a não ser passar duas noites com um homem que mal conheço, e você está preocupado com a *reputação da sua família* em detrimento da minha segurança? Você nem perguntou se eu estava machucada. Eu poderia estar sangrando, ou traumatizada, ou precisando de atenção médica, mas você nem saberia disso porque se importa tão pouco comigo que..."

"Sof! Você está aqui!" Uma onda de movimento irrompe na sala, e então um par de braços fortes me pressiona contra um corpo macio.

"Lara", eu digo, quase engolindo um bocado do seu cabelo e retribuindo o abraço.

"Você está bem?"

"É. É, eu..." É como se a estivesse conhecendo pela primeira vez. Seu aroma é lindo, floral e picante. Indiscutivelmente Alfa.

Todos esses anos de amizade, e não consigo entender como não percebi isso.

"Deixa que eu cuido de você." Ela se afasta com um sorriso. Sua mão puxa a minha, me levando em direção à porta. "Você precisa de um banho. Um de verdade — sem sônico. Assim você se sentirá mais limpa."

"Lara", Lennart diz à irmã, com os dentes cerrados, "agora não. Estamos ocupados com..."

"Você pode não perceber, Lennart, já que não tem olfato nenhum, mas a Sof precisa de um banho *agora* ", ela sibila para o irmão. O subtexto é tão óbvio que ele não se importa que ela me arraste para o quarto dela.

E considerando meus sentimentos atuais em relação a Lennart, um tempo longe um do outro provavelmente é o melhor para nós.

Será que posso confiar em Lara? Contar a verdade sobre o que aconteceu? Claro, ela às vezes não consegue enfrentar a família, mas sempre foi minha amiga tanto quanto a irmã de Lennart. Talvez seja disso que eu realmente preciso: ouvir de alguém racional, alguém que entenda a dinâmica Alfa-Ômega, que Gabriel é um merda, que o que ele fez foi errado, que não importa se ele cheira bem ou não. Quando a porta de metal do quarto dela desliza e ela se vira para mim, estou decidido a ser honesto com ela.

Mas ela deve ter feito o mesmo, porque ela agarra meu braço e, com a cabeça inclinada em direção à minha, ela sussurra: "Você está em perigo".

Engulo em seco. "Está tudo bem. Não foi tão ruim quanto você provavelmente pensa. O general..."

"Não, você não entende. É a minha *família* que está em perigo." Seus olhos brilham, como se ela estivesse à beira das lágrimas. Há olheiras ao redor deles, mas sua expressão é determinada. "Seu cheiro mudou. Significativamente."

“Eu sei. Gabriel e eu —”

"Não, Sof." Ela segura minhas duas mãos. "Seu cheiro *mudou* . Você não cheira mais como um Beta. É como se você tivesse passado por uma apresentação de novo, só que dessa vez de verdade. Suas glândulas estão coçando?"

"Não", respondo automaticamente. Mas então minha mão encontra a lateral do meu pescoço. "Talvez só um pouquinho, mas..."

"Isso é bom. Significa que você não está muito perto de uma bateria."

"Quase o quê?" O riso morre na minha garganta quando percebo o quão séria é sua expressão.

"Escute com atenção. Quando você foi embora, o inferno se instaurou. Meu pai quer que um novo general seja empossado, e ele vai fazer algo muito, muito imprudente, muito em breve, e... Sério, que se foda. Esse não é o problema. Não agora. Não é o maior. Sof, Lennart ficou muito... angustiado enquanto você esteve fora. Ouvi minha mãe tentando acalmá-lo. Ele estava gritando. Ele estava preocupado com você indo sem..." Ela engole em seco. "Sem uma dose de alguma coisa. Com alguma coisa acabando."

“Eu… O quê?”

"Confrontei minha mãe ontem à noite. Perguntei se você precisava de algum medicamento. Lembrei-me de que, anos atrás, quando você ainda morava com seu pai, você costumava tomar aquele suplemento de vitamina D porque não se expunha à luz o suficiente."

— Aquele que sua mãe sempre comprava para mim, sim. Mas o quê...

"Achei que era disso que você precisava, então me ofereci para levar para você na ala militar, mas minha mãe me disse que eu tinha ouvido errado. Ela me ordenou que nunca mais falasse sobre isso. Mas, Sof, eu sei o que ouvi. E quando pensei melhor, percebi que você não tomava aquele suplemento há anos, de qualquer forma. Eu não conseguia entender por que minha mãe seria tão cautelosa, mas então Lennart te trouxe de volta, e no segundo em que você chegou perto, eu pude sentir seu cheiro. É como o seu cheiro anterior, mas dezenas de vezes mais forte. Como se tudo o que você sempre foi tivesse rompido uma represa. E você sabe que eu amo minha mãe, mas eu acho... Sofia, eu acho que ela pode ter feito algo terrível."

Ela solta minhas mãos enquanto lágrimas escorrem por suas bochechas.

Eu também gostaria de chorar. Talvez houvesse algum alívio nisso. Mas estou muito ocupada absorvendo as palavras de Lara e reconstruindo o que realmente aconteceu, a enormidade disso, a complexidade de tal mentira.

Lady Larsen enviou caixas de suplementos quando eu era mais jovem. Ela se importava com a minha saúde porque eu era um grande amigo de Lennart, e ela apontou que as pessoas que viviam nos níveis médio e baixo frequentemente

tinham deficiências de vitaminas. Eu era um curandeiro em treinamento e sabia que isso era verdade. Então, quando ela começou a me comprar algo que eu não poderia ter comprado de outra forma, eu só senti gratidão.

E, claro, tomei os comprimidos religiosamente.

Depois que me mudei para a ala Larsen, ela parou de comprar os comprimidos para mim. Fazia sentido, já que eu não estava mais me desenvolvendo e tinha acesso a uma nutrição melhor. Não consigo imaginar a que Lady Larsen e Lennart se referiam, porque nos últimos anos, não havia vitaminas. Nenhum comprimido ou suplemento. Havia apenas...

Nossas conversas noturnas. Que sempre tínhamos durante o chá. Lady Larsen, vindo me ver todas as noites. A sensação de ser amada, valorizada e cuidada — que devia ser assim que seria ter uma mãe.

Quando foi a última vez que tomei aquele chá? Ela me serviu um pouco no dia da cerimônia, mas meu estômago estava embrulhado de ansiedade, e eu não tomei. Nem na noite anterior, porque a passei nos aposentos de Lara. Nem na anterior. Deve ter sido há três ou quatro dias, o que significa que, se ela estava me dando algum tipo de medicamento supressor, dependendo da frequência e da dosagem...

"Lara?", pergunto finalmente, sentindo-me estranhamente calma. Estou à beira de algo estrondoso, mas primeiro preciso ter certeza.

"Sim?"

"Você vai me ajudar?"

"Qualquer coisa. *Qualquer coisa* , Sof." Ela enxuga os olhos com as costas da mão. "Sinto muito pelo que ela..."

“Esse remédio, ou droga, onde sua mãe guardaria?”

"Não sei. Nos aposentos dela, talvez?" Ela funga. "Sim, tem que ser lá."

“Você poderia nos dar acesso a ele?”

Seus olhos se arregalam em compreensão, e ela concorda.



Lara e eu não sabemos quanto tempo teremos nos aposentos de Lady Larsen antes de sermos interrompidos, mas ambos concordamos que estamos dispostos a correr o risco de sermos descobertos.

"Afinal, não somos nós que devemos nos esconder", diz Lara, teimosa. "Eu fico com o banheiro. O mais lógico é que um frasco de alguma coisa esteja lá, mas pode ser justamente por isso que ela o colocou em outro lugar."

Não sabemos bem o que estamos procurando, mas eu metodicamente

vasculho os móveis do quarto dela, abrindo gavetas, remexendo nas roupas. Os minutos passam e não encontro nada que se assemelhe à prova do que Lara suspeita que sua mãe anda fazendo.

E então vou para a estante.

Papel é caro, e livros físicos são uma raridade. Lady Larsen adora colecioná-los, mesmo em línguas que não fala. Quando levanto um grande livro para verificar se algo foi colocado atrás dele, ouço o leve arrastar de algo flutuando no chão.

É um papel grosso, de cor creme, dobrado duas vezes sobre si mesmo. Uma carta formal, à moda antiga. Eu a reconheço, mas raramente a vejo, e apenas para assuntos extremamente importantes. Quando a pego, faço-o com cuidado, quase com medo de que se esfarele nas minhas mãos.

Mas é sólido. Resistente. Não é uma peça antiga, mas sim nova. Depois de desdobrá-lo, percebo que não está escrito na mesma caligrafia desconhecida dos livros. A caligrafia caprichada e rabiscada que flui pelo papel é facilmente legível.

Sra. Kuznetsov,

Não creio que já nos tenhamos conhecido, embora seja possível que, em algumas ocasiões, ambos tenhamos comparecido aos mesmos eventos. Meu nome é Gabriel Agard e trabalhei com seu pai, primeiro como aprendiz dele no corpo de engenheiros e depois como soldado. Lamento não ter visitado o Dr. Kuznetsov nos últimos meses, mas não sabia que sua doença havia progredido a um nível tão crítico, e meu emprego atual tem me mantido ocupado.

. Seu pai foi, sem dúvida, uma das figuras mais influentes da minha vida. Com tudo o que lhe devo, adoraria prestar minhas homenagens a ...

"Sófia?"

Assustado pela voz de Lady Larsen, levanto-me rapidamente e escondo a carta atrás das costas.

"O que você está fazendo aqui?"

"Eu só... Nada." Meus dedos estão tremendo tanto que perco o controle sobre o papel, que cai no chão com um ruído surdo e chama a atenção de Lady Larsen.

Porra , eu acho.

Mas por quê? Não fiz nada de errado. *Nada* . "É verdade?", pergunto.

E deve ser mesmo. Lady Larsen olha para a moça que entrou com ela, uma jovem criada que não me lembro de ter conhecido antes. "Deixe-nos", ordena. E quando estamos a sós, a primeira coisa que diz é: "Não sei o que lhe disseram, mas antes que tire conclusões precipitadas, quero que saiba que nunca lhe dei nada que pudesse causar danos irreversíveis."

Uma raiva pura me sobe pela garganta. Fecho os olhos, forçando meu corpo a se lembrar das lições que aprendi durante meu treinamento como curandeira.

Inspiro e expiro. Acalmo-me. Vivo o momento. O mais calmamente possível, pergunto: "O que você me *deu* ?"

"Só supressores." Seu sorriso é ao mesmo tempo triste e sem remorso. "De novo, nada prejudicial. É o que os ômegas tomam quando querem adiar o cio."

"Quando os ômegas querem adiar o cio, tomam supressores por no máximo uma *semana* ." Meu corpo inteiro treme. "Você me deu eles por pelo menos *cinco anos* ."

“Sim, bem, não foi o ideal. Não pense que foi uma escolha fácil. Mas fui tranquilizado por alguém em quem confio que não teria efeitos a longo prazo.”

"Por *quem* ? Porque eu sou curandeira, e posso garantir que não me lembro de ter ouvido falar de alguém que tenha tomado supressores por anos a fio." Enxugo as bochechas molhadas. "Como pôde? Você é... Você era como uma mãe para mim."

O rosto dela endurece. "Sim. Bem, Sofia, querida, você também é *como* uma filha para mim. Mas você *não é* minha filha. Um dia você e Lennart terão filhos, e você entenderá que..."

"Ele sabia", sussurro. *Claro que* sabia. Como poderia não saber?

Ele sabia. Ele era cúmplice de tudo.

Lady Larsen suspira profundamente. "Eu amo meu filho. Eu queria que ele fosse feliz. E você foi a chave para essa felicidade. Então, quando você se apresentou pela primeira vez, ele ficou preocupado que você pudesse buscar uma união com um Alfa..."

"Você me envenenou. Eu pensei que eu... Você roubou isso de mim. Minha capacidade de sentir prazer, de crescer em meu corpo. De *me tornar eu mesma* ." Eu sou uma curandeira. Fiz um voto de não causar mal. E, no entanto, cada átomo do meu corpo quer pular em cima dessa mulher e machucá-la. Quero arrancar seus olhos e comer seu coração. Acima de tudo, tenho medo de que eu *vá* ...

"Sempre seria temporário", diz ela. "Só até o seu acasalamento com Lennart estar completo. Teria sido um período muito mais curto se você não tivesse adiado isso várias vezes."

Eu rio. "Você é um lunático se pensa assim."

De repente, todas as luzes se apagam e o quarto sem janelas mergulha na escuridão. Um som agudo corta o ar, tão alto que sinto como se meus ouvidos estivessem sendo estapeados.

Lady Larsen grita: "O que está acontecendo?" Ela está a poucos metros de distância, mas não consigo mais vê-la.

"São as sirenes de emergência", grito. "Elas são ativadas quando a qualidade do ar fica muito ruim. Você tem que..."

De repente, sinto-me tonta demais para ficar de pé. Agachei-me, tentando

lembrar o que meu pai me disse que eu deveria fazer em momentos como este.

Eu ainda faço isso quando o mundo desaparece ao meu redor.

Capítulo 21
A BATALHA

Gabriel

Poucos minutos depois, do outro lado da fortaleza, três guardas Larsen ajoelham-se no chão em frente ao Conselho dos Anciãos. O primeiro tem ossos quebrados. O segundo está sangrando. O terceiro, ambos.

“Vou perguntar uma última vez”, diz o membro mais velho, “quem pediu para você mexer nos sistemas de suporte de vida na ala militar?”

"Lorde Larsen", balbucia o segundo guarda. Ele tem falado mais porque é o membro de mais alta patente e está no círculo de Lord Larsen há décadas. E também porque seu maxilar ainda está funcionando. "Ele nos pediu para sabotar a ala militar, e a ala Larsen, para evitar sermos suspeitos de qualquer i-transgressão."

Nada que o ancião já não soubesse. "Era isso que você estava fazendo quando foi pego pelo General Agard?"

O guarda acena, frenético.

"Quando foram capturados, um emissário do conselho também estava presente", lembra Ivar. "E depoimentos adicionais confirmam que Lorde Larsen estava acumulando armas e..."

"Sim, Conselheiro Agard. O senhor já mencionou isso várias vezes." O conselheiro olha gravemente na minha direção, e quase me sinto tentada a me solidarizar com ele sobre o quão irritante meu irmão pode ser.

Mas tenho lugares para ir. "Finalmente cumprimos o seu ônus da prova?", pergunto, sem me dar ao trabalho de esconder minha frustração em relação aos Doze. Já faz um tempo que não sinto necessidade de demonstrar qualquer tipo de deferência ao buscar sua audiência.

O desrespeito, felizmente, é mútuo.

“Você, de fato, forneceu evidências suficientes de que Lord Larsen está tentando tomar o poder”, admite o ancião.

Concordo com a cabeça uma vez. Minha capa gira enquanto giro sobre os pés e sigo pelo grande salão, com Martia ao meu lado. Não há muito tempo, e a Casa Larsen precisa ser detida. A esta altura, Lorde Larsen certamente sabe que suas tentativas de sabotagem foram interceptadas. Ele não tem escolha a não ser nos atacar, e quando a batalha começar, eu preferiria estar lá com meus soldados.

Prefiro ir garantir que Sofia esteja segura.

“No entanto”, diz o ancião.

Eu congelo, e Martia também. Trocamos um olhar incrédulo. Antes de me virar, tento afastar do rosto a vontade de esfaquear cada membro. Um por um. E fazer os outros assistirem enquanto eles próprios são espetados.

"Sim?" Eu rosno.

"Não presuma, General, que desconhecemos suas conspirações. O senhor fez tudo o que pôde para provocar Lorde Larsen e o golpe que ele está desferindo."

"Fiz tudo o que pude para *acelerar* ", corrijo-o, e *acho que* vejo o mais velho suspirar. A da direita dele está definitivamente revirando os olhos.

"Sim. E o conselho gostaria de deixar registrado que não aprovamos seus métodos." Uma pausa, durante a qual me pergunto por quanto tempo Ivar reclamaria comigo se eu simplesmente decapitasse todos os doze membros. Se for menos de uma semana, talvez valha a pena. "No entanto, General, devemos admitir que, comparadas às de Lorde Larsen, suas ações são significativamente menos questionáveis."

Eu odiaria ter que partir prematuramente de novo, então espero que ele termine de pensar. Quando ele não termina, pergunto: "Isso significa que posso me despedir e reprimir uma maldita revolta?"

Desta vez, seu suspiro é óbvio. Então, uma mão fina e enrugada me faz sinal para ir embora. "Por favor, senhor."

Chego até Lorde Larsen poucos minutos após o início da batalha. É fácil encontrá-lo e ao seu filho Gunner no meio da multidão; com um simples movimento do pulso, giro a espada até que a ponta aponte para ele. "Não vamos cair sem lutar", ele ruge para mim.

Eu inclino minha lâmina.

Sorriso.

E murmurou: "Eu esperava que você dissesse isso."

Capítulo 22
O PRIMEIRO

Sófia

Pela segunda vez hoje, acordo na cama do Gabriel.

Pela *primeira vez* , ele é tudo que consigo ver quando abro os olhos.

É uma visão linda demais para questionar. Espero a visão turva passar e observo a linha reta do seu nariz, o cabelo loiro-claro, as pequenas cicatrizes que se aglomeram na base do seu maxilar.

"Ei", digo, me perguntando se tudo o que aconteceu antes foi apenas um sonho. Meu sorriso é rápido, sem esforço, pouco mais que um reflexo. É que estou *tão* feliz. Feliz por ele estar aqui, com seu cheiro que sempre me envolve. Ainda mais feliz por ele estar sentado na beira do colchão, olhando para mim como se eu fosse bonita e feita de pérolas do mar. Ele passa os dedos pelos meus cabelos com a mesma atenção e precisão que um soldado daria ao afiar sua espada, os bíceps flexionando a cada pequeno movimento. Não me lembro de já ter me sentido tão em paz.

E, no entanto, há uma pequena ruga entre suas sobrancelhas. "Você está bem?", pergunto.

A pergunta o faz rir. " *Você está* bem, Sofia?"

"Claro. Eu só dormi por..." Quanto tempo dormi? Muito , já que é noite. Devo ter dormido, porque voltamos ao normal, e correntes violentas circulam do lado de fora da janela de seus aposentos. Nem um raio de sol entra, o que significa que...

Tudo retorna para mim de uma vez.

A carta.

Senhora Larsen.

As sirenes.

"Merda." Eu me arrasto até os cotovelos, o coração disparando de zero a um milhão de batidas por minuto. "O que aconteceu? O sistema de filtragem, é isso?"

"Está tudo bem", ele diz calmamente, enquanto uma mão grande desliza para pentear o cabelo da minha nuca. "Mais importante, *você* está bem."

— Mas o que aconteceu? As luzes se apagaram e...

Lorde Larsen tentou sabotar alguns dos sistemas de suporte de vida. Ele planejava bombear gases venenosos pelos dutos de ar, e nós paramos seus guardas assim que eles começaram a mexer nos filtros. Mas acabou. Não há mais nada com que se preocupar.

Meus olhos se arregalam. Mesmo acalmada pelo cheiro de Alfa, estou alarmantemente acordada. "Onde ele está? Lorde Larsen, quero dizer."

"Eu não tenho certeza."

"Ele escapou? Você está procurando por ele na fortaleza?"

"Não."

"Por que?"

O sorriso de Gabriel se alarga. "Meu interesse nele é nulo, no momento. E considero nossos assuntos resolvidos."

"Resolvido? Como você…?" Droga. *Droga* . Não acredito como sou lento às vezes. "Ele *morreu* ?"

Um simples aceno de satisfação.

"Você o matou?"

"Lenta e dolorosamente. Seu filho mais velho também."

Fecho os olhos. Cubro a boca com a palma da mão. Encontro coragem para perguntar: "Onde está Lennart? Você…?"

"Matá-lo?" Ele morde a parte interna da bochecha e gentilmente afasta minha mão, tocando meu lábio inferior com o polegar. É evidente que ele está se divertindo muito. "Não. Pelo menos ainda não. Ainda estou decidindo o que fazer com ele. Claro, você terá a palavra final."

Graças ao Pai de Todos , penso. Mas me dou conta de que não estou sentindo o alívio avassalador que imaginava. "Onde você o colocou?"

"Sofia", ele estala a língua. "Onde você deixou essa sua extraordinária capacidade de observação?"

"O que você quer dizer? Eu não entendo o que... Ah."

O problema é que gosto de encarar Gabriel um pouco demais. É por isso que não notei Lennart — que, obviamente, está bem *ali* . Pálido, exausto, mas nada mal para alguém cuja família acabou de perder séculos de poder. Ele está sentado calmamente na mesma cadeira que Gabriel usou ontem à noite, a menos de três metros de nós.

Só que a cadeira mudou de cor. O estofamento, que costumava ser de um cinza-azulado sólido, agora escureceu para um roxo mais escuro.

Porque está encharcado de sangue.

Meu estômago embrulha. Ofego ao me dar conta de que Lennart não está sentado — ele está imobilizado. Duas lâminas muito longas e finas, ambas muito parecidas com a que Gabriel costuma carregar no quadril, atravessam a carne de Lennart. Uma está na coxa direita, a outra no ombro esquerdo, e o sangue escorre de cada ferimento, lenta e continuamente. Paradoxalmente, são as espadas que impedem a perda de sangue: se fossem removidas, ele precisaria de atendimento médico imediato ou correria o risco de sangrar.

E algo me diz que Gabriel não me permitiria oferecer meus serviços de cura. Não esta noite.

"Socorro." A voz de Lennart é um chocalho trêmulo. Ele respira rápido e superficialmente, implorando com os olhos vermelhos. "Sof, você tem que..."

"A Sofia não precisa fazer *nada* , principalmente para ajudar um sujeito patético que a machuca há anos." Gabriel arqueia a sobrancelha. "E o que a gente disse sobre você falar sem ninguém falar com você primeiro?"

Lennart fecha os olhos em desespero, um gemido suave sai de seus lábios.

Viro-me para Gabriel. Apesar de tudo o que ouvi sobre o general, nunca tive medo dele, não de verdade. Também não tenho certeza se *medo* é o nome certo para o que estou sentindo agora. Tudo o que sei é que algo está acontecendo, e não consigo compreender. "Gabriel", sussurro, "o que você está fazendo?"

"Não se preocupe com isso." Gentilmente, com carinho, ele afasta algumas mechas da minha testa. Sinto-me suada e inquieta, mas quando respiro fundo para me acalmar, seu cheiro é como um narcótico, instantaneamente reconfortante.

O meu deve fazer o mesmo por ele, porque ele inala profundamente contra a linha do meu cabelo e diz: "Perfeito". Ele me dá um beijo demorado na têmpora. "Tudo em você é *perfeito* ... E aquele filho da puta tirou isso de mim. Entende agora por que estou pensando em matá-lo?"

“Gabriel, eu —”

"Eu sei. Você é uma curandeira. Não faça mal a ninguém, e tudo mais." Sua bochecha, áspera por causa da barba por fazer, roça na minha. Desce até meu pescoço e encosta em uma das minhas glândulas, me fazendo estremecer. Lara devia estar metida em alguma coisa, porque a coceira está ficando difícil de ignorar. "Mas você concorda comigo que ele tem que pagar pelo que fez?"

Engulo em seco. "Se eu disser que sim, você vai matá-lo."

Ele parece refletir sobre o assunto. "Não necessariamente, não. Deixe-me perguntar novamente: ele deveria pagar pelo que fez com você?"

“Prometa-me que não irá —”

“Responda à pergunta, Sofia.”

Olho para Lennart. Seu corpo inteiro treme. Ele me olha como se eu fosse a única coisa entre ele e a morte, e...

A raiva me invade, ofuscante, brutal. Durante anos, pensei que nunca teria o que queria. Durante anos, ele me roubou. Com a voz trêmula, digo: "Sim. *Sim* , ele merece pagar pelo que me fez. Eu o odeio. Ele é um monstro, e quero vê-lo sofrer tanto quanto eu, e quero que ele sinta que perdeu tudo." Uma pausa. "Mas eu não quero que ele *morra* ."

Gabriel faz uma cara de decepção, algo que em qualquer um que não fosse ele eu chamaria de beicinho, algo que em qualquer outra situação me faria rir. Então o plano dele era massacrar Lennart, aqui e agora. Bom saber. E bom saber que ele parece estar disposto a recalibrar. "Se eu não matá-lo, terei que puni-lo de outras maneiras. Entendeu?"

Meu "sim" é repleto de um alívio ofegante. Sinto-me vitoriosa — até que

Gabriel me puxa para me levantar e me obriga a ficar na frente dele, entre suas pernas abertas. Estou de costas para Lennart, e é aí que percebo meu erro.

Se Gabriel tivesse a intenção de matar Lennart, ele já teria feito isso muito antes de eu acordar. O que significa que o que ele *realmente* planejou é outra coisa, e...

"Você está deslumbrante com este vestido", ele murmura. "Mas, pensando bem, você fica linda com qualquer coisa. Mas me agrada que ele tenha que me ver tirar seu vestido de noivado." Seu sorriso é predatório. O que ele está insinuando, o que ele *pretende fazer* , começa a me fazer pensar, e meu coração dispara no peito. Nos meus ouvidos.

Na minha barriga.

“Você já tirou a roupa para ele?” ele me pergunta.

Hesito. Quando abro a boca, meus lábios tremem e não sai nenhum som.

"Sofia. Você já tirou a roupa para ele?", ele repete.

"Não", eu digo, baixo. Tão baixo que quase abafa as obscenidades que Lennart grita.

"Não se atreva, porra! Solte ela!"

"Desculpa, querida", Gabriel me diz com um beijo suave na bochecha. "Só preciso de um minuto." Gentilmente, ele me afasta. Então, caminha até a cadeira e enfia a lâmina violentamente no ombro de Lennart até ele gemer com o que deve ser uma dor de tirar o fôlego. Depois que Gabriel força Lennart a repetir a lição — "Só fale quando... porra, *porra* ... for falado... *ah* !" —, ele volta para seu lugar na cama e me puxa para perto novamente.

“Onde estávamos?”

"Gabriel", sussurro, fechando uma das mãos em volta do seu pulso e forçando seu olhar a encontrar o meu. Não encontro nada além de uma expectativa determinada e relaxada em seus olhos. Quando tenho certeza de que o que ele está fazendo comigo não é apenas motivado por ódio ou violência, deixo meu braço cair ao lado do corpo e o observo tirar meu vestido. Ele é bom nisso, quase tão bom quanto eu em abrir uma armadura. E mesmo agora, nesta situação fodida, meu estômago se aperta de insegurança quando penso em quem poderia tê-lo ensinado.

Não compreendo completamente esse vínculo vibrante e tenso entre nós, mas talvez permita que Gabriel leia minha mente. E vice-versa. "Já tive muitos Ômegas, Sofia", ele diz em meu ouvido. "Alguns deles, muito adoráveis."

As palavras me perfuram no momento em que o corpete se abre nos meus quadris, deixando minha parte superior nua. "Por que você está me contando isso?", pergunto entre dentes.

"Porque eu queria que não fosse verdade. Porque nenhuma delas jamais me fez questionar minha sanidade como você faz. Porque agora que te encontrei, me

arrependo de cada segundo que passei sem te procurar." Minha saia é uma poça no chão, logo acompanhada pela minha calcinha. "Olha só você", ele murmura quando estou nua, em voz baixa o suficiente para ser só para mim e não para o benefício de Lennart. Ele me vira entre as pernas, estuda meus seios e minha bunda, traça meus quadris e até a curva dos meus joelhos, e cantarola em aprovação. "De outro mundo. Todos os homens que matei hoje? Eu os mataria de novo, e depois mais duas vezes. Só por isso. Só para *olhar* ." E então, mais alto, mas sem desviar os olhos do meu corpo: "Lennart, ela não é a coisa mais linda que você já viu?"

Silêncio. Minha respiração está tão alta que nem consigo distinguir o som dos controles do ambiente.

"Lennart", repete Gabriel. A parte de trás do seu dedo roça na lateral do meu seio, e um arrepio percorre minha espinha. "Preciso te ensinar mais uma lição sobre a pontualidade das suas respostas?"

“Não! Não, por favor, eu... *Sim* . Sim, ela é!”

Um sorriso satisfeito. "E ninguém mais a viu assim, exceto eu."

"Você sabe que ele está me vendo agora, né?", pergunto, mas é difícil soar mal-humorada quando Gabriel percebe o quanto a parte interna das minhas coxas está escorregadia. O calor me deixa branco, me deixa tonta. Me pego escondendo o rosto em seu pescoço, apesar do meu bom senso, e ele ri.

Quero que o chão se abra e me engula. Este pode ser o momento mais mortífero da minha vida, e Gabriel é quem está me fazendo passar por isso. Eu *não deveria* buscar conforto nele, mas...

"Há uma diferença entre o Lennart te ver nua e o Lennart me ver transando com a companheira dele. Você não acha?"

Fecho os olhos. Lágrimas escaldantes, humilhantes e excitadas escorrem pelas minhas bochechas.

Eu me pergunto o que Gabriel faria se eu pedisse para ele parar.

Então me pergunto por que não pergunto.

E então tudo o que eu quero é saber uma coisa: “Por quê?”

Gabriel se afasta. Sua cabeça inclina-se, questionador.

"Lennart", sussurro. "Os supressores, todos esses anos. Fomos amigos por tanto tempo, e eu pensei que ele se importasse e... Por que ele fez algo tão vil?"

É ridículo que eu esteja perguntando a Gabriel quando Lennart está logo atrás de mim — quando Lady Larsen já me contou. Mas não consigo entender a crueldade disso, e Gabriel... Gabriel ainda não me contou uma mentira. "Porque ele foi esperto o suficiente para reconhecer o que tinha em mãos. Porque ele queria você, e decidiu tê-la. Porque é isso que os nobres fazem. Eles tomam sem se importar com os desejos dos outros."

Fecho os olhos com força. "E você, Gabriel?"

"Quanto a mim?"

"Você fez o mesmo. Você me queria, então está me levando."

Espero uma negativa, ou que ele distorça os eventos que levaram a isso, mas nenhuma das duas coisas acontece. "Sim", ele admite com simplicidade. "Mas isso não é tudo."

"Por que?"

Ele balança a cabeça. "Porque eu vou te dar tudo o que você quiser, Sofia. Vou te colocar antes de tudo e de todos. Vou viver e morrer pelas suas mãos, e você vai ditar os rumos da minha vida. Você já me possui." Consigo sentir a sinceridade em tudo o que ele diz. "Tudo o que peço em troca é que você seja gentil com o meu coração. Você vai?"

Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto. Mas assinto com entusiasmo, mesmo fungando, e seu sorriso exultante e cada vez maior dá um curto-circuito no meu cérebro. Não consigo pensar, mas não importa, porque ele beija meus seios, lambe e morde meus mamilos sensíveis até que grandes arrepios me percorrem o corpo. Então, ele segura meu pulso e coloca minha mão em sua ereção. "Tira meu pau para fora", ele ordena.

Não tenho muita experiência em desabotoar roupas íntimas masculinas, então me atrapalho um pouco, sentindo-o pulsar na minha mão. Ele está duro e quente. Grande demais, mas eu já sabia disso.

"Agora deixa eu te virar. Sim, assim."

Ele me vira até eu ficar de costas, e quase me surpreendo ao descobrir que Lennart ainda está lá. Ainda nos encarando com uma mistura de ódio, sofrimento e dor. É difícil não perder de vista quando Gabriel me aperta contra ele, me forçando a sentar em seu colo até que seu pau esteja aninhado entre minhas nádegas.

Eu deveria estar tremendo de terror, mas tudo que consigo sentir é antecipação.

"Está tudo bem, querida", ele sussurra no meu ouvido. Seu polegar desliza para frente e para trás contra a glândula entre minhas escápulas, e eu quase engulo em seco. "Vai ficar tudo bem. De agora em diante, eu cuido de você. Você só precisa manter as pernas abertas."

Digo a mim mesma que é vergonhoso a facilidade e a rapidez com que obedeço. Minha cabeça cai para trás em seu peito. Deixo minhas coxas deslizarem mais para longe enquanto ele toca minha fenda de cima a baixo, soltando gemidos descarados, ignorando os soluços abafados e lamentáveis de Lennart. Nem preciso me esforçar para excluí-lo, porque meu cérebro e meu corpo só conseguem se concentrar em uma coisa.

Gabriel.

"Você acha que está pronta para ser fodida?" ele pergunta.

“Sim”, eu imploro.

“Sim, o quê?”

“Sim…senhor?”

"Bom palpite. Mas esse não."

“Sim… Sim, Alfa.”

"Ah, não. Quer dizer, isso é legal, não me entenda mal. Muito excitante, e me dá ainda mais vontade de te foder. Mas não quero que me chame de *Alfa* . Tem muitos Alfas nesta fortaleza, e eu gostaria que você fosse mais específico sobre quem vai te foder daqui a uns trinta segundos."

Minha garganta se fecha. "Sim, Gabriel."

Ouvir seu nome o mata um pouco. Um gemido vibra em seu peito, e então o sinto estremecer embaixo de mim. "Lennart", ele grita. "Pare de chorar, seu idiota; não há motivo para tristeza. Estamos *todos* nos divertindo muito aqui. Essa vai ser a foda da nossa vida." E assim, sem mais nem menos, ele enfia o pau bem fundo.

Não há outra palavra para isso. São apenas algumas estocadas fortes e poderosas, e então ele está quase até o fundo. Meu corpo se contrai em torno de seu membro, como se quisesse agarrá-lo com mais força, puxá-lo para mais perto. "Olhe nos olhos dele, Sofia. Olhe nos olhos do Lennart enquanto eu entro em você o mais fundo que é humanamente possível... Porra, *sim* . *Porra* , isso é bom."

É mesmo. Minhas unhas deixam arranhões profundos em seus antebraços. A primeira vez de ninguém deveria ser assim, nessas circunstâncias, mas o prazer crescendo dentro de mim é tão violento que não sei como lidar com isso.

"Tão molhada e apertada. Já estou pronta para o meu sexo."

Ele é tão grande que sua raiz me estica obscenamente, quase a ponto de doer. Lennart se debate fracamente na cadeira à nossa frente, como se fosse nos atacar e parar o que estamos fazendo. " *Parem* ", ele soluça, mas não tenho atenção para ele.

"Lennart, fala sério, porra." Há um tremor na voz de Gabriel, uma tensão. Seu controle pode estar prestes a se romper. "Por que eu pararia de foder sua parceira se ela é tão gostosa? A boceta dela é quentinha, quente e tão *apertada* ."

Lamentos se seguem, mas não me importo com eles. Soam desesperados, mas distantes.

Ela tem uma covinha linda descendo pela espinha. Não dá para ver de lá, então deixa eu te contar. É feita para tocar. E para se encher de líquidos. E você sabe do que estou falando, não é?

Os gritos de Lennart estão diminuindo.

"Mas eu teria que dar um nó do lado de fora da boceta linda dela para isso, e não tenho certeza se é isso que eu quero. Você entende, não é?" A palma da mão

de Gabriel sobe pela minha espinha, agarra meu cabelo e o puxa com tanta força que meu couro cabeludo formiga e meu clitóris lateja. "Fique com as pernas abertas, querida. Você está indo tão bem, mas estamos dando um show para ele, não é?"

Concordo com a cabeça. Tento acompanhar os movimentos dos quadris dele com os meus, o suor escorregadio do meu corpo deslizando contra o dele.

“Diga à sua companheira o quanto você está gostando de ser fodida por mim, Sofia.”

Não consigo respirar. "Eu— Sim. Sim, eu—"

“Diga as palavras.”

"Eu gosto de ser f-fodido."

"Por?"

“Eu gosto de ser f-fodida pelo Gabriel, Lennart.”

O riso de Gabriel é maldoso e afetuoso. Triunfante.

"Ela está perto, Lennart. Sua companheira está tão perto. Você não está feliz por ela?" Ele lambe a base do meu pescoço. Pressiona a palma da mão contra a minha barriga, diminuindo o espaço que ele cavou para si dentro de mim, me fazendo sentir ainda mais completa. "E tenho notícias ainda melhores. Com certeza vou deixar você viver. Quer saber por quê?"

É uma pergunta retórica, mas Lennart está quebrado o suficiente para gaguejar: "S-sim?"

"Porque Sofia não é sua companheira. Ela nunca foi e nunca será. Ela sempre foi destinada a ser minha. E nada me deixa mais feliz do que saber que, pelo resto da sua vida miserável, você se lembrará de mim a vinte centímetros de profundidade dentro dela. Este Ômega que você afirma amar, mas que machucou indizivelmente. E quando ela estiver com nossos filhos e inchada com a minha mordida, eu a exibirei na sua frente, e você se arrependerá de cada coisa vil que você..."

Minha liberação é violenta e intensa. Minhas coxas tremem e eu me agarro ao pau de Gabriel, tomada pelo prazer que faz minha espinha se dissolver e meus músculos se contraírem. Devo ter perdido a consciência porque não ouço o resto do que ele diz. No meu próximo momento de consciência, estou mole em seus braços, vazia, feliz. Ele me embala com carinho, mais do que eu imaginava que ele fosse capaz. Seu nó empurra as paredes da minha boceta, me abrindo, me preenchendo.

O gozo dele e o meu escorrem pelas nossas coxas, misturados. Acumulam-se no chão. A liberação de Gabriel ainda não terminou, mas consigo sentir seu sorriso se abrir contra minha garganta. É mais prazeroso do que eu jamais imaginei.

"Meu", ele diz. Então, ele nos puxa para a cama e me achata debaixo dele,

nos afastando de Lennart e de seu choro quase silencioso e inconsequente.

Os tremores do meu orgasmo ainda me percorrem. "Você está falando sério", eu digo.

Não é uma pergunta, mas ele me dá um beijo na bochecha. "Sim", ele diz. Simples. Direto ao ponto. Não tenho dúvidas de que ele fala sério.

E de repente, uma risada irrompe de mim.

"O quê?" ele pergunta.

“Só... as crianças que você mencionou.” Balanço a cabeça, mas não consigo parar de rir.

Gabriel me puxa para mais perto dele. "Hmm?"

“Quando eles perguntam como seus pais se conheceram, como você vai explicar isso a eles?”

Ele me dá um beijinho divertido atrás da orelha. "Vamos pensar em alguma coisa." Ele suspira contra a minha pele, e eu me permito sorrir também.

Capítulo 23
O FIM

Sófia

Coisas que mudam muito às vezes não mudam nada.

Lara ainda é minha melhor amiga, mesmo morando na ala militar e sendo treinada por Martia para se tornar engenheira. A Casa Larsen ainda é poderosa, mas sua líder agora é uma Alfa de outro ramo da família, e ela está muito mais disposta a colaborar com o exército. Lennart e Lady Larsen ainda estão vivos, mesmo que não desfrutem mais do privilégio que sempre tiveram.

Eu ainda sou uma curandeira, e Gabriel ainda é o general, só que hoje em dia sou eu quem trata de todos os seus ferimentos. Os Lows estão se tornando mais raros e curtos, mas quando chegam, ele me leva para fora e passa horas me encarando sob a luz do sol pura e sem filtros. Meu pai ainda não está, mas sei que ele ficaria feliz e orgulhoso de mim. Continuo caminhando por um corredor de pedra, descalça, em direção à minha cerimônia de acasalamento. O vestido que estou usando desta vez, porém, é muito mais bonito do que da última vez.

"Só posso imaginar o quão deslumbrante você estará na sua *terceira* cerimônia de acasalamento", diz Bastian do meu lado.

"Deixe minha futura irmã em paz", Ivar adverte, revirando os olhos.

"O que quero dizer é que o teatro disto parece redundante", diz Bastian. "Protocolo pelo protocolo."

"Um senescal que odeia o protocolo", penso. "Que interessante."

“Considerando que sua marca de mordida é do tamanho desta fortaleza, não sei por que estamos passando por essa formalidade, mas se é importante para o general, quem sou eu para —”

"Chegamos." A mão de Ivar aperta meu ombro. "Alguma última palavra?"

Penso nisso. Balanço a cabeça. Vejo as portas se abrirem.

Do outro lado, Gabriel sorri para mim.

Murmuro para mim mesmo: “Agora, *este* é o resto da minha vida.”



Não se cansa de Ali Hazelwood? Confira… *Noiva*